

IMAGOLOGIA

COLETÂNEA DE ENSAIOS DE HUGO DYSERINCK I

Organização, apresentação e revisão:

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

Tradução

(autorizada pelo autor)

Fábio Chiqueto Barbosa
Jael Glauce da Fonseca
Karola Maria Augusta Zimmer
Moriçá de Souza Torres

Membros do grupo de pesquisa RELLIBRA
“Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de língua alemã”

2005

Como citar:

Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book.

Sumário

Perspectivas imagológicas: Apresentação:	03
<i>Celeste H. M. Ribeiro de Sousa</i>	
1. O problema das <i>images</i> e <i>mirages</i> e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada	11
<i>Karola Zimber</i>	
2. As fontes da teoria da <i>négritude</i> como objeto de estudo da imagologia literária	26
<i>Karola Zimber</i>	
3. Imagologia literária: para além da imanência e transcendência da obra	39
<i>Moriçá de Souza Torres</i>	
4. Imagologia literária: o alcance político de uma ciência europeia da literatura	54
<i>Moriçá de Souza Torres</i>	
5. Sobre o desenvolvimento da imagologia literária	72
<i>Jael Glauce da Fonseca</i>	
6. A problemática da nacionalidade vista da perspectiva da literatura comparada	87
<i>Fábio Chiqueto Barbosa</i>	

Perspectivas imagológicas

Apresentação

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

Como citar:

Ribeiro de Sousa, Celeste. Perspectivas imagológicas. Apresentação. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book.

A imagologia, enquanto investigação de imagens de países veiculadas em obras literárias, está presente na literatura comparada desde o início, desde que, por exemplo, Madame de Staël publica em 1800 *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, em 1807 *Corinne ou l'Italie* e em 1810 *De l'Allemagne*, com o intuito cosmopolita da época, que era o de facilitar o conhecimento, o intercâmbio entre o eu nacional e o outro estrangeiro, embora tenha com isso, e apesar da boa intenção, criado uma série de tipificações, generalizações, estereótipos, cuja repercussão ainda hoje é sentida.

A imagologia está presente na obra de mestres da literatura comparada, tais como Hippolyte Taine, Émile Hennequin, Gustav Lanson, Fernand Baldensperger¹, Paul Hazard, Jean-Marie Carré, Marius-François Guyard.

Sua existência só será abalada por René Wellek em 1955 e em 1958, durante o primeiro e o segundo congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, respectivamente, em Veneza e em Chapel Hill (USA), quando em suas comunicações o estudioso coloca a literatura comparada, e com ela a imagologia, em crise, ao levantar problemas quanto à fragilidade teórica da disciplina, quanto à ausência de um objeto de estudo definido e de um método específico². A imagologia seria, para ele, uma investigação exterior aos estudos literários (lembremo-nos que Wellek era adepto do formalismo russo e do *new criticism* americano e, portanto, da análise imanente de textos literários), além do que a pesquisa imagológica incidiria sobre fragmentos de textos, sem que houvesse possibilidade de integrá-los numa unidade significativa. Embora Wellek, decididamente, tenha chamado a atenção para o exercício imprescindível da análise textual no campo da literatura comparada e da imagologia,

¹ - O ensaio "Literatura comparada: a palavra e a coisa", de Fernand Baldensperger, encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 65-88.

² - Leia-se: Wellek, René - *Conceitos de crítica*. São Paulo, Cultrix, s.d.

não ofereceu, contudo, alternativas às críticas que fez no que diz respeito à fragilidade teórica da disciplina, e à ausência de um objeto de estudo definido ou de um método específico.

Nesse quesito, quem vai se distinguir é o checo Dionýz Durisin com a publicação, em 1970, de seu livro sobre literatura comparada³.

A partir destas ocorrências, o mundo da literatura comparada vê-se, então, diante do que alguns chegaram a considerar 3 “escolas” com tendências diferenciadas, a saber, a francesa, a norte-americana e a russa⁴.

A imagologia, depois da “crise” desencadeada por Wellek, vai ser resgatada e trabalhada na Alemanha, sobretudo, no Departamento de Comparatística da Universidade de Aachen pelo belga Hugo Dyserinck e seus discípulos.

A presente coletânea dá ênfase, por essa razão, aos textos que este comparatista produziu sobre imagologia, entre eles: “O problema das ‘images’ e ‘mirages’ e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada”; “As fontes da teoria da ‘negritude’ como objeto de estudo da imagologia”; “Imagologia: para além da imanência e transcendência da obra”; “Imagologia: o alcance político de uma ciência europeia da literatura”; “Sobre o desenvolvimento da imagologia”; “A problemática da nacionalidade vista da perspectiva da literatura comparada”.

A sequência em que os ensaios são apresentados obedece a um critério cronológico, a fim de promover, junto ao leitor brasileiro, um entendimento da evolução, um tanto atribulada, da imagologia.

Começamos, então, pelo texto “O problema das ‘images’ e ‘mirages’ e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada”, de Dyserinck, publicado em 1966. Este ensaio constitui, diríamos, a primeira resposta à intervenção de Wellek nos congressos acima mencionados. Dyserinck inicia por contextualizar a imagologia dentro da obra de Guyard, tecendo comentários ao capítulo “O estrangeiro tal como é visto”, para voltar em seguida a Carré, e demorar-se no questionamento instaurado por Wellek em relação à pertinência do estudo das imagens de países ao âmbito da literatura comparada nos célebres congressos citados. Depois das considerações feitas por Wellek⁵, o silêncio em

³ - A edição em alemão é: Durisin, Dionýz - *Vergleichende Literaturforschung*. Berlin, Akademie, 1972.

⁴ - Leia-se: Carvalho, Tania - *Literatura comparada*. 4a ed. São Paulo, Ática, 1999 e Nitrini, Sandra - *Literatura comparada*. São Paulo, Edusp, 1997.

⁵ - Leia-se: Wellek - A crise da literatura comparada. Trad. Maria Lúcia Rocha-Coutinho. In: Coutinho, E. & Carvalho, Tania - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 108-119, e Wellek, René - O nome e a natureza da literatura comparada. Trad. Marta de Senna. In: Coutinho, E. & Carvalho, Tania - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 120-148.

torno da pesquisa de *images* havia-se tornado, por um lado, absoluto, mas, por outro lado, grupos houve que, ignorando Wellek, deram continuidade a suas investigações. Dyserinck observa que este desdobramento em nada ajudou a imagologia, porque as duas direções tomadas ficaram demasiado distantes entre si. No presente ensaio, Dyserinck mostra que, embora Wellek tivesse razão em muitas de suas colocações, não havia porque atacar tão fortemente as lacunas de Carré ou mesmo de Guyard, já que os dois estavam inseridos dentro dos avanços peculiares à época. Em contrapartida, Dyserinck defende a pertinência da investigação de *images* aos estudos literários, já que as *images* fazem parte da tessitura do texto e de seus sentidos e, portanto, exigem a análise literária imanente, reivindicada por Wellek. Além disso, Dyserinck defende o direito do estudioso de literatura de ultrapassar o domínio do texto e de entrar em contato com outras áreas do conhecimento, tais como a sociologia, a etnopsicologia, etc. O autor enumera, em seguida, todas as razões pelas quais, o exame de *images* de um país em obras literárias pertence, sim, à literatura, recolocando, desta forma, a imagologia no âmbito da literatura comparada.

No segundo ensaio “As fontes da teoria da ‘negritude’ como objeto de estudo da imagologia”, publicado em 1980, Hugo Dyserinck examina a chamada teoria da *négritude*, vendo-a como uma espécie de racismo com sinal invertido, embora muitos na Europa a tenham considerado *como uma das manifestações mais importantes do processo de desenvolvimento de uma autoconsciência dos povos africanos e do fortalecimento de sua própria personalidade*. Para explicar esse ângulo de observação, o ensaísta vai buscar apoio à comparatística, ou mais precisamente, à imagologia que, desde Louis-Paul Betz⁶, tem como objeto de estudos as relações internacionais na literatura. Dyserinck passa em revista, neste ensaio, o modo como o negro foi visto na Europa desde o século XVIII até o século XX: *por um lado [...] uma imagem negativa [...], claramente sob a influência do pensamento racista em evidência, que se manifesta sobretudo na literatura de viagens e na literatura especializada; por outro lado, uma nova imagem negrofílica, com características filantrópicas, que aparece principalmente na literatura, como uma espécie de contrapeso ao colonialismo. E, finalmente temos a moda da África na primeira metade do século XX [...]. Um ponto alto desta moda é o surrealismo [...]*. Na análise da teoria da *négritude*, o autor parte,

⁶ - O ensaio “Observações críticas a respeito da natureza, função e significado da história da literatura comparada”, de Louis-Paul Betz, encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 44-59.

portanto, dos bastidores em que se processou a construção das imagens a serem analisadas. Esta análise mostra que a teoria em pauta deita suas raízes na transformação de várias heteroimagens, transformação essa que acaba desembocando na construção de uma autoimagem, montada por jovens intelectuais africanos, entre eles Léopold Sédar Senghor que, tendo estudado na França dos anos 30, *apoderaram-se aí de uma imagem da arte e da cultura africana enquanto mundo do “emocional”, do que é “jovem”, etc., uma imagem que tinha sido desenvolvida pela vanguarda francesa e europeia em oposição ao pensamento positivista do século XIX [...], aceitaram essa imagem, na medida em que nela, em parte, se “reconheceram” [...], construindo, a partir desse todo, uma teoria que logo assumiu o caráter de visão de mundo.* No entanto, por detrás deste processo, outros, a este ligados, vão sendo desentranhados pela análise imagológica de Dyserinck.: um processo de transformação de heteroimagens em autoimagem embutido no *Sturm und Drang* alemão, especialmente em Goethe, conhecido e admirado por Senghor, enquanto conscientização nacional, por parte da Alemanha que, assim, achava sua identidade opondo-se ao racionalismo francês. Dyserinck ainda refere outras fontes alemãs presentes na teoria da *négritude*, como é o caso Frobenius - um etnólogo alemão que escreveu uma história cultural da África, publicada em 1933. O processo de criação da identidade africana passa pela transferência e adaptação de um outro processo similar ocorrido anteriormente na Alemanha.

O terceiro ensaio de Dyserinck, intitulado “Imagologia: para além da imanência e transcendência da obra”, publicado em 1982, como o título indica, concentra-se nas possibilidades do trabalho imagológico, que se colocam além da análise intrínseca e extrínseca do fenômeno literário. Na verdade, o fulcro que move a comparatística e a imagologia está além da preocupação com o *literariamente intrínseco e extrínseco*, embora esta preocupação não seja de modo algum descartável e descartada. O fulcro que move a comparatística e a imagologia assenta na análise da experiência do que é estrangeiro. A comparatística e a imagologia reconhecem fronteiras políticas e fronteiras de expressão literária. Assim, *a análise comparativa das imagens de outro país, considerando-se respectivamente a experiência com o estrangeiro, que ultrapassa fronteiras, não pode mais ser feita de um ponto de vista, que persegue o objetivo de completar, em primeiro lugar, o conhecimento da obra de um determinado autor - e com isso também a história de uma literatura específica. Ela deve muito mais ser acionada - e justamente no que diz respeito à consciência da importância que as*

fronteiras têm para cada literatura específica - de uma perspectiva especificamente supranacional. Ou seja, as imagens devem ser vistas para além de sua ligação primária com sua área de origem na respectiva literatura nacional, isto é, sempre em sua função multinacional, - e cada vez mais levando-se em conta as diversas perspectivas “nacionais” e sem a menor supremacia de uma delas. Reconhecem-se, então, as estruturas imagotípicas, normalmente ligadas a contextos políticos que ultrapassam o literário, mas que só são passíveis de serem atingidas através da análise imagológica. A imagologia comparada promove, assim, a desideologização das imagens, enveredando pelo questionamento de seu status ontológico, ou seja, pela problemática que envolve a representação. Dyserinck termina o ensaio dizendo: que a imagologia comparada trabalha com um determinado tipo de objetos, que também podem funcionar fora da literatura e do seu contexto; que a imagologia comparada, num campo de pesquisa interdisciplinar maior [...] tanto pode investigar problemas interculturais, como pode encontrar sua realização até em um exame geral da problemática das nacionalidades; que a imagologia comparada não deve investigar as imagens somente com o objetivo de superá-las; mas devem-se questionar as necessidades especiais do homo politicus a que se encontram ligadas; que a imagologia comparada também deve examinar as respostas dadas juntamente pela estranha e estreita ligação existente entre os processos imagotípicos e a literatura lato sensu.

No quarto ensaio, “Imagologia: o alcance político de uma ciência europeia da literatura”, publicado em 1988, Dyserinck aprofunda a visão que tem do assunto. Num esforço de divulgação e de defesa da legitimidade dos estudos de imagologia, enquanto modalidade de investigação literária, Dyserinck retoma primeiro questões já discutidas em ensaio anterior para, depois, entrar na especificidade do trabalho comparatístico entre as diversas literaturas específicas, ou literaturas de expressão linguística específica, em especial no que se refere à imagologia *como ramo mais avançado de uma “littérature comparée”*, antecipando a mudança de *paradigma de um modelo de pesquisa da produção para um modelo de pesquisa da recepção*. Dyserinck chama a atenção, neste ensaio, para o fato ainda pouco reconhecido, inerente aos estudos de imagologia comparada, qual seja, o seu alcance político. Discorre, em seguida, sobre as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Departamento de Comparatística da Universidade de Aachen, que dirigiu até sua aposentadoria, para mostrar a origem ou a *legitimidade dos objetivos políticos deste tipo de pesquisa literária*. Oferece exemplos da literatura belga de expressão francesa. Afirma a necessidade do uso de uma

perspectiva supranacional no trabalho de comparação entre duas ou mais literaturas específicas, relativizando o que se entende como características nacionais ou *modelos de pensamento nacionais*. Toca no problema das heteroimagens e de sua ligação com a formação da consciência nacional, que *nada mais é que um certo modo de formação de autoimagem*. Usa a teoria da *négritude* como ilustração do poder dos imagotipos. Termina por comentar as limitações inerentes ao estudo comparatístico e esclarece que isso não constitui motivo para não se reconhecer validade a tais estudos.

No quinto ensaio “Sobre o desenvolvimento da imagologia”, surgido em 1988, Dyserinck retoma a necessidade do emprego do que chama de perspectiva supranacional nos estudos de imagologia literária e insere a ideia de *neutralidade cultural*, como outro pressuposto para o trabalho comparatístico, ideia que vai buscar a Georges Devereux. Advoga a independência inequívoca entre estudos de imagologia/literatura comparada, no que concerne ao método e ao objetivo de tais estudos, separando-os das diversas filologias que, no passado, se imiscuíam nos estudos literários e nos estudos de literatura comparada, quando esta disciplina apenas admitia a comparação entre obras de apenas uma literatura específica, como era o caso da literatura comparada francesa. Adverte que as perguntas que a imagologia hoje se coloca são: como se veem os povos uns aos outros e o que se pode aprender dessa rede de imagens e de suas repercussões para fora das fronteiras da literatura, para melhorar os mecanismos que regem as relações multinacionais e mesmo internacionais. Oferece ilustrações tiradas de pesquisas realizadas no âmbito das literaturas produzidas por regiões de fronteiras móveis entre o próprio e o estrangeiro, como é o caso dos Países Baixos na Europa, reconhecendo que, embora a imagologia utilize o material literário como fonte de suas investigações, não lhe cabe resolver questões referentes à identificação da natureza da literatura.

O sexto e último ensaio desta coletânea *A problemática da nacionalidade vista da perspectiva da literatura comparada*, veio a lume em 1989. Neste texto, Dyserinck começa por afirmar que os conceitos de “povo”, “nação”, “estado”, nem sempre tiveram o significado que hoje lhes damos, ou seja, o significado de sentimento nacional. Este significado surgiu com o Romantismo, foi veiculado sobretudo pela literatura e, até hoje, mostra-se arredo a ser delineado com clareza. O despontar da consciência de que existiam/existem diversas culturas na Europa, bem como o estabelecimento de várias nacionalidades deram origem, por seu lado, à necessidade de se fazerem comparações entre as variadas literaturas específicas, para se detectarem semelhanças, diferenças e

relações entre elas, necessidade a que Jean-Marie Carré chamou de *l'étude des relations spirituelles internationales*. Mme de Staël teria sido a primeira a desenvolver uma teoria das diferenças entre as literaturas do norte e as literaturas do sul, diferenças entre a Alemanha e a França, dentro de um contexto maior que seria o *esprit européen*. Descobriu-se, depois, que a pesquisa de supostas diferenças entre literaturas específicas poderia relativizá-las e, mesmo, levar a um melhor entendimento entre os povos. Era preciso, pois, criar um método adequado de trabalho que viria a basear-se na obediência a uma perspectiva supranacional e à aquisição de neutralidade cultural. Paul Hazard foi um dos primeiros comparatistas a mostrar com clareza o que se deveria entender por perspectiva supranacional: em resumo, seria uma perspectiva europeia abrangente, em que caberiam todos os países da Europa. Paul Van Thiegem também trabalhou com este conceito e, mais tarde, Ernst Robert Curtius. Assim, *no estudo dos testemunhos culturais produzidos pelas pessoas de uma determinada região, ou de um determinado país, (isto é, na língua da região em tela), o importante era ir em frente com uma posição desprovida de influências do sentimento patriótico, próprio da região em pauta, e sem compromissos com categorias históricas de valores ou com classificações válidas apenas para a citada região. Em outras palavras: a perspectiva supranacional, aqui discutida, era pura e simplesmente uma outra perspectiva, diferente da nacional-filológica que, de fato, compreende muito claramente uma combinação do pensamento literário com o histórico-cultural nas categorias da "própria" tradição*. Neste caso, a literatura comparada vai buscar um paralelo às ciências da religião. Depois da Segunda Guerra Mundial, a imagologia, dentro da literatura comparada, veio também contribuir para relativizar a imagem de outros países e mostrar que só é possível ter uma consciência nacional (uma autoimagem) no confronto com o conhecimento do outro (heteroimagens). Ilustração exemplar deste processo de relativização do conceito de nação encontra-se no espaço "Benelux"⁷.

Em tempos de "globalização" de informações, da economia e da cultura, como são os nossos, sem dúvida, a imagologia oferece ao estudioso de literatura uma forma de participar e de interceder criticamente nesse processo, ajudando a ver com clareza a manipulação (consciente ou inconsciente) das imagens que uns países (hegemônicos) têm de outros (periféricos) e vice-versa, e mesmo das imagens que estes países têm de si mesmos em relação aos outros.

⁷ - Benelux é o nome dado ao espaço ocupado hoje pela Holanda, pela Bélgica e por Luxemburgo que, no passado já foi conhecido por Países Baixos, por Flandres, por Valônia, etc.

O problema das *images* e *mirages* e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada*

Tradução Karola Zimmer

Como citar:

Dyserinck, Hugo. O problema das *images* e *mirages* e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada. Trad. Karola Zimmer. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book

Divergências de opinião quanto à metodologia, certamente, são muitas vezes exageradas ou, então, os interessados se empenham de tal forma na discussão, que se esquecem de dar a devida atenção à pesquisa propriamente dita. Não faltam alertas em relação a este perigo. Menos atenção tem sido dada a outro perigo, ao se considerarem discussões metodológicas tão desagradáveis, a ponto de se desistir das mesmas. A pesquisa passa, então, a ocupar-se de objetos em que o problema desagradável do método não entra em debate. Tal fato pode resultar, por sua vez, no descaso de sugestões valiosas, tanto no que se refere ao método quanto à pesquisa.

Este último aspecto parece valer, sobretudo, para um complexo de questões, até há alguns anos no centro de interesse da literatura comparada, tendo sido deslocado de uma posição principal de nossa especialidade para uma posição secundária, em que mal tem merecido atenção. Estamos falando da pesquisa, em literatura, da *imagem do outro país*, isto é, das *images* ou *mirages*, enquanto novos e importantes objetos de pesquisa, recomendados por diversos representantes da escola francesa de literatura comparada, logo após o fim da 2ª Guerra Mundial.

No livro *La littérature comparée*⁸ de 1951, planejado como um pequeno manual, Marius-François Guyard, foi ao ponto de dedicar ao problema *L'étranger tel qu'on le voit*⁹, um capítulo próprio e recomendar este aspecto da pesquisa como sendo uma tarefa nova e de grande futuro para a literatura comparada. Referiu-se a *un point de vue*

* - Dyserinck, Hugo - Zum Problem der 'images' und 'mirages' und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft. In: *Arcadia*. Zeitschrift für Vergleichende Literaturwissenschaft. Band 1, 1966, p. 108-120. Trad. Karola Maria Augusta Zimmer, pesquisadora do grupo RELLIBRA - "Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de língua alemã". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

⁸ - Guyard, Marius-François. *La littérature comparée*. Paris, Presses Univ. de France, 1951. (Col. *Que sais-je?*, n° 499). As citações que se seguem provêm da primeira edição.

⁹ - Nota da revisora: (O estrangeiro tal como é visto). Existe tradução deste capítulo em: Guyard, Marius-François - *Literatura comparada*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1956.

*nouveau*¹⁰, constatou com satisfação que o interesse crescente por este ramo da pesquisa já havia levado a *un changement de perspective* e a uma *véritable renouvellement de la littérature comparée*¹¹ e explicou, finalmente, que os fenômenos ainda por estudar neste contexto seriam *des questions dont l'intérêt dépasse la seule littérature, pois les résoudre, c'est apprendre aux peuples à se mieux connaître en reconnaissant leurs illusions*¹². Sabemos que a teoria de Guyard encontrou amparo ainda em um *avant-propos*¹³ de Jean-Marie Carré, em que este se manifesta expressamente a favor das concepções de seu discípulo. Jean-Marie Carré é um dos velhos mestres da literatura comparada francesa, cujo livro sobre *Les écrivains français et le mirage allemand* é citado por Guyard como exemplar para o novo ramo de pesquisa.

O que aconteceu na época tornou-se amplamente conhecido nos círculos profissionais: René Wellek, o pesquisador mais representativo dos EUA no campo da literatura comparada, no 2º volume do *Yearbook of comparative and general literature* (1953), reagiu com uma crítica, muito divulgada, ao desenvolvimento da concepção francesa de literatura comparada¹⁴ e, no 2º Congresso da I.C.L.A. (Chapel Hill, 1958), dirigiu-se mais uma vez, de forma enérgica, contra aquilo que considerava um desvio, tanto nas posições tradicionais dos franceses, quanto nas suas novas propostas¹⁵. Também a questão relativa à *imagem do outro país* foi abordada, e até focalizada de forma destacada. Wellek apontou, entre outras coisas, para o perigo do desvio em direção a fenômenos degenerativos, como havia acontecido com a *Stoffgeschichte*¹⁶. Wellek advertiu, também expressamente, para a possibilidade de a literatura comparada vir a tornar-se uma espécie de ciência auxiliar a serviço das relações internacionais, caso se aceitassem as propostas de Guyard e Carré. Wellek constatou que a pesquisa das

¹⁰ - (um novo ponto de vista), id. *ibid.* (original), p. 110.

¹¹ - (mudança de perspectiva e uma verdadeira renovação da literatura comparada). id. *ibid.* (original), p. 111.

¹² - (questões em que o interesse ultrapassa a própria literatura, pois resolvê-las é ensinar aos povos a se conhecerem melhor, reconhecendo suas ilusões), id. *ibid.* (original), p. 119.

¹³ - Prefácio. Nota da revisora.

¹⁴ - Trata-se do texto "The concept of comparative literature" (O conceito de literatura comparada) In: *Yearbook of comparative and general literature 2* (1953): 1-5. Nota da revisora.

¹⁵ - *The crisis of comparative literature*, in: Proc. Second Congress ICLA, Chapel Hill 1959, 149 ff. O ensaio encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 108-119. Nota da revisora.

¹⁶ - O termo alemão *Stoffgeschichte*, surgido com o Positivismo, propunha à época, em especial entre 1920-30, um exame das múltiplas transformações e atualizações de um "assunto" ou de um "motivo" em várias obras de diferentes (ou de uma mesma) literaturas, ao longo de um determinado período de tempo, opondo-se, assim, à "pesquisa das fontes" até então praticada no âmbito da literatura comparada. É ainda hoje usado sem tradução no âmbito da disciplina. Corresponderia a algo como "história dos temas", algo como, por exemplo, o estudo diacrônico do elemento fáustico em diversas obras de várias literaturas. Nota da revisora.

mirages e images, tal como sugerida por Carré e Guyard, não era nem mesmo tarefa da ciência literária.

Em consequência do caráter fundamental e programático desta crítica que foi, como se sabe, bem além do problema do *L'étranger tel qu'on le voit*, alguns círculos profissionais começaram a aceitar a possibilidade de passarem a existir duas "escolas" de literatura comparada, uma francesa e uma americana. O posterior desenvolvimento em âmbito internacional mostrou, no entanto, que o receio da separação, entre duas escolas geograficamente distintas, era cada vez mais infundado, mas notou-se, de forma igualmente enfática, que o silêncio em torno do problema do *outro país* cresceu. Em certos círculos, aumentava cada vez mais a tendência para eliminar a pesquisa da *mirage e image* do estudo da literatura comparada, ao mesmo tempo que, no campo oposto, se prosseguia no caminho traçado por Carré, frisando de forma mais acentuada o interesse social e político, sem dar muita atenção à crítica e às indicações de Wellek.

Essa evolução dupla e divergente com relação ao tema não foi nada satisfatória. Em vez de se aterem ao problema em pauta, levantado por Wellek, os pontos de vista distanciaram-se cada vez mais e, no fundo, o assunto foi abandonado sem ser resolvido. Realmente, a recomendação dos comparatistas franceses quanto à pesquisa *da imagem do outro país* abria novas perspectivas que deviam ter recebido mais atenção, apesar das restrições formuladas por Wellek contra Carré. Por outro lado, é possível detectar nas tomadas de posição de Wellek estímulos que, no decorrer de outras discussões e adotando talvez um caminho intermediário, poderiam ter se desenvolvido de forma bem mais frutífera ou positiva daquela ocorrida. A questão, que deveria ter sido esclarecida, não consistia nem, por um lado, na alternativa entre o método aplicado por Carré em *Les écrivains français et le mirage allemand* nem, por um outro, na desistência total em pesquisar a *imagem do outro país* na literatura; a pergunta deveria ser antes de tudo: a pesquisa das *mirages e images* tem ainda algum sentido para a pesquisa literária em geral ou para a literatura comparada em particular, algum sentido que não tenha nada a ver com aspectos primariamente sociais, psicológicos nacionais ou políticos, ou seja, existe uma pesquisa das *mirages e images* útil ou necessária dentro do âmbito de uma literatura comparada autônoma?

Outras tentativas de mediar ou intervir de forma esclarecedora no debate entre o ponto de vista 'americano' e o ponto de vista 'francês' não tiveram sentido e também não o teriam hoje. Pois, as tentativas de defender completamente o método de Carré, contra Wellek, só poderiam conduzir, em última análise, ao desenvolvimento de um ramo da

pesquisa, sob a denominação de literatura comparada, que teria sua importância, mas que teria tanto a ver com a pesquisa literária quanto com a sociologia ou a etnopsicologia, por exemplo, quando estas se utilizam de material literário.

Esta constatação, diga-se de passagem, não implica de forma nenhuma na depreciação de pesquisas predominantemente sociológicas ou etnopsicológicas das *mirages* e *images*. O estudioso da história da literatura deve também ter o direito de se ocupar de tais estudos e deve ser-lhe permitido, partindo de seus conhecimentos especializados, entrar em um campo que está fora de sua área propriamente dita, especialmente quando ele acredita - e muitas vezes acredita com razão - contribuir, por exemplo, para o melhor conhecimento dos povos, ou mesmo para a compreensão entre os povos. Acrescente-se que não deve ser desprezado o argumento, segundo o qual pesquisas sociológicas e etnopsicológicas, no que se refere aos estereótipos e à formação de opinião só podem ser completas quando também os dados da história da literatura são incluídos e quando, portanto, historiadores da literatura estão dispostos a dar a sua contribuição¹⁷. Mas isto tudo nada tem a ver com o problema mais importante, colocado diante de nós pelos argumentos de Wellek, pertinentes e intrinsecamente corretos. O que interessa, neste momento em primeira linha, é o esclarecimento da questão mencionada e que até agora não teve resposta. Ela pode ser respondida afirmativamente, pois existem possibilidades de pesquisar a *imagem do outro* na literatura, que resistem às mais sérias objeções contra deturpações e que não deveriam ser desprezadas, sobretudo, no futuro interesse de uma literatura comparada que se preocupa, em primeiro lugar, com seu caráter de ciência da literatura.

Primeiramente, queremos afirmar que há casos comprovados em que uma *mirage* ou *image* tem, no contexto de uma determinada obra literária, uma função intrínseca ao texto, sendo, portanto, obrigatório dela tratar, nos limites inequívocos da assim chamada pesquisa interna, se se quiser captar cabalmente o dito texto em todo o seu significado e, de modo correspondente, no contexto maior da história da literatura¹⁸. Certamente, as obras em que as imagens desempenham tal papel não são abundantes, mas elas existem e, em determinadas épocas da literatura, ocorrem com maior

¹⁷ - Compare, entre outros, com: Abel, Miroglio - *La psychologie des peuples*. Paris 2, 1962, cap. 2.

¹⁸ - É preciso acrescentar aqui que, já em 1950, o germanista de Amsterdã Herman Meyer, numa palestra sobre *Das Bild des Holländers in der deutschen Literatur* (in: *Forsch.probleme der Vgl. Litgesch.*, Tübingen, 1951, p. 171 e seguintes) havia apontado para o fato de que, junto com as imagens de significado puramente sociológico, existem outras que inequivocamente pertencem àquela 'realidade independente' que constitui a obra de arte.

frequência do que em outras. O Romantismo conheceu essas *mirages*. E podemos também encontrá-las na literatura do século XX.

Na literatura do século XX, por exemplo, poderemos tratar rapidamente de um exemplo que nos parece característico sob muitos aspectos: o *Journal d'un Curé de Campagne* de Georges Bernanos. O leitor vai se recordar das diversas discussões entre o padre, já marcado pela doença, e seu colega de trabalho mais velho, o 'realista', 'enérgico', Curé de Torcy. O que acontece entre os dois religiosos - não deveriam existir dúvidas quanto a isto - constitui, com certeza, uma parte importante de todo o trágico processo que dá forma ao conteúdo do livro. Trechos importantes do que o Curé de Torcy diz ao jovem padre durante as conversas, e que evidenciam, de forma bem clara, a diferença entre o pensamento e o caráter dos dois, é um pedaço de 'image' ou 'mirage'. O Curé de Torcy, realmente, não deixa passar uma oportunidade para justificar ou, pelo menos, relacionar sua opinião, quanto aos problemas em debate, com o fato de ser flamengo. Já na primeira conversa, quando quer induzir seu jovem companheiro a ser, sobretudo, mais positivo e ter mais coragem diante da vida, ele se refere à sua ascendência flamenga. Falando de si mesmo, diante de um quadro *qui représente un Enfant Jésus bien joufflu, bien rose, entre Lâne et le boeuf*¹⁹, um velho presente de sua madrinha, que lhe é especialmente caro, caracteriza a Flandres e os flamengos da seguinte maneira:

*Nous autres, mon petit, nous sommes des Flandres, un pays des gros buveurs, des gros mangeurs - et riches... Vous ne vous rendez pas compte, vous, les pauvres noirauds du Boulonnais, dans vos bicoques de torchis, de la richesse des Flandres, des terres noires! Faut pas trop nous demander de belles paroles qui chavirent les dames pieuses, mais nous en alignons tout de même pas mal, de mystiques, mon garçon! Et pas des mystiques poitrinaires, non. La vie ne nous fait pas peur: un bon gros sang bien rouge, bien épais, qui bat à nos tempes même quand on est plein de genièvre à ras bord, ou que la colère nous monte au nez, une colère flamende, de quoi étendre roide un boeuf - un gros sang rouge avec une pointe de sang bleu espagnol, juste assez pour le faire flamber*²⁰.

¹⁹ - (que representa um Menino Jesus bem bochechudo, bem rosado, entre o jumento e o boi). *Journal d'un curé de campagne*, Paris, 1947, p. 18.

²⁰ - (Nós, meu rapaz, nós somos da Flandres, um país de bons garfos e bons copos - e ricos... vocês não se dão conta, vocês os pobres morenos de Boulonnais, em seus casebres de pau-a-pique, da riqueza da Flandres, das terras negras! Não nos peçam palavras extremamente belas, que desvançam as senhoras piedosas, mas, ainda assim, nós sabemos alinhavar algumas, místicas, meu rapaz! E não são místicas tuberculosas, não. A vida não nos mete medo; um sangue bem grosso, bem vermelho, bem espesso, que

Durante a conversa, na 2ª parte, quando se fala das injustiças sociais, diz-se, entre outras coisas : *Nous autres, Flamands, nous avons la révolte dans le sang! Rappelle-toi l'histoire! Les nobles et les riches ne nous ont jamais fait peur*²¹. É em torno deste pensamento que se desenvolvem os comentários do Curé de Torcy, referentes aos dois movimentos que, na sua cosmovisão, são obviamente os mais importantes movimentos revolucionários no combate a injustiças legítimas ou imaginárias, isto é, o socialismo ou comunismo e o protestantismo. Como flamengo que tem a revolta 'no sangue', ele compreende estes movimentos. Ele se recusa, portanto, a condenar radicalmente o que os soviéticos fazem para alterar as condições sociais (*je ne crois pas les russes pis que les autres*²²). Falando ainda sobre os russos e esclarecendo melhor sua posição, ele diz: *Ce sont les Flamands de l'Extrême-Nord*²³. Uma posição semelhante, de tolerância, é demonstrada diante do protestantismo. Sua compreensão, para com a revolta diante da injustiça, também o faz entender o jovem Lutero - pelo menos, é o que pensa. Respondendo à pergunta se ele também reza por Lutero (pouco antes, havia contado que, durante anos, havia rezado diariamente por Maxim Gorki²⁴), ele responde: *Tous les jours. D'ailleurs, je m'appelle aussi Martin comme lui*²⁵. Em uma conversa posterior, ele cita também Ruysbroeck: *Ruysbroeck l'Admirable, un Flamand comme moi*²⁶.

O que existe aqui é, de fato, uma *image* ou *mirage*, um quadro demasiado conhecido, em que a Flandres aparece como uma terra cheia de força e vida, onde as pessoas 'não se deixam rebaixar' e onde as pessoas sabem combinar, de forma especialmente pitoresca, coragem de viver fundada em uma infra-estrutura agrária, com uma religiosidade profunda e ingênua. E tudo isso de uma forma que desperta a admiração dos países vizinhos. Essa 'mirage Flamand'²⁷ - como queremos denominá-la - que, na maioria das vezes, aparece na fórmula supostamente específica de uma dualidade flamenga *sensualité-mysticisme*²⁸, é um dos retratos mais difundidos e mais

lateja nas têmperas, mesmo quando se está encharcado de genebra até os ossos, ou quando a cólera nos sobe à cabeça, uma cólera flamenga, bastante para derrubar um boi - um grosso sangue vermelho com uma pitada de sangue espanhol, suficiente para o fazer pegar fogo). Id. *ibid.*, p. 18.

²¹ - (Nós, flamengos, nós temos a revolta no sangue! Lembre-se da história! Os nobres e os ricos nunca nos meteram medo). Id. *ibid.*, p.72.

²² - (Não acredito mais nos russos do que nos outros). Id. *ibid.*, p. 61.

²³ - (São os flamengos do extremo norte). Id. *ibid.*, p. 62.

²⁴ - Id. *ibid.*, p. 64.

²⁵ - (Todos os dias. Aliás, também me chamo Martin como ele). Id. *ibid.*, p. 74.

²⁶ - (Ruysbroeck, o Admirável, um flamengo como eu). Id. *ibid.*, p. 115.

²⁷ - (miragem flamenga).

²⁸ - (sensualidade-misticismo).

bem sucedidos da 'imagem do outro país', existente na Europa. É uma imagem artificial, originada, em parte, na pintura flamenga dos séculos XV e XVII e, em parte, também produto de uma aspiração nacional e regional, presente na pintura e literatura belgas (tanto da parte francesa como da parte flamenga) dos séculos XIX e XX. Estas relações não precisam ser analisadas aqui mais de perto. É, de qualquer forma, evidente que Bernanos, tendo passado parte de sua juventude no norte da França, na parte da Flandres pertencente à França, usou esta *mirage* como modelo.

É igualmente significativo (e isto também é muito característico das *mirages* literárias), que ele se permita as maiores liberdades em relação a certos detalhes concretos: O Curé de Torcy designa como seu lugar de origem a região em torno de Poperinghe (uma comunidade localizada na província belga da Flandres oriental); ele narra que, para sua formação como padre, o pai enviou-o primeiro para Saint-Sulpice (portanto Paris) e, mais tarde, trouxe-o de volta, ao se mostrar pouco adaptado aos métodos aparentemente lastimáveis aí adotados, sendo então recebido pelo seu bispo num seminário da região (*avec un petit mot d'une grand'tante, supérieure des Dames de la Visitation à Namur*²⁹, e assim por diante. Resumindo: os relacionamentos são descritos como se na época da juventude do Curé de Torcy não tivessem existido, entre a França e a Bélgica, nem fronteiras políticas nem eclesiásticas. Parece também que Bernanos não se preocupa nem um pouco com uso da palavra *Flandres*, significando o departamento francês *du Nord*, predominantemente industrializado, ou as províncias flamengas predominantemente agrárias da Bélgica. Trata-se simplesmente do processo habitual de generosa sobreposição à própria realidade quando do emprego de uma *mirage*.

Mas existe algo mais: também aqui, não é por acaso que é um flamengo, e não o representante 'típico' de uma outra província francesa qualquer, a anunciar sua simpatia pelo socialismo e pelo comunismo e a relacionar isso expressamente (sem que haja um motivo direto) com a declaração de sua simpatia por Lutero. O homem do 'norte', que tende para a indignação e revolta, que também revela simpatia pelo protestantismo, sendo-lhe talvez até acessível e que, além disso, mostra um certo grau de parentesco com o mundo eslavo (!) - esta é justamente a imagem que muito bem conhecemos dos escritos de um Charles Maurras, de um Henri Massis, de um Léon Daudet e assim por diante, isto é, a imagem criada pelos representantes daquela ala católica, de orientação

²⁹ - (com um bilhete de uma tia-avó, madre-superiora das "Senhoras da Visitação" em Namur). Id. *ibid.*, p. 20.

extrema-direita, empenhado na restauração da vida espiritual, ala que encontrou sua expressão política na 'Action Française', portanto, aquela ala com que Bernanos manteve um estreito contacto, e com que simpatizou abertamente até o ano de 1932. As oblíquas relações, em parte surpreendentes, existentes nos pensamentos do Curé de Torcy e, sobretudo, o paralelismo entre a Flandres e a Rússia têm sua origem numa imagem alimentada pelo culto à raça latina, em que ao mundo francês se contrapõe um mundo germânico-eslavo, onde de fato há revolta, protestantismo (também romantismo em oposição ao classicismo). A estrutura da imagem da Flandres veiculada pelo Curé de Torcy se identifica, portanto, com os elementos principais existentes no pensamento da 'Action Française' no que se refere ao espaço germano-eslavo e tendências similares. Apenas num aspecto existe uma importante diferença: enquanto os indícios de características ditas típicas num Maurras, Massis, Daudet, etc. são basicamente negativos, em Bernanos, eles se tornam, pelo menos em parte, nitidamente positivos. Talvez se trate de um fenômeno que levou ao rompimento com a 'Action Française'. Mas deixemos isso, porque para a definição do papel que a 'mirage flamand', em geral, desempenha no *Journal d'un Curé de Campagne*, este aspecto não é de importância decisiva.

Deixando de lado os casos, em que a pesquisa da *image* e da *mirage* pode ser realizada, sem se desistir do objetivo principal que é a interpretação da obra literária, existem ainda tarefas para este ramo de investigação que pertencem de forma evidente ao campo mais amplo da pesquisa literária, apesar de estarem, pelo seu caráter predominantemente sociológico, fora do âmbito mais estreito do 'intrinsic study of literature'.

Uma análise mais acurada de determinados pontos fracos em *Les écrivains français et le mirage allemand* de Jean-Marie Carré, bem como de alguns problemas não tratados por ele, poderia nos ajudar muito nesta tarefa. Qual era, afinal, o objetivo de Carré em seu livro? Ele queria intervir nos debates sobre a futura configuração das relações franco-alemãs, novamente colocadas na ordem do dia nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial. Buscou seu ponto de partida em Mme de Staël, a quem acusou de ter introduzido na França uma falsa imagem da Alemanha e de ter, com isto, alimentado bem para além do período romântico, certas simpatias francesas, inadequadas, para com a Alemanha. Este era, porém, um objetivo compreensível, diante das condições em que o livro surgiu, mas que excede de longe todos os limites da pesquisa literária. Além disso, uma boa parte do livro ocupou-se com a imagem da

Alemanha em historiadores, filósofos e mesmo escritores políticos. E, ao tratar de escritores, Carré preocupou-se muito mais com a opinião pessoal destes escritores do que com a imagem da Alemanha existente em seus livros. Resumindo: nesta obra de qualquer forma pouco abrangente, o elemento propriamente literário ficou claramente relegado a um segundo lugar.

Sem dúvida, a *mirage allemand* que Carré tinha como ponto de partida, era sobretudo de origem literária e desenvolveu-se inicialmente dentro do âmbito do interesse literário. Como historiador da literatura, ele poderia ter-se limitado a certos aspectos que, por um lado, poderiam ter levado a uma evidente configuração científico-literária e, por outro lado, tratado de determinados problemas do ponto de vista exclusivamente científico-literário de forma mais exhaustiva. De certa maneira, isto é válido já para a origem da imagem. Mas encontra sua validade suprema na questão muito mais importante do alcance de sua repercussão.

Em primeiro lugar, está o problema da difusão da *mirage allemand* durante o longo e diversificado período que Carré se propôs a estudar. Carré partiu da premissa de que as imagens falseadas da Alemanha, provenientes de Mme de Staël, eram co-responsáveis pelo desenvolvimento da política francesa em relação à Alemanha que, tanto em 1870 como em 1940, havia alcançado, nas derrotas, seu ponto mais baixo. Mas o que havia de correto nesta ideia? Hoje, quando a sociologia da literatura faz incidir seu interesse na relação entre obra e leitor e até desenvolve métodos para pesquisar essas questões, seria uma tarefa gratificante verificar de que modo uma tal imagem literária do *outro país* influencia, realmente, os juízos e preconceitos extra-literários. A ênfase, neste caso, deve ser colocada primeiro sobre o aspecto exclusivamente literário da *mirage* e, só depois, deve ser formulada a pergunta quanto ao alcance extra-literário. Enquanto as *images* ou *mirages* literárias exercerem, de fato, influência concreta sobre a opinião pública, poderão constituir objeto legítimo da pesquisa literária, pois a repercussão da literatura bem como sua gênese dela fazem parte. Mas, neste caso, também é tarefa desta pesquisa sócio-literária comprovar o como da repercussão e não apenas citar e alinhar irrefletidamente as *images* e *mirages*, sem considerar o que é importante e o que não é, como no caso de certos desdobramentos errados da *Stoffgeschichte*. Dito de outro modo: esta pesquisa só se torna científica, distinguindo-se da simples coleta de material, no momento em que a pergunta relativa à repercussão é colocada de maneira correta e passa a contribuir para sua elucidação.

Certamente não é fácil traçar as fronteiras entre uma tal pesquisa sócio-literária das *mirages* e *images*, parte legítima de uma ciência abrangente da literatura, e as pesquisas que são, sobretudo, sociológicas e se utilizam da literatura apenas com fonte. Contudo, a novíssima sociologia da literatura demonstrou que o pesquisador literário também pode usar com sucesso certos caminhos que não implicam em ultrapassar os limites de seu campo específico. Neste contexto, apontaremos apenas para as sugestões apresentadas, em tempos bem recentes e repetidas vezes, por Robert Escarpit³⁰.

Quem, no entanto, tiver objeções a esse caminho, por não julgar possível traçar limites nítidos em relação à sociologia, ou por julgar que já se trata de uma extrapolação do campo da respectiva competência, a esse abre-se um novo campo. A inclusão deste novo campo na ciência da literatura não é mais passível de qualquer dúvida: trata-se do papel que as *mirages* e *images* também desempenham na difusão das literaturas nacionais para além da sua origem, em consequência de sua repercussão sobre o público leitor. A imagem do outro país determina também, em última análise, as possibilidades da difusão da literatura do país em pauta em todos aqueles outros países onde a imagem obteve sucesso. Aplicado à *mirage allemande* de Carré, significa que ele poderia ter examinado a forma pela qual a respectiva imagem da Alemanha havia influenciado, durante todos esses anos, a difusão da literatura alemã na França (vamos pensar em especial no problema da escolha das traduções). Não existem dúvidas de que o consumo de literatura alemã, ali provavelmente mais do que em outros países - sempre dependeu, em alto grau, das variantes da imagem da Alemanha *en vogue*.

Tais fenômenos existem de resto em quantidade nas relações literárias internacionais. Um dos exemplos mais interessantes está no fato de que a acima citada *mirage flamand* se encontra entre as mais importantes razões do sucesso obtido por autores regionalistas da literatura do sul dos Países Baixos, isto é, da literatura flamenga, nos países de língua alemã. Enquanto isso, outros autores em parte muito mais importantes, escrevendo em holandês (tanto da Holanda como da Flandres), não foram traduzidos e, assim, ficaram praticamente desconhecidos. Autores como Timmermans, Streuvels e alguns outros ofereceram, de fato, exatamente a imagem da Flandres e dos flamengos, já fixada através de uma tradição mais antiga, e que achou eco em largas camadas do público leitor alemão, onde conquistaram simpatias bem

³⁰ - O texto de Escarpit "Os métodos da sociologia literária" encontra-se publicado em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 149-156. Nota da revisora.

determinadas. Eles corresponderam à expectativa existente em amplos círculos com relação à literatura flamenga como sendo uma mancha colorida autônoma na palheta da literatura europeia. Os autores holandeses tiveram bem mais dificuldades neste aspecto. Eles não puderam apresentar traços de caráter literário próprios, nacionais, para os quais existisse uma receptividade correspondente. E, no caso de autores flamengos, que não ofereciam estas imagens, era possível que ficassem completamente desconhecidos do público nos países de língua alemã. Nada pode ilustrar isto de forma melhor do que o fato de um flamengo como Paul van Ostaïjen, um dos autores mais importantes da primeira metade deste século, proveniente da região de língua holandesa, não ter participado praticamente da fama de seus conterrâneos, nos países de língua alemã. Ele, o vanguardista internacional por excelência, simplesmente não oferecia a imagem que se fazia da Flandres. Se a *mirage* tivesse sido outra - o que de resto seria uma possibilidade - também aqui a onda de sucesso teria assumido uma forma bem diferente.

Se, por um lado, constatamos que tais aspectos da pesquisa da *mirage* e *image* não são mencionados por Jean-Marie Carré, temos, por outro lado, consciência de que não seria justo condenar, num trabalho de 1947, a falta de certas dimensões que, na época, não haviam chegado a despertar o interesse da pesquisa ou que foram suprimidas de forma consciente pelo autor. O problema da repercussão da literatura em largas faixas do público leitor começou, de fato, a despertar maior atenção há pouco tempo. No que se refere à questão de uma possível influência da *mirage allemand* sobre a difusão da literatura alemã na França, percebe-se que Carré a desprezou conscientemente em seu trabalho, pois estava interessado somente na comprovação de certas imagens da Alemanha, aceitas por determinados franceses, e no problema do seu alcance político.

Certamente, falta em Carré ainda um outro elemento, o que poderia constituir-se, de certo modo, em uma restrição a seu trabalho. Referimo-nos ao fato de que, no estreito âmbito de seu levantamento, o autor também não chegou a clarear a imagem da Alemanha configurada em *Mme de Staël*, nem a sua repercussão, quer em simpatizantes, quer em opositores. Essa representação da Alemanha obteve grande sucesso, sobretudo, porque os críticos franceses, ao lhe fazerem oposição, seguiram o mesmo modelo por ela delineado em *D'Allemagne*. Enquanto fatores, como Romantismo, Protestantismo, Renovação, etc. eram vistos por ela como positivos, seus adversários os viam (veja-se também acima a imagem da Alemanha de Maurras, Lasserre, Daudet, Massis, etc.) como características específicas alemãs que deveriam ser

condenadas e combatidas - e tudo terminava no argumento principal de que Mme de Staël havia deixado de ver, que já no seu tempo a Alemanha não era mais um país amante da paz, voltado para si mesmo, mas se achava a caminho de tornar-se um poder nitidamente agressivo e guerreiro. Considerando esses aspectos, Carré limitou-se a mostrar que muitos escritores franceses tinham sido levados, pelos erros iniciais de Mme de Staël, a admirar a Alemanha (por isso, aliás, *mirage* e não somente *image*) e, com isso, revelou simultaneamente sua simpatia por aqueles que haviam se pronunciado contra “o perigo alemão”. Mas, na realidade, o que se trata em ambos os casos, em grande parte investigados por Carré, é de uma imagem da Alemanha que, desde seu surgimento com Mme de Staël, não só era parcial, mas falsa, isto é, simplificada em sua estrutura. Carré, porém, não deu importância a estes aspectos. Pelo contrário, em mais de um ponto, especialmente naquele em que elogia autores que têm uma postura crítica em relação à Alemanha, dá a impressão - e só com muito esforço se consegue evitá-la, de que ele mesmo, durante muito tempo, se enredou nesta imagem da Alemanha e que, precisamente por causa do seu aprisionamento no problema referente à aceitação ou à recusa da *mirage*, não se encontrou mais em condições de olhar para além destas fronteiras estreitas.

É justamente esta falta de uma análise consequente por parte dos críticos, que nos leva finalmente, sem querer, a pensar naquela outra dimensão muito mais importante, e rigorosamente dentro da ciência da literatura, da pesquisa da *mirage* e da *image*, representando um campo de estudos em que muitas tarefas ainda aguardam solução. Estamos falando do papel das *mirages* e *images* na crítica e na ciência da literatura.

Quando Guyard pronunciou, em 1951, as palavras finais em defesa de uma investigação do *L'étranger tel qu'on le voit*, terminou dizendo, como já vimos: "les résoudre, c'est apprendre aux peuples à se mieux connaître en reconnaissant leurs illusions". Nós acreditamos, no entanto, que a ciência literária, dentro do seu campo específico de estudos, poderia encontrar, no estudo de tais ilusões, uma tarefa gratificante para, assim, delas se libertar um dia. Não se pode, de fato, negar que existam inúmeros trabalhos de crítica e história literária, em que nos deparamos sempre de novo com certas *images* e *mirages*, supostamente a serviço do esclarecimento de características específicas de obras literárias, mas que, na verdade, são apenas o resultado de preconceitos e de outras afirmações injustificadas.

Conhecemos as referências abertas ou insinuadas a respeito daquilo que, na literatura alemã, seria tipicamente alemão, referências essas, usadas com prazer em posicionamentos não alemães em relação a escritores alemães; da mesma forma, conhecemos as muitas e apreciadas referências a coisas 'tipicamente' francesas ou de 'índole' francesa, encontradas em manuais da história da literatura francesa editados fora da França, sem que aos autores tivesse ocorrido a menor dúvida quanto ao sentido das palavras ou conceitos usados.

Um exemplo muito significativo deste aspecto é encontrado aliás - para voltar mais uma vez à imagem da Flandres atrás citada - no que foi escrito sobre a posição especial da literatura escrita em francês na Flandres e na Bélgica a partir da segunda metade do século XIX. A mencionada *mirage* é encontrada a cada passo, a começar por um discípulo francês de aine como Albert Heumann, até historiadores da literatura de língua alemã ou publicitários como Johannes Schlaf, Kurt Glaser, Otto Forst-Battaglia e o jovem Stefan Zweig³¹. Todos eles estavam sob a influência ou o fascínio da teoria *race-millieu-moment*³² e, com muito raras exceções, usavam sem maiores delongas uma terminologia (em parte, aliás, definitivamente racista), impregnada de chavões e fatores ideológicos. Este fato, finalmente, levou não só a manuais veiculadores e mantenedores de uma imagem distorcida desta literatura, como também ao impedimento de uma pesquisa séria das características próprias deste grupo de autores.

Aqui acha-se igualmente incluído aquele fenômeno, surgido no século XX, com o nome de visão "popular" da literatura. Esta distorção da história literária está igualmente ligada à movimentação subterrânea dos métodos da ciência da literatura pelo campo das *images* e *mirages*, se bem que aqui se tratasse, na maioria das vezes, da avaliação da literatura do próprio povo. O que ocorreu nesta área mostra claramente que também é errado fechar os olhos a estas relações. Depois do grande reflorescimento das teorias "populares" e raciais na literatura de língua alemã no período entre 1933 e 1945, acreditou-se, após o término da Segunda Guerra Mundial, poder resolver o problema de forma muito simples, declarando estas teorias junto com a doutrina das raças do "Terceiro Reich" como sendo um capítulo superado da história.

Na realidade, este fenômeno é - como sabemos - muito mais remoto; não se pode dizer que tenha se desenvolvido apenas em um determinado país e em determinadas

³¹ - Compare nosso texto *Zur Sonderstellung der französisch schreibenden flämischen Autoren der Generation von 1880*. In: NSpr. 1964, p. 468 e seguintes, com *De Frans schrijvende Vlaamse auteurs van 1880 in de spiegel der Franse en Duitse literaire kritick*. In: Spiegel der Letteren 8 (1964/65), p. 9.

³² - (raça-meio-momento).

condições políticas nem que, no âmbito internacional, tenha de fato sido superado em 1945. Esse fenômeno pertence de resto, em seus princípios, a uma parte da sociologia da literatura, em conjunto com as teorias de Taine e seus seguidores, pois procurava elementos da infra-estrutura literária no espírito do positivismo do século XIX, tendo-se deixado enredar, todavia, pelo pensamento “racista” sob a influência dos acontecimentos da época.

Um resultado da investigação das *mirages* e *images* que tiveram, neste caso, um importante papel, poderia consistir em que futuras pesquisas sobre o caráter próprio de determinadas literaturas nacionais ou de algumas de suas tendências pudessem ficar protegidas da influência perturbadora de opiniões ideológicas ou de outras sem *status* científico. Em outras palavras: A pesquisa da *imagem literária do outro país* (tanto pela confrontação com a realidade, como pela investigação dos processos intelectuais em que esta imagem está enraizada, etc.) poderia, de um modo geral, contribuir para desideologizar os métodos da literatura.

Resumindo: Para a futura investigação das *images* e *mirages* é preciso, de qualquer maneira, levar em conta três fatores:

1. Sua existência em determinadas obras da literatura.
2. O papel que desempenham na divulgação de traduções ou também de obras originais fora do âmbito nacional literário onde se originaram.
3. Sua presença preponderantemente perturbadora na ciência e crítica literárias.

Ao contrário de diversos métodos, até agora empregados no âmbito da literatura comparada no tratamento das *mirages* e *images*, os três caminhos aqui delineados podem, em todo caso, fazer jus à designação de “científicos”.

Por outro lado, certamente ainda se coloca o problema da pertinência da investigação científica da *imagem do outro país* à “literatura comparada”. Em outras palavras: Não se trata aqui de tarefas igualmente realizadas nas áreas específicas e tradicionais da literatura nacional? No caso do estudo da *imagem do outro país* enquanto elemento intrínseco de obras literárias, as opiniões podem apresentar-se divididas. Poderíamos afirmar com razão que, para sua análise não são, de modo nenhum, necessários “pesquisadores de literatura comparada”. Precisamente o estudo do papel da *mirage flamand*, por nós analisado em Bernanos, depõe antes a favor do que contra essa objeção; trata-se de um tema que pode ser tratado, sem dúvida, pelo romanista (isto é o especialista em história da literatura francesa), sem que este seja, por exemplo, obrigado a ocupar-se com literatura não francesa.

Argumentos decisivos contra a objeção só surgem evidentemente aqui, quando se pensa no alcance maior destas imagens, quer no alcance extra-literário quer na importância que elas têm em relação aos problemas mencionados em 2 e 3. - Mas no que se refere a estes últimos campos não deveria persistir dúvida de que se trata de tarefas evidentemente fora do âmbito da pesquisa da literatura nacional³³.

Finalmente seja dito, quanto ao problema global, ainda o seguinte: quando Guyard³⁴ e Carré sugeriram a pesquisa das *mirages* e *images*, o fizeram em relação à possibilidade de futuras pesquisas para uma *littérature comparée* com um programa muito específico. Sua sugestão estava também intimamente ligada à constatação de que, na literatura comparada, as pesquisas até então privilegiadas eram, em alguns aspectos, pouco satisfatórias em relação às influências literárias internacionais (*difficiles à mener, souvent décevantes*)³⁵. Será que a pesquisa das *mirages* e *images*, ao provocar un *changement de perspective*, deveria funcionar apenas como instrumento de um novo campo de estudos numa *littérature comparée* ameaçada de estagnação? Seja como for, a pesquisa da *imagem do outro país* não foi o resultado de uma necessidade científica. Ao contrário, defendemos a opinião de que os caminhos que escolhemos, desviando-nos de Guyard e Carré e, considerando as críticas formuladas por Wellek, mesmo que estejam nos limites de nosso campo de estudos, não são apenas possíveis e não são apenas estimulantes para nossa atividade. Dentro do atual quadro da ciência da literatura fica evidente, sob muitos aspectos, ser necessário enveredar por estes caminhos. De qualquer modo, eles são adequados para comprovar a necessidade de uma literatura comparada, especialmente onde ultrapassam a pesquisa da literatura nacional.

³³ - O autor refere-se a “literatura nacional” como simples *terminus* que viabiliza os estudos de literatura comparada. Deste conceito e do de literatura geral, Dyserinck trata em seu livro *Komparatistik: eine Einführung*. Bonn, Bouvier, 1977. Nota da revisora.

³⁴ - O ensaio de Guyard “Objeto e método da literatura comparada” encontra-se publicado em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, p. 97-107. Nota da revisora.

³⁵ - (difíceis de dominar e frequentemente decepcionantes). Jean-Marie Carré: “Avant-Propos”. In: Marius-François Guyard - *La littérature comparée*. Paris, PUF, 1951.

AS FONTES DA TEORIA DA *NÉGRITUDE* COMO OBJETO DE ESTUDO DA IMAGOLOGIA LITERÁRIA *

Tradução de Karola Zimmer

Como citar:

Dyserinck, Hugo. As fontes da teoria da *négritude* como objeto de estudo da imagologia literária. Trad. Karola Zimmer. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book.

A teoria da *négritude* tornou-se há alguns anos objeto de interesse mundial. Na Europa, que aos poucos se conformou com a libertação da África em relação ao colonialismo, essa teoria é para muitos uma das manifestações mais importantes do processo de desenvolvimento de uma autoconsciência dos povos africanos e do fortalecimento de sua própria personalidade. Entretanto, para não poucos africanos - e justamente para alguns dos intelectuais mais importantes entre eles - ela é uma espécie de racismo com sinal invertido, uma falsa doutrina que deve ser extirpada da consciência do ser humano livre. Usando expressões como *négritude rectifiée*, *négritude et humanisme* e *négritude et civilization de l'universel*³⁶, o próprio Léopold Sédar Senghor, ainda hoje considerado um dos mais importantes autores da teoria, assume uma posição intermediária na medida em que, sem negar suas ideias anteriores, procura de forma ponderada indicar ou aplanar um caminho que leve à superação das teorias originalmente usadas durante a luta da descolonização. No entanto, tudo indica que, justamente, a comparatística (como disciplina que conta entre suas tarefas nucleares o estudo das relações internacionais na literatura e nas ciências humanas, e cuja atuação tem se mostrado no decorrer dos anos cada vez mais relevante do ponto de vista político) dispõe de particular capacidade, para contribuir para a solução dos problemas para os quais tais fenômenos apontam, tanto no aspeto histórico como no teórico. A teoria da *négritude* apresenta-se como um problema que se insere numa subdisciplina bem determinada da comparatística, a saber, a *imagologia literária*.

* - Dyserinck, Hugo - Die Quellen der Négritude-Theorie als Gegenstand komparatistischer Imagologie. In: *Komparatistische Hefte*. Bayreuth, vol. 1, 1980, p. 31-40. Trad. **Karola Maria Augusta Zimmer**, pesquisadora do grupo RELLIBRA - "Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de língua alemã". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

³⁶ - (Négritude retificada, negritude e humanismo, negritude e civilização do universal).

Quanto ao problema da imagologia literária em si, cabem algumas observações de caráter geral: sabemos que a comparatística tem neste setor uma longa tradição. Já na virada do século o comparatista L. P. Betz, de Zurique, desenvolvendo um pensamento de Goethe, fala da necessidade de fazer da pesquisa da apreciação recíproca que fazem nações e povos, uma das tarefas principais da “história da literatura comparada”. Poucos anos mais tarde Paul Hazard desenvolve em diversas oportunidades ideias similares, e em 1913 Fernand Baldensperger, o mais importante incentivador da comparatística na França, reivindica uma inversão da pesquisa de influências no sentido de uma pesquisa da recepção, que desloque o problema das representações para uma área central da literatura. No período entre as duas Guerras Mundiais (quando a comparatística ainda oscila entre uma orientação de cunho estético e a ênfase em seu alcance sociológico, politológico e também “etnopsicológico”) ocorre uma certa estagnação no campo da imagologia literária. Logo depois da Segunda Guerra Mundial e, na verdade, sob a influência da necessidade mundial em fundamentar cientificamente a compreensão entre os “povos” e as “raças”, a escola francesa de comparatística, sob a direção de Jean-Marie Carré, dá um passo decisivo, reatando com os grandes pioneiros do setor e declarando a problemática do *l'étranger tel qu'on le voit*³⁷ como a futura tarefa mais promissora da disciplina. Ataques maciços contra essa forma de lidar com a literatura, vindos principalmente dos adeptos de uma análise estética da literatura, imanente ao texto, de orientação formalista, fizeram com que se falasse numa “crise da comparatística”, mas não impediram que essa forma de pesquisa, que visa a uma aproximação entre os povos, se tornasse cada vez mais importante e também se fortalecesse teoricamente. Atualmente, toda disciplina que, em geral, se ocupa da problemática das relações internacionais, seja politologia, sociologia ou psicologia, considera a necessidade do estudo desse material literário mais do que evidente.

Resumindo, a importância e a abrangência da imagologia literária podem ser assim definidas: a imagologia literária tem por objetivo estudar as imagens existentes na literatura, o modo como se formam e as repercussões que produzem. Além disso, também pretende contribuir para aclarar o papel desempenhado por tais imagens nas diferentes formas de contato entre culturas específicas.

³⁷ - (O estrangeiro tal como é visto). Existe tradução deste capítulo em: Guyard, Marius-François - *Literatura comparada*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1956. Nota da revisora.

A evolução da imagem do negro e das culturas negras africanas nas literaturas europeias, em especial na francesa, mostra-nos através da imagologia literária os problemas específicos, ou seja, as possibilidades comparatísticas, no âmbito da pesquisa dos fenômenos africanos. Cito apenas alguns exemplos da sua evolução nos últimos dois séculos e meio: a vida intelectual durante o Iluminismo do século XVIII confronta-nos com uma série de fenômenos de evidente negrofilia; usando o exemplo dos “povos naturais” (compare com a imagem do nobre selvagem), lembremo-nos da tendência a desenvolver uma crítica social e cultural europeia ou até a procurar (no âmbito de um exotismo literário), formas e organizações sociais exemplares entre os “primitivos”. Depois de um claro retrocesso nesse modo de pensar durante o período da Restauração, delinea-se, desde meados do século XIX, no contexto da colonização, como resultado de uma reação contra o Iluminismo e contra a Revolução, uma dupla tendência: por um lado o destaque dado a uma imagem negativa do negro, claramente sob a influência do pensamento racista em evidência, que se manifesta sobretudo na literatura de viagens e na literatura especializada; por outro lado, uma nova imagem negrofílica com características filantrópicas, que aparece principalmente na literatura, como uma espécie de contrapeso ao colonialismo. E, finalmente, temos a moda da África na primeira metade do século XX, ou seja, na época em torno da Primeira Guerra: a “descoberta” da África pela vanguarda europeia, e até mesmo a ideia de alcançar a “cura” por meio da África, saindo do pensamento europeu, considerado estreito e arcaico. Um ponto alto desta moda é o surrealismo - um movimento desenvolvido sobretudo na França, mas onde se espelham e onde são absorvidos diversos fenômenos europeus.

É claro que todas essas imagens e teorias trabalhadas literariamente, mesmo quando muitos de seus autores afirmam terem partido de ocasionais experiências africanas, nada têm a ver, no fundo, com o processamento sistemático de experiências empíricas, e têm, menos ainda, valor científico. Mas é, justamente aí, que reside o fundamento do significado que elas possuem no nosso contexto: em primeiro lugar, refletem um posicionamento intelectual especificamente europeu. E também confirmam mais uma vez uma experiência feita em outros contextos, de acordo com a qual os processos de formação da imagem são, via de regra, mais importantes para o âmbito em que se desenvolveram, do que para aquilo que é seu objeto, de modo que é importante procurar antes a importância da imagem no ambiente em que se formou. Dito de outra maneira: não é o objeto da imagem que deve ser pesquisado em primeiro lugar, mas sim os bastidores, ou seja, as bases que presidem o seu processo de formação.

Também aqui sucede o mesmo que já conhecemos de um caso europeu muito divulgado: o exame da imagem da Alemanha em Mme de Staël não deve começar por decidir se o que ela diz do país é verdadeiro ou falso; deve sim iniciar por examinar as correntes, as estruturas e as forças francesas que possibilitaram, bem como estimularam a imagem em questão. Assim, também a imagem europeia do negro no século passado e no início do século XX, carregada de ideologia, não importa se simpática ou pejorativa, é antes de mais nada um assunto europeu, que deve ser julgado (e avaliado) de um ponto de vista europeu e cuja responsabilidade é, portanto, também da Europa. Todo tipo de trabalho com a teoria da *négritude* deve levar em conta esse fato.

Essa teoria repousa igualmente sobre uma imagem e, também neste caso, não se deve pesquisar a verdade do seu conteúdo, mas sim investigar os bastidores da formação dessa imagem, o mecanismo de seu desenvolvimento. Entretanto, não se trata aqui, como no caso da imagem europeia da África descrita acima, de uma *heteroimagem* (isto é, do retrato de um outro país, povo, etc.), mas de um fenômeno que até agora mereceu muito pouca atenção por parte da imagologia literária: uma assim chamada *autoimagem* (isto é, um retrato do próprio país, da própria coletividade, da própria cultura).

Como surgem as autoimagens? Elas podem ter muitas origens. Entretanto, a experiência acumulada até agora em estudos comparatísticos permite dizer que elas estão quase sempre ligadas à formação ou à existência de uma heteroimagem.

Isto se evidencia no fato de que o desenvolvimento de uma heteroimagem, entre aqueles que a constroem, se dá juntamente com o cultivo de uma autoimagem. Um exemplo disso encontra-se na aceitação, por parte de alguns franceses, de uma imagem da França, veiculada pela escritora francesa Mme de Staël, em oposição à imagem que tinha da Alemanha, e que repercutiu ao longo do século XX e, em parte, até os dias atuais.

Um outro mecanismo de formação da autoimagem que, no entanto, por assim dizer, funciona em sentido contrário, acontece (não tão frequentemente) quando os sujeitos de uma heteroimagem reagem a essa imagem com a produção consciente de uma autoimagem que é, muitas vezes, um prolongamento da heteroimagem. Os modelos vão, então, da aceitação direta dessa heteroimagem, que é assumida e colocada a serviço dos próprios interesses, até uma reação onde os julgamentos de valor que, via de regra, preenchem uma tal heteroimagem, são convertidos em seu contrário, de tal

forma que heteroimagens originalmente negativas podem ser transformadas em autoimagens positivas pelos grupos envolvidos³⁸.

Não há dúvida que, no caso da teoria da *négritude* aqui em debate, estamos diante de um dos exemplos mais gritantes da formação de uma autoimagem a partir de uma ou várias heteroimagens, um caso que se apresenta com tanta clareza que pode mesmo ser considerado exemplar. Esta teoria, hoje mundialmente conhecida, que, bem antes de *slogans* como *black is beautiful* ou de conceitos como *authenticité africaine*³⁹, alcançou êxito sob o impulso dinâmico do então futuro presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor, e que também exerceu enorme influência sobre o desenvolvimento cultural geral e político de grandes partes da África negra, apresenta um elo imediato com a repercussão retroativa das imagens do negro criadas na Europa, repercussão essa exercida sobre a literatura e sobre a vida intelectual negra africana.

Os jovens intelectuais africanos, influenciados pela vida intelectual parisiense dos anos 30, apoderaram-se aí de uma imagem da arte e da cultura africana enquanto mundo do “emocional”, do que é “jovem”, etc., uma imagem que tinha sido desenvolvida pela vanguarda francesa e europeia em oposição ao pensamento positivista do século XIX, ao “cartesianismo” e ao *régne de la logique*⁴⁰; os intelectuais africanos aceitaram essa imagem, na medida em que nela, em parte, se “reconheceram”, e dela excluíram, em seguida, as conotações especificamente negativas, ou seja, aqueles elementos que poderiam ser sentidos como pejorativos, destacando, numa atitude de desafio, os elementos que agora lhes pareciam positivos e passíveis de serem utilizados, construindo, a partir desse todo, uma teoria que logo assumiu o caráter de visão de mundo. Como as coisas se passaram, pelo menos parcialmente na ocasião, pode ser verificado no próprio testemunho de Senghor sobre esse processo, em que trabalhou desde o primeiro momento com personalidades como Césaire e Damas:

Se revendiquer comme noir, c'était, avant tout, tourner le dos aux valeurs de l'Occident apprises à l'école: à la Technique, à la Science, à la Raison. Voilà précisément que, par une chance inouïe, depuis le début du Siècle, des penseurs européens livraient bataille à la raison avec les armes miraculeuses de l'Asie et de l'Afrique, qu'orientalistes et ethnologues avaient patiemment découvertes,

³⁸ - Esse modelo também ocorre quando escritores, em determinadas circunstâncias, visando um possível sucesso no mercado livreiro internacional, começam a escrever de modo que as “características” de suas obras correspondam àquilo que se espera deles no exterior, com base em imagens antigas existentes.

³⁹ - (Autenticidade africana).

⁴⁰ - (Reino da lógica).

*collectionnées. (...) Et il se trouve qu'Apollinaire, qui, à la fin de ce même poème, évoque les 'fétiches' nègres de sa demeure, fut un des premiers et des plus ardents missionnaires de l'art nègre. Mais c'est surtout chez Breton et les surréalistes, initiés par Lautréamont et Rimbaud, que les Nègres nouveaux trouvent de précieux alliés*⁴¹.

A esse processo de transformação de uma heteroimagem em uma autoimagem, juntou-se um segundo processo muito interessante: a descoberta pelos estudantes negros de um processo europeu mais antigo, onde da mesma forma, representantes de um “outro país” diante da França e de sua tradição racionalista, de cuja influência e domínio queriam livrar-se, desenvolveram uma autoimagem que - não importa quão distanciada da África - se mostrou igualmente útil para os negros. Tratava-se do processo da conscientização nacional embutido no *Sturm und Drang* alemão do século XVIII e, depois, de modo claro, na revolta do romantismo “alemão” contra o racionalismo “francês”, o classicismo, o cartesianismo, etc. De fato, aqui, também o mundo das emoções havia se levantado contra o racionalismo e, também aqui, o caso atingiu uma enorme abrangência política.

Mais tarde, Senghor escreveu sobre sua “descoberta” da Alemanha e sobre a possibilidade de pô-la a serviço da problemática africana o seguinte:

*Ce ne sont pas les philosophes qui, les premiers, retinrent mon attention; non plus que les linguistes, dont les noms retentirent si souvent à mes oreilles. Ce furent les musiciens et, d'abord, les Romantiques allemands. Sans doute étaient-ils plus faciles à comprendre, je dis: à sentir. Mais s'il en était ainsi, c'est aussi qu'ils me parlaient le langage plus expressif, au niveau de l'âme, où se rencontrent Germains et Nègro-Africains*⁴².

De resto, foi durante esse período que o Romantismo alemão gozou do maior prestígio na França, sem dúvida como consequência do desabrochar da vanguarda

⁴¹ - (Reivindicar-se como negro era, antes de tudo, virar as costas aos valores do ocidente aprendidos na escola: à técnica, à ciência, à razão. Eis que, depois do começo do século, precisamente através de singular oportunidade, pensadores europeus passaram a combater a razão com as armas miraculosas da Ásia e da África, pacientemente descobertas e coletadas por orientalistas e etnólogos (...)) E aconteceu que Apollinaire que, ao final deste mesmo poema evoca os “fétiches” negros de sua casa, foi um dos primeiros e mais ardorosos missionários da arte negra. Mas é sobretudo em Breton e nos surrealistas, iniciados por Lautréamont e Rimbaud, que os novos negros encontram preciosos aliados).

⁴² - (Não são os filósofos os primeiros a me chamarem a atenção, nem os linguistas cujos nomes frequentemente retinem nos meus ouvidos. Foram os compositores, e antes deles os românticos alemães. Sem dúvida, eram mais fáceis de entender, digo, de sentir. Além disso, falavam-me também em linguagem mais expressiva, ao nível da alma, onde germanos e negro-africanos se encontram.) In: *Liberté 3, négritude et civilisation de l'universel*, p. 13.

francesa (sobretudo do Surrealismo) e também não menos por causa das traduções de Albert Béguin na França:

*Vous comprendrez quelle était notre émotion et, à la réflexion, notre fierté quand nous lisions Novalis et les poètes romantiques allemands. Ils étaient retournés aux sources germaniques du Lied et du Märchen, et ils chantaient la lune après le soleil, la nuit après le jour. Ils chantaient la terre, tirant, des abysses de l'âme, les images archétypes surgies de la forêt de l'Einführung. Rien ne pouvait plus fortement nous encourager à poursuivre le retour à l'Ur-Afrika*⁴³.

Assim, surgiram também as primeiras manifestações de interesse particular pelo jovem Goethe, visto como representante do *Sturm und Drang*, diretamente relacionado com o Romantismo, visto mesmo como um romântico:

*Romantique parce que, tournant le dos à l'imitation de l'étranger, il a décidé d'être lui-même en étant allemand, que, ce faisant, il s'adressait directement au peuple, à son coeur, sans passer par le pressoir de la critique*⁴⁴.

O jovem Goethe representou tudo que, no âmbito alemão, se pretendia desligar da unidade maior formada por uma “Europe française”, predominantemente construída sobre os alicerces do Iluminismo do século XVIII. Ele fornecia o exemplo de um poeta em busca da autenticidade, que pertencia a uma língua e a uma cultura, durante muito tempo, considerada subdesenvolvida em relação à França (justamente, portanto, em relação ao país que se colocava diante dos africanos negros enquanto poder colonial, política e culturalmente dominante). Tornou-se, assim, o grande exemplo de um poeta que se distanciara de uma “cultura de salão”, “especificamente francesa” (e isto significava racionalista), e que passara a buscar tanto inspiração, quanto identidade, em tradições de sua própria “cultura popular”, até então injustamente desprezada. Ao mesmo tempo, tornou-se garantia de sucesso para a ideia de uma possível oposição contra o predomínio francês no campo cultural e possivelmente também no político.

Os testemunhos de Senghor não deixam dúvidas quanto a isso:

⁴³ - (Vocês entendem a nossa emoção e, refletindo, nossa altivez quando líamos Novalis e os poetas românticos alemães. Eles haviam resgatado as raízes germânicas do *Lied* e do conto de fadas, cantavam a lua depois do sol, a noite depois do dia. Eles cantavam a terra, retirando dos abismos da alma as imagens arquetípicas surgidas da floresta do sentir. Nada poderia encorajar-nos com mais intensidade a perseguir o retorno à África primeva.) *L'accord conciliant*. In: *Friedenspreis des deutschen Buchhandels. Reden und Würdigungen 1966-1975*. Frankfurt a. M., Börsenverein des deutschen Buchhandels, 1977, p. 106.

⁴⁴ - (Romântico porque, dando as costas à imitação do estrangeiro, decidiu ser ele mesmo, alemão, e, fazendo isso, dirigiu-se diretamente ao povo, ao seu coração, sem passar pela pressão da crítica.) *L'accord conciliant*, p. 107.

*C'est alors que Paris et la France découvraient, à nouveau, le Romantisme allemand. Cette double découverte des civilisations négro-africaines et du mouvement du Sturm und Drang fut d'une importance décisive dans la formation du concept de Négritude. Du moins pour moi*⁴⁵.

Sabemos que Senghor, mais tarde, se distanciou parcialmente dessas posições, e que associou certos excessos da evolução política alemã a alguns aspectos da corrente nacional do *Sturm und Drang*. Ao fazer uma palestra sobre Goethe, por ocasião dos festejos dos 200 anos de nascimento do poeta, em que admirava sobretudo a sua fase clássica, vista nas palavras de André Gide como um *Romantisme dominé*⁴⁶, Senghor declara em 1949, referindo-se à situação de 1940, quando, como membro do exército francês, experimentou a vitória da Alemanha nazista sobre o Ocidente o seguinte:

*Voilà donc où nous avaient conduits, dans l'odeur des charniers et les bruits des pelotons d'exécutions, la haine de la raison et de le culte du sang*⁴⁷.

Entretanto, também conhecemos a teoria, sempre renovadamente defendida pelo presidente senegalês, quanto à necessidade da transição da *négritude* para uma *civilisation de l'universel*.

Ela encontra-se na continuidade do modelo original da *négritude*. Contudo, o papel desempenhado pelo Goethe pré-romântico na base desse processo intelectual torna-se com isso ainda mais evidente. E também se torna cada vez mais claro o significado do encontro com Goethe no contexto da experiência do *Sturm und Drang*, em oposição ao Iluminismo francês: aqui, foi reconhecido como modelo um processo imagotípico especificamente europeu, transposto para o processo de formação da própria autoimagem. Entretanto, um outro elemento importante, no que se refere às fontes alemãs da teoria da negritude, é relativamente pouco conhecido: trata-se do caso Frobenius, em que uma heteroimagem inventada por um etnólogo alemão (ou seja, um sistema de imagens abrangendo vários países) foi assumida diretamente pelos negros na criação de sua autoimagem. A *Kulturgeschichte Afrikas* (História da cultura da África), de Leo Frobenius, publicada na Alemanha em 1933, mas baseada em teorias publicadas pela primeira vez antes da Primeira Guerra Mundial, apareceu igualmente em tradução francesa em 1936. Muitos anos mais tarde, Senghor manifestou-se ainda com emoção e

⁴⁵ - (É, então, que Paris e a França descobrem de novo o Romantismo alemão. Esta dupla descoberta das civilizações negro-africanas e do movimento *Sturm und Drang* foi de importância decisiva na formação do conceito de negritude. Pelo menos, para mim.) *L'accord conciliant*, p. 105.

⁴⁶ - (Romantismo dominado).

⁴⁷ - (Vejam afinal, em meio ao cheiro dos ossos e ao barulho dos pelotões de execução, para onde conduzimos o ódio à razão e o culto ao sangue.) *L'accord conciliant*, p. 84.

de forma quase lírica sobre o entusiasmo com o qual a obra fora recebida em Paris por jovens intelectuais africanos, sobretudo por Aimé Césaire e pelo próprio Senghor:

J'ai encore devant moi, en ma possession, l'exemplaire de l'Histoire de la civilisation africaine à la troisième page de laquelle, après la couverture, Césaire a inscrit: décembre 1936 (...) Mais quel coup de tonnerre, soudain, que celui de Frobenius! ...Toute l'histoire et toute la préhistoire de l'Afrique en furent illuminées - jusque dans leurs profondeurs. Et nous portons encore, dans notre esprit et dans notre âme, les marques du maître, comme des tatouages exécutés aux cérémonies d'initiation dans le bois sacré⁴⁸.

Nas próprias palavras de Senghor, os ensinamentos de Frobenius deveriam tornar-se a *colonne vertébrale*⁴⁹ da teoria da negritude.

A teoria do etnólogo alemão - nascida de forma “visionária” ou “intuitiva” - e cujos ensinamentos sobre “os círculos culturais” ou sobre a “morfologia cultural” sempre encontraram reservas e ceticismo por parte do mundo científico, ofereceu-se aos africanos como revelação e libertação direta das representações que até então tinham das relações Europa-África.

Para Frobenius, existiam na base de toda cultura humana dois tipos fundamentais, que alcançavam os tempos primordiais, e cujo caráter estava ligado ao ambiente em que se haviam originalmente criado: 1. O tipo *hamítico*, formado no deserto e orientado para o domínio da natureza e 2. o tipo *etiópico*, formado a partir do contato com a floresta e caracterizado, entre outros, por uma ligação específica com a natureza. Além disso, os tipos se caracterizariam por uma série de outros traços, que se haveriam de manifestar durante o seu desenvolvimento em épocas posteriores: O tipo *hamítico* apresentando inclinação para o racional e para o técnico; o *etiópico* desempenhando papel principal no âmbito do intuitivo, do místico e do espiritual. Enquanto o *hamítico* chegava a suas realizações culminantes na civilização racional europeia do Ocidente, o *etiópico*, segundo Frobenius, alcançava sua expressão mais recente na Alemanha e, justamente, no Romantismo alemão. Frobenius afirmou também ter reconhecido esse tipo em toda a África negra. No âmbito do *etiópico*, não seria, portanto, possível encontrar uma *civilização*, no sentido de uma “civilização” racional,

⁴⁸ - (Ainda tenho diante de mim, em minha posse, o exemplar de *Histoire de la civilisation africaine*, onde na página três, depois da folha de rosto, Césaire escreveu: dezembro de 1936 (...). Mas que façanha essa do Frobenius!... Toda a história e toda a pré-história da África foram iluminadas - até as profundezas. E nós ainda carregamos no espírito e na alma, os testemunhos do mestre, como tatuagens feitas durante as cerimônias de iniciação no bosque sagrado.) *Liberté* 3, p. 398.

⁴⁹ - (Coluna vertebral).

mas de qualquer forma uma *cultura* de igual valor, distinguida por sua “profundidade espiritual”, pelo “misticismo”, pela sua “ligação com a natureza”.

O alcance dessa “revelação” foi evidente para os jovens africanos, que se encontravam sob a liderança dos poderes coloniais:

*Loin de d'établir une hiérarchie, contestable, entre les civilisations des différents peuples, Frobenius contribuait à substituer un sentiment de différence à l'ancien complexe de supériorité des Albo-Européens. Nous sommes autres: ni plus ni moins civilisés que les Blancs*⁵⁰.

Entretanto, o que era menos evidente para os jovens representantes da teoria da *négritude* - e, provavelmente, totalmente desconhecido para Aimé Césaire - era o fato de que, por detrás dos tipos opostos apresentados por Frobenius, se escondia a velha oposição alemã entre “civilização” e “cultura” e, portanto, no fundo, a velha teoria que dá conta de uma “diferença de ser” franco-alemã.

Com a inserção da cultura alemã no grupo maior do *etiópico*, oferecia-se, assim, aos africanos um parente “espiritual” europeu. E, para alguns deles, que se interessavam particularmente pela Alemanha, ficou a esperança de encontrar, no âmbito alemão, aliados para a defesa da *cultura* africana contra a *civilização francesa*.

Por mais grotesco que pudesse parecer, a *germanité*⁵¹ surgia agora, diante dos bastidores de acontecimentos similares, não simplesmente no contexto da “libertação” da Alemanha em relação ao “domínio” francês, mas como caso paralelo no que se refere à relação dos africanos negros com o poder colonial francês; a *germanité* revelava-se a partir dos fundamentos que repousavam na sua origem “etiópica” comum, revelava-se na diferença comum em relação ao “hamítico” da “civilização” racional, e também graças a visões “político-culturais”, desde sempre existentes.

É claro que Frobenius, que devia seu sucesso transitório na Alemanha, entre outros, ao fato do imperador Guilherme II, após ter ouvido suas teorias em 1912, ter-lhe concedido um generoso auxílio financeiro, também havia colocado o *hamítico* não só na órbita do racionalismo civilizatório francês, mas também na do “materialismo e utilitarismo” inglês.

Mas isso, na melhor das hipóteses, fortaleceu, aos olhos dos jovens negros, a utilidade dessa arma no combate ao colonialismo e, assim, *négritude* e *germanité* (ou

⁵⁰ - (Longe de estabelecer uma hierarquia, contestável, entre as civilizações de povos diferentes, Frobenius contribuiu para substituir o antigo complexo de superioridade dos albo-europeus por um sentimento de diferença. Nós somos outros: nem mais nem menos civilizados que os brancos.) *Liberté* 3, p.340.

⁵¹ - (Germanidade).

usando palavras mais sonoras *Negerheit* e *Deutschheit* ou *Negertum* e *Deuschtum*) revelaram-se o pilar de uma “cultura comum do espírito”, que se destacava do especificamente europeu (ocidental).

Apesar de todos os merecimentos concretos e, possivelmente, também duradouros que Frobenius possa ter alcançado no campo da etnologia empírica, hoje, não pode haver dúvidas sobre o real significado que deve ser atribuído as suas especulações. Elas foram, por assim dizer, feitas sob medida para atender aos interesses políticos mundiais do imperador alemão e à sua disputa com a França e com a Inglaterra (também no campo da política colonialista).

O papel que, de resto, desempenharam no mundo, mesmo em suas variantes, vem à tona ainda num epílogo teórico referente às ambições mundiais de poder de Guilherme II:

Durante seu exílio em Doorn, na Holanda, o ex-monarca sentiu-se atraído a pronunciar, diante de convidados, uma palestra sobre a *Natureza da Cultura* com o subtítulo *segundo um esquema provisório de autoria de L. Frobenius*, e a recolocar em pauta todas as teorias anticivilizatórias. E ainda, numa *resposta de Sua Majestade, o imperador, à posição defendida por uma senhora do círculo de relações de Sua Majestade*, volta a ser salientado com grande ênfase o limite entre “cultura” alemã e “civilização” francesa e inglesa. E, por fim, para um melhor esclarecimento, Frobenius acrescentou, por seu lado, nessa mesma data de 7 de junho de 1931, ao texto dessa “resposta de Sua Majestade”, um extenso apêndice com o título de *reformulação do parágrafo 2, p.1 de Sua Excelência Frobenius* que, assim, começava:

Há de se dizer que o conceito inglês, que diz ser a “civilização” idêntica à “cultura”, é obsoleto e data de uma época em que nossos vizinhos ocidentais (ingleses e franceses) só davam atenção ao aspeto exterior da cultura, como consequência natural de sua visão realista e racionalista do mundo, uma época em que a ideia do desenvolvimento era dominante. Tanto para as manifestações externas da cultura, quanto para as manifestações de cultura percebidas de um ponto de vista externo e conceitual, eles possuem apenas a palavra civilização, e na história dessa civilização acreditava-se na existência de uma linha evolutiva que partia de uma condição primitiva (“povos primitivos”) e seguia em direção a um estágio superior, concretizado na Europa Ocidental, no estágio mais elevado atingido pelos ingleses e pelos franceses. Para todos os degraus do “desenvolvimento” só se conhecia o nome “civilização”. O fato, assim apresentado, explica um dos sintomas característicos da mais recôndita

diferenciação cultural que existe entre as culturas ocidentais (Inglaterra e França) e as culturas orientais (representadas pela Alemanha).

As representações estereotipadas e certas consequências dessas teorias a que se chegou de forma “intuitiva” são levadas, aqui, à irracionalidade quase total.

No âmbito da imagologia literária, atualmente, não nos surpreendem mais. E, apesar da existência de uma série de pequenos problemas que ainda aguardam solução, ocorrem num campo que conhecemos bem: a oposição civilização-cultura, que teve um papel bastante decisivo na teoria de negritude e que, no contexto alemão, resultou em ideias tão estranhas como a total separação da Alemanha em relação ao Ocidente, no fundo, uma consequência daquele mecanismo imagológico, desenvolvido no século XVIII, durante a procura da identidade nacional, e que deixou seus primeiros traços na história intelectual alemã e europeia.

Isso permite ainda as seguintes conclusões: tanto o caso Frobenius como o *Sturm und Drang*, descobertos por Senghor, podem ser enquadrados, do ponto de vista imagológico, na grande rede de relações triangulares Alemanha-França-Inglaterra, em que, desde o início, imperou a oposição franco-alemã. Certamente, houve nessa estrutura uma nuance importante, já conhecida ao tempo da recepção continental de Shakespeare e que, mais tarde, desapareceu com Frobenius: Trata-se da tendência a uma aproximação da Alemanha com a Inglaterra anglo-saxônica, ou seja, “germânica”, um fenômeno que acompanha a oposição à França.

Quando Frobenius reúne a Inglaterra e a França sob a palavra-chave “hamítico”, e coloca a Inglaterra no campo dos opositores, apenas introduz um novo elemento que se adequa a certos aspectos da política de Guilherme II. Isso não altera em nada a natureza fundamental ou a estrutura desse modelo imagológico triangular. No entanto, para a teoria da negritude, isso significa que, desse ponto de vista, ela faz parte de um sistema maior de estereótipos europeus que remete ao século XVIII. Tanto no uso de imagens da África de origem francesa ou europeia, como na sua relação com o problema da oposição franco-alemã da época do *Sturm und Drang* e do Romantismo e, sobretudo, em associação à teoria dos “círculos culturais” de Frobenius, a teoria da negritude pode ser classificada como uma ideologia tipicamente europeia inserida na problemática das nacionalidades. E isso também significa que essa ideologia continha todas as possibilidades, conhecidas pela história europeia, para uma aplicação no campo da política prática; trazia em seu bojo, porém, tanto para aqueles contra os quais se

dirigia, quanto para seus fundadores e adeptos, todos os perigos que, no plano europeu, já há muito conhecemos nessa espécie de ideologias.

IMAGOLOGIA LITERÁRIA: para além da imanência e transcendência da obra*

Tradução Moriçá de Souza Torres

Como citar:

Dyserinck, Hugo. Imagologia literária: para além da imanência e transcendência da obra. Trad. Moriçá de Souza Torres. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book.

Se ainda hoje há motivos para se refletir sobre o sentido e sobre a legitimidade da imagologia literária, isso deve-se sobretudo ao fato de, nos anos 50, ou seja, numa época em que este campo de investigação começou a adquirir um perfil definido dentro da comparatística, ter a imagologia literária sofrido ataques tão decisivos, que seus efeitos se fazem sentir até o presente.

Não somente a relevância desta pesquisa foi colocada em dúvida, como também se levantaram questões candentes, que alguns ainda hoje insistem em discutir, tais como: “Isso ainda é ciência da literatura?” ou: Isso ainda se encontra sob a alçada do cientista literário?”

Entretanto, as coisas hoje certamente se mostram sob uma outra luz, assim como nós também reagimos a estas questões de um modo diferente daquele da época do conhecido confronto entre a comparatística “americana” e a “francesa” - bem como da chamada “crise da literatura comparada”. Houve, com efeito, progressos em nível internacional, tanto dentro quanto fora da ciência da literatura, os quais certamente repercutiram favoravelmente na imagologia literária.

Duas manifestações, sobretudo, tiveram um peso definitivo neste sentido: uma na área da própria literatura que, cada vez mais, se mostra atenta à transcendência política do fato literário, renunciando ao transitório enfoque literário exclusivamente calcado nos fatores “intrínsecos da obra literária”; outra que vai além de todas as reflexões específicas da ciência literária, e se liga cada vez mais a representantes de certas disciplinas vizinhas (a sociologia, a psicologia social e até as ciências políticas) que começaram a recorrer a material literário, com conhecimentos prévios de história da literatura mais ou menos desenvolvidos, para investigar problemas atualíssimos na área

* - Dyserinck, Hugo - *Komparatistische Imagologie. Jenseits von ‘Werkimanz’ und ‘Werktranszendenz’*. In: *Synthesis.Bulletin du Comité National de Littérature Comparée de la République Socialiste de Roumanie*. Bucareste, 1982, vol. 9, p. 28-40. Trad. Moriçá de Souza Torres, pesquisadora do grupo RELLIBRA - “Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de Língua Alemã”. Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

das relações intelectuais e políticas entre os povos e as nações. Sem dúvida são motivos para satisfação e justo otimismo em relação a possibilidades futuras.⁵²

Contudo - e, aqui, referimo-nos à comparatística como matéria acadêmica no sentido estrito da palavra - ainda não há motivo para acreditar que, em consequência do recente progresso, não haja necessidade de uma séria conscientização acerca do caráter e das possibilidades de expansão da pesquisa imagológica - e tampouco de uma reflexão esclarecedora sobre o lugar que ela ocupa e deverá ocupar dentro de nossa disciplina, a qual, como se sabe ainda não alcançou sucesso em certos países. E seria falso darmos por contentes com o fato de que as velhas resistências oferecidas em alguns círculos tenham diminuído a sua veemência e de que, atualmente, o direito de existência da imagologia literária dentro de uma comparatística estabelecida (ou “ciência da literatura comparada” ou “ciência da literatura comparada e geral”), em princípio, não seja atacado; o número daqueles que concordam em que haveria outras coisas mais importantes para uma “verdadeira” comparatística da ciência da literatura, aumentou pouco.⁵³

Hoje, em face de algumas publicações e de alguns comunicados mais recentes, é mais do que oportuno lembrar com regularidade, que uma imagologia literária que trabalha com material literário compilado multinacionalmente, dispõe de consideráveis possibilidades, que se distinguem claramente, tanto das filologias nacionais, quanto das disciplinas não pertencentes à ciência da literatura; trata-se de possibilidades que, afinal de contas, estão além de todas as disputas em torno de competência e de todas as discussões sobre diferenças entre um trabalho intrínseco ou extrínseco da literatura.

A imagologia literária provém, mesmo já de antes dos anos 50, de um determinado desenvolvimento do programa da comparatística francesa: em primeiro lugar, ela foi o resultado de uma deslocação da ênfase atribuída à investigação das influências para o estudo da recepção, e está ligada diretamente a uma tentativa bastante concreta de realizar as futuras pesquisas comparatistas não só de uma maneira racional e sensata, mas de concentrá-las cada vez mais no verdadeiro âmago da problemática comparativa. A rigor, trata-se de uma renúncia à pesquisa das influências, considerada

⁵² - Veja-se também: Bleicher, Thomas - “Elemente einer komparatischen imagologie”. In: *Komparatistische Hefte 2*, Bayreuth, 1980. Este ensaio encontra-se traduzido nesta coletânea com o título “Elementos de imagologia”.

⁵³- O exemplo mais recente de uma dessas desagradáveis colocações em relação à imagologia é a coletânea *Vergleichende Literaturwissenschaft*, Wiesbaden, 1981, editada por M. Schmeling que, entre outras coisas, se destaca pelo capítulo dedicado à “Influência e pesquisa da recepção”, ignorando completa e ostensivamente a imagologia e os seus êxitos (inclusive os mais recentes ensaios).

insatisfatória, em favor de uma investigação da maneira como se reagia na literatura de um determinado país à literatura e à vida intelectual de um “outro” país, de um país “estrangeiro”.⁵⁴

Hoje, isso deve ser lembrado com insistência, pois o conceito francês de imagologia literária, assim como foi propagado, principalmente por Carré, deparou-se a seu tempo com uma crítica, que ignorou justamente essas relações e, ao invés disso, dirigiu a discussão sobre a importância e legitimidade de uma imagologia literária para um caminho, que em nada se tornara menos confuso, não podendo, enfim, evitar sua ruptura.

A crítica ao programa sugerido por Carré e seu discípulo Guyard, na sucessão de Baldensperger e Hazard, cuja arrancada foi dada nada mais, nada menos do que por René Wellek, que igualmente a marcou de maneira decisiva, resultava do fato de que o posicionamento tomado por muitos, dos diretamente envolvidos, a favor e contra a imagologia literária estava ligado a uma decisão favorável ou não à prioridade da estética na pesquisa literária, defendida por Wellek. E isso, por fim, levou ao fato de que o próprio entendimento do que era imagologia literária tenha adquirido, de uma certa forma nesse contexto, um certo caráter: para muitos ela era - se é que se deveria levá-la a sério - simplesmente uma parte da história temática e da tematologia e, portanto, na melhor das hipóteses, fazia parte dos domínios do *extrinsic approach to the study of literature* o que implicava, como de costume, numa certa inferioridade, pois, afinal, somente o *intrinsic study of literature*, podia ser considerado como inerente à ciência da literatura no sentido estrito da palavra⁵⁵.

Dentro das investigações teóricas e metodológicas que pude transformar mais tarde em fundamento dos estudos comparatistas, tentei provar em 1966 em um pequeno ensaio⁵⁶, frequentemente citado na literatura científica, que mesmo aqueles que, na

⁵⁴ - Veja-se: Guyard, M-F - *La littérature comparée*, Paris, 1951 (com *Avant-Propos* de Jean Marie Carré). Veja-se também Dyserinck, H. - *Komparatistik. Eine Einführung (Aachener Beiträge zur Komparatistik)*. Bonn, Bouvier, 1977.

⁵⁵ - Sobre a oposição a que a imagologia foi exposta no passado, veja-se também as preciosas contribuições apresentadas na introdução a: J. Blesz - *Beitrag zur Theorie der Vergleichenden Literaturwissenschaft* (Ed. II Rüdiger), Berlin, 1971. Veja-se igualmente: M. Gsteiger - “Zum Begriff der Literatur in vergleichender Sicht”. In: *Zur Theorie der vergleichenden Literaturwissenschaft* (Ed. II Rüdiger), Berlin, 1971. Ibidem : “Porquoi la Littérature Comparée?” In: *Études des Lettres (Bulletin de la Faculté des Lettres de l’Université de Lausanne)*. Lausanne, 1971. Ainda falta uma investigação mais pormenorizada das condições em que, no século XX, se combateu, em alguns países, o estabelecimento da disciplina “comparatística” (em parte com sucesso considerável).

⁵⁶ - “Zum Problem der ‘images’ und ‘mirages’ und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft”. In: *Arcadia*, 1966. Este ensaio encontra-se traduzido nesta coletânea com o título “O problema das *images* e *mirages* e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada”.

comparatística, dão primazia ao tratamento literário intrínseco em detrimento do literário extrínseco (ou seja, à imanência da obra em detrimento da sua transcendência)⁵⁷, não podem deixar de ter em conta a presença decisiva das “imagens” em determinadas obras literárias. E mais tarde, vários pesquisadores aderiram a este ponto de vista. A argumentação não significava de maneira nenhuma uma profissão de fé a um conceito de “realidade literária” concebido estritamente no contexto do *intrinsic study*; o essencial era que, já desde o início, se insistisse no fato de que aqueles aspectos da literatura e seus domínios, que iam bem além das respectivas manifestações estéticas (ou seja, aqueles literariamente extrínsecos), podiam igualmente ser legítimos objetos de pesquisa, tanto quanto os chamados “literariamente intrínsecos”.⁵⁸

Nesse sentido, as investigações feitas dentro do programa de Aachen - sobre as relações literárias e intelectuais franco-alemãs no século XX⁵⁹, sobre a relação entre as áreas linguísticas alemão-neerlandesas⁶⁰, ou também sobre as relações literárias e intelectuais entre a Europa e a África⁶¹ - puderam orientar-se por elos que tinham um caráter político inequívoco, indo além da história da literatura e do pensamento, sem que a natureza literário-científica desses trabalhos tenha sido, de algum modo, negada⁶².

⁵⁷ - Sobre os termos literários *intrínseco* e *extrínseco*, veja-se a tradução alemã de R. Wellek, *Theory of Literature* de Edgar e Marlene Lohner (1. Edição Bad Homburg v.d.H. 1959). Nota da revisora: existe tradução em português: Wellek, René & Austin, Warren - *Teoria da literatura*. Lisboa, Publicações Europa América, 1971. A respeito de *werkimmanent-werktranszendent* (também no sentido de *intrinsic-extrinsic* de Wellek) veja-se: Strelka, J. - *Methodologie der Literaturwissenschaft*, Tübingen, 1978.

⁵⁸ - O interessante trabalho de J. Jurt, “L’image de l’Afrique et des africains dans la littérature française”. In: *Oeuvres & Critiques III*, 1978/79), marca de maneira louvável as possíveis contribuições da imagologia para a pesquisa dos estereótipos, mas desperta no leitor a falsa impressão de que a minha proposta de focar a problemática a partir de uma abordagem intrínseca, no citado artigo publicado em *Arcadia*, seja uma profissão de fé em relação a esse termo no campo da literatura. As observações feitas por U. Weisstein em sua Introdução a *Vergleichende Literaturwissenschaft* (Stuttgart, 1968) poderiam também causar tal impressão, embora elas apenas tenham o objetivo de ressaltar, em minha argumentação, os pontos que mais bem se adequavam ao posicionamento de Wellek.

O ensaio “Literatura comparada: definição”, de Weisstein, encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalho - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 308-333. Nota da revisora.

⁵⁹ - Veja-se, entre outros, Fischer, M. - “Probleme internationaler Literaturrezeption. Michel Tourniers *Le roi des aulnes* im deutsch-französischen Kontext”. Com um prefácio de Michel Tournier. In: *Aachner Beiträge zur Komparatistik*. Bonn, Bouvier, 1977, vol. 2.

⁶⁰ - Veja-se, entre outros, Dyserinck, H. - *Flandrica. Vlaamse en Algemeen-Nederlandse zorgen op de Duilse Bockenmarkt*. Blanckenberge, 1969, - J. Soenen (s. u. Anm. 11).

⁶¹ - Veja-se, entre outros, Stein, M. - *Das Bild des Schwarzen in der europäischen Kolonialliteratur 1870-1918*. Frankfurt a. M., 1972, (Dissertação, Aachen, 1971).

⁶² - Para o desenvolvimento do programa de literatura comparada de Aachen, de um modo geral, e da imagologia em particular, no Departamento de Literatura Comparada de Aachen, veja-se: Fischer, M. - “Komparatistik: das Aachner Programm”. In: *Die Deutsche Universitätszeitung (DUZ)*, 1979, caderno 21. Do mesmo autor: “Komparatistische Imagologie. Für eine interdisziplinäre Erforschung national-imagotyper Systeme”. In: *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 1979 e *Untersuchungen zur Entstehung der komparatistischen Imagologie*, Diss. Aachen, 1981 (publicada como vol. 6 da coleção “Aachner Beiträge zur Komparatistik”). Indicamos, além disso, mais dois trabalhos: J. Soenen - *Gewinn und Verlust bei Gedichtübersetzungen. Untersuchungen zur deutschen Übertragung der Lyrik Karel van de Woestijnes*.

Também nos institutos americanos de literatura comparada e de língua alemã trabalhou-se, num primeiro momento, predominantemente com a especialidade francesa; aqui, os melhores trabalhos foram aqueles, cuja tomada de posição em relação à problemática básica da imagologia literária prepararam futuras etapas no caminho de uma prova definitiva de sua grande importância⁶³.

Não obstante, seria completamente errado unir os sucessos alcançados até agora, bem como a questão das futuras possibilidades de desenvolvimento da imagologia literária, discutidas atualmente, à discussão sobre a abertura e o alcance do conceito de *literariness*. Ao invés disso, deveríamos ressaltar com especial ênfase a circunstância de que, no fundo, a função precípua exercida pela perspectiva especificamente “sem fronteiras” da comparatística em geral e da imagologia literária em particular colocou, já desde o início, a discussão sobre a prioridade da “imanência ou da transcendência da obra” em segundo plano.

Para além de todas as diferenças em torno da distinção entre “literariamente intrínseco” e literariamente extrínseco”, a imagologia literária sempre funcionou muito mais como um modelo para as possibilidades de desenvolvimento daquele âmbito que constitui o verdadeiro núcleo, a condição *sine qua non*, de toda a comparatística: nem mais nem menos, ela estabeleceu uma forma bem concreta da análise do fenômeno da transcendente experiência com o estrangeiro. Isso significa que a nova consciência da escola comparatista francesa, por volta de 1950, baseava-se, não obstante todas as manifestações paralelas pouco agradáveis, em uma consciência cada vez mais clara daquilo que pertencia ao cerne da questão comparatista e que pertence a cada pesquisa comparativista que ultrapasse fronteiras: a experiência com o estrangeiro - sob a perspectiva daquele que o vê como estrangeiro, ou seja, daquele que se deixa influenciar pelo que lhe é estranho. De acordo com esse conhecimento, o emprego da análise do “estrangeiro” na literatura, assim como da experiência com o estrangeiro, deveria necessariamente conduzir à imagologia literária, já que tal experiência, por definição,

Dissertação, Aachen, 1976 (publicada como vol. 3 da coleção “Aachner Beiträge zur Komparatistik”, Bonn, 1977), onde, entre outras coisas, também pode ser mostrado, como a influência de determinadas imagens pode repercutir em nuances da tradução lírica. – Veja-se: Gross - *Ernst Robert Curtius und die deutsche Romanistik der zwanziger Jahre. Zum Problem nationaler Images in der Literaturwissenschaft*. (“Aachner Beiträge zur Komparatistik, vol. 5), Bonn, 1980 (trabalho de mestrado em literatura comparada em Aachen, 1979).

⁶³ - Veja-se: Boerner, P. - “Das Bild vom anderen Land als Gegenstand literarischer Forschung”. In: *Spreche im technischen Zeitalter* n° 56, 1975. E, J. Rlesz, op. cit. - Merece atenção especial, neste contexto, o livro de A. Duju - *Modele, imagini, priveslisti*. Cluj-Napoca, 1979.

está ligada à formação da imagem⁶⁴. Se a problemática da recepção recíproca das literaturas alemã, francesa e inglesa se encontra em debate, ou se a tradução de obras de literaturas europeias “menores” e a sua repercussão em cada um dos países vizinhos maiores deve ser investigada, o fato é que o comparatista se depara em toda a parte com manifestações da questão das diferenças “nacionais”, das confrontações “internacionais” e, por conseguinte, automaticamente com a questão do que é vivenciado, aceito, recusado ou simplesmente recebido em cada país. E responder a tais perguntas constitui a sua real tarefa.

O desvio da investigação das influências com correspondente concentração sobre o que foi primeiramente descrito como *l'étranger tel qu'on le voit*⁶⁵ e que, à primeira vista, poderia dar facilmente a impressão de uma manifestação marginal, constituía, na realidade, dentro da tentativa de definir a comparatística como disciplina própria, um direcionamento para o elemento essencial da disciplina.

Este último ponto explica, aliás, por que, no passado, os ataques contra a imagologia literária se confundiram com crítica à comparatística, ou seja, por que se tocaram com tanta frequência. Ambos estavam na mesma linha ocupada pela crítica à suposta supervalorização das fronteiras (nacionais), fato que tornava a imagologia literária pretensamente culpada. O contexto era inteiramente lógico: quem negasse o significado das fronteiras, através das quais as literaturas específicas se dividiam, tinha que negar significado ao problema da experiência com o estrangeiro; e, inversamente, quem considerasse insignificante a análise da experiência com o estrangeiro no sentido de uma vivência de superação de fronteiras no âmbito literário, a este não sobrava, no fundo, nada a não ser negar simultaneamente a própria importância das fronteiras. Mas, quem, finalmente, colocasse em dúvida tanto a importância da existência das fronteiras entre as literaturas específicas e cada uma de suas áreas de origem, assim como a necessidade da pesquisa das manifestações da experiência com o estrangeiro, a elas ligadas, este deveria estar, portanto, basicamente contra a reivindicação da existência da comparatística como disciplina.

⁶⁴ - Veja-se: Dyserinck, H. - “Der Beitrag der Komparatistik zur Rezeptionsforschung und die Möglichkeiten einer fachspezifischen Rezeptionsforschung innerhalb der Komparatistik”. In: *Proceedings of the IXth Congress of the ICLA*, 2, Innsbruck, 1979 (“Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft”, Caderno especial 46, Innsbruck, 1980).

⁶⁵ - Veja-se: Guyard, op. cit., cap. VIII.

Com efeito, esta disciplina definira de antemão seus próprios objetivos de pesquisa, intimamente ligados à existência das fronteiras, nos quais o fenômeno de fronteira dominava.

Nesse sentido, a comparatística não era o resultado de um desejo de voltar a uma (mais ou menos diletante) ocupação simultânea com a literatura de qualquer proveniência nacional ou com a “literatura em geral”, no estilo de uma época, em que ainda não existiam filologias individualizadas. Ela deveria entender-se muito mais como disciplina especial.

O reconhecimento específico do fator fronteira não era de modo algum idêntico a uma concepção isolacionista da autonomia das literaturas nacionais, como ocasionalmente, foi insinuado, ou até dito abertamente; sabia-se fazer, na comparatística, a diferença entre isolamento e aquela autonomia parcial, própria de qualquer literatura nacional (mais precisamente “literatura específica”), pois literaturas nacionais sempre são escritas numa língua nacional, e uma língua nacional - pelo menos em sua forma escrita - sempre é “autônoma”⁶⁶.

Da ligação básica da disciplina comparatística com a superação de fronteiras e a experiência com o estrangeiro resultam, necessariamente, também para a imagologia literária, uma série de consequências substanciais. E, em primeiro lugar, a consciência de tal prioridade deve, automaticamente, atuar sobre a intensificação dos processos especificamente comparatistas.

Juntamente com esta conscientização corre, por exemplo, a ideia de que a imagologia literária, atualmente, não pode mais lidar com as “imagens de outro país”, do mesmo modo que lidou, no passado, com aqueles trabalhos que apenas se ativeram ao levantamento de temas. A imagologia literária é, hoje, realmente algo diferente do simples levantamento daquele tipo de material capaz de satisfazer as necessidades do iniciante, ficando este, na melhor das hipóteses, guardado para posteriores investigações “mais úteis”. A referida conscientização de prioridade tem também outra consequência, de especial importância, principalmente nas relações entre a comparatística e a filologia nacional: a análise comparativa das imagens de outro país, considerando-se respectivamente a experiência com o estrangeiro, que ultrapassa fronteiras, não pode mais ser feita de um ponto de vista que, em primeiro plano, persegue o objetivo de

⁶⁶ - Veja-se: Dyserinck, H. - “Zur Problematik der ‘nationalliterarischen’ Arbeitsmodelle der Komparatistik und ihrer Begründung in sprachlicher Einheit: der Fall des niederländischen Sprachgebiets”. In: *Integrale Linguistik* (educação comemorativa para a II. Gipper), Amsterdam, 1979.

completar o conhecimento da obra de um determinado autor - e com isso também a história de uma literatura específica. Ela deve muito mais ser acionada - e justamente no que diz respeito à consciência da importância que as fronteiras têm para cada literatura específica - de uma perspectiva especificamente supranacional. Ou seja, as imagens devem ser vistas para além da ligação primária que mantêm com sua área de origem na respectiva literatura nacional, isto é, devem ser vistas em sua função multinacional, - e sempre levando-se em conta as diversas perspectivas “nacionais”, sem a menor supremacia de uma delas⁶⁷. A pesquisa imagológica comparada verá, então, as imagens pelo menos em um contexto bilateral, examinando-as a fundo, de maneira consequente (de acordo com o modelo supranacional especificamente comparativo), e isto significa que a construção de imagens de um país A, na produção literária de um país B, deve ser analisada do ponto de vista da história literária e intelectual, tanto do país B quanto do país A respectivamente. No plano franco-alemão não se procede mais, como infelizmente acontecia com os antigos comparatistas franceses: a investigação da imagem alemã pelos autores franceses, de um ponto de vista estritamente francês, tendo em vista complementar o conhecimento da história literária e cultural da França. Hoje, a perspectiva alemã também é utilizada, o que implica um necessário conhecimento de germanística - de especial importância -, fazendo-se paralelamente um estudo comparado, no sentido de se proceder a uma confrontação das heteroimagens com as autoimagens dos respectivos “povos”.

Tudo isso também explica por que o desenvolvimento pleno da imagologia literária moderna se manifesta com mais intensidade, onde o contexto nacional não é mais formado apenas por duas áreas literárias ou culturais, mas por pelo menos três. No âmbito da Europa ocidental, temos um exemplo lapidar de campo de trabalho na relação triangular Alemanha-França-Inglaterra, que se transformou num fecundo e diversificado sistema “imagotípico”⁶⁸, no qual a atitude alemã em relação à França implicou, até o século XX, em determinadas consequências para o posicionamento desta em relação à Inglaterra, e o mesmo se pode dizer dos outros dois países em sua relação aos respectivos parceiros.

⁶⁷ - Sobre o conceito de “perspectiva supranacional”, no tratamento de objetos “multinacionais” na literatura comparada, veja-se: Dyserinck, H. - *Komparatistik. Eine Einführung*, conforme nota anterior.

⁶⁸ - Sobre a expressão “imagotipo”, veja-se: O. Brachfeld - “Note sur l’imagologie ethnique”. In: *RPP*, 1962; bem como Fischer, M. - “Komparatistische Imagologie. Für eine interdisziplinäre Erforschung nationalimagotyper Systeme”, conforme nota anterior.

Tanto hoje quanto ontem, vale aqui como modelo, entre outras coisas, a resistência desenvolvida, pelo lado alemão, sob o impulso de Lessing, contra a influência francesa propagada no século XVIII, principalmente por Gottsched no espaço de cultura alemã, porquanto a vida intelectual inglesa (Shakespeare!) funcionou tanto como contrapeso para a mencionada influência francesa, quanto como exemplo de uma possibilidade própria de desenvolvimento da Alemanha (de uma maneira de pensar alemã). Vejamos esse processo multinacional específico da perspectiva francesa, analisando, por exemplo, quais argumentos foram utilizados pró e contra o “gênio natural” inglês dentro da recepção francesa de Shakespeare; aqui nos deparamos com a mesma maneira de julgar e com modelos de pensamento semelhantes aos da área alemã, mesmo quando, na avaliação, são colocados ocasionalmente sinais claramente trocados. E, ao lidar com a macroestrutura multinacional, partindo da perspectiva inglesa, que afinal terá uma participação essencial no desenvolvimento do Pré-Romantismo e do Romantismo europeu, torna-se, então, mais claro o contexto trilateral.

Principalmente, torna-se cada vez mais evidente que, em cada julgamento alemão a respeito das realizações francesas ou inglesas, assim como a cada julgamento francês ou inglês de cada um dos outros componentes da relação triangular, há conceitos especificamente estereotipados e carregados de imagens, em parte ocultos, em parte muito definidos, em relação a cada país, em relação à sua cultura (ou seja, “civilização”...), ao “jeito” de seus habitantes, etc., etc., os quais estão claramente ligados à gênese, construção e repercussão da macroestrutura das literaturas multinacionais e, além disso, surgem nitidamente visíveis também as autoimagens presentes na “literatura nacional” dos respectivos países. A imagologia literária irá analisar tais ocorrências imagotípicas em sua gênese e estrutura, e irá sobretudo examinar a sua repercussão internacional nas relações recíprocas entre as entidades “nacionais” envolvidas.

É evidente que, aqui, já não há mais a necessidade de levantar a questão da prioridade ou não prioridade do “intrinsecamente literário”. O que existe são, sobretudo, tarefas que, apesar de serem realizadas com material literário e, em grande parte, através de métodos específicos da história da literatura, se encontram muito além de qualquer oposição entre os conceitos “intrínseco” ou “extrínseco” à literatura.

E, por fim, por que não reconhecer e ressaltar que o funcionamento dessas estruturas imagotípicas está ligado a contextos políticos que vão além do “literário”, e que podem ser deduzidos de modo específico justamente através da análise imagológica

comparada. No contexto do desenvolvimento político da Europa, conhece-se, por exemplo, o alcance da forte resistência alemã em relação à hegemonia intelectual francesa ao longo do século XVIII, assim como os olhares de relance para a Inglaterra; e nós sabemos que o nacionalismo europeu, com todas as consequências sensíveis que ele ainda hoje acarreta, pode ser explicado em boa parte pelos processos respectivos do Pré-Romantismo e do Romantismo na Europa.

E há ainda algo mais, qual seja, o fato de que essa rede de relações anglo-franco-alemãs repercutiu até em regiões fora da Europa, onde serviu de modelo e fonte de inspiração encorajadora a processos de conscientização nacional, considerados historicamente análogos aos acontecimentos da Europa. Pensemos no desenvolvimento da “teoria da *négritude*”, bastante discutida a partir dos anos 50 do nosso século, tal como delineada por Léopold Sédar Senghor, que desempenhou, durante décadas, um papel estimulante em diversos processos africanos de aspiração à “autenticidade” (significando esta palavra também a independência política em relação à França e à Inglaterra)⁶⁹. A tomada de consciência por parte de Senghor a respeito dos modelos opostos de *Sturm und Drang* desenvolvidos por alemães e franceses, seu interesse pelo jovem Goethe e, finalmente, sua descoberta de um parentesco entre *négritude* e *germanité* em oposição conjunta à civilização “racionalista” e “cartesiana” francesa, de acordo com o etnólogo alemão Leo Frobenius, não foi nada mais, nada menos, que o encontrar de uma sintonia, tanto num processo europeu altamente marcado por imagens, quanto numa macroestrutura especificamente europeia que, na verdade, compreendia a aceitação, por parte da África, de todos os desdobramentos já produzidos na Europa, tanto na cultura quanto na política⁷⁰.

Aqui, são fáceis de adivinhar os caminhos investigativos abertos sobre o “literário puro”. E, provavelmente, não seja cedo demais lançar a conjectura de que, com o olhar nos sistemas imagotípicos europeus introduzidos pela literatura em seu desdobramento e repercussão, talvez tenhamos em mãos uma chave para a compreensão de aspectos essenciais do pensamento nacional.

⁶⁹ - Veja-se: Dyserinck, H. - “Die Quellen der Négritude-Theorie als Gegenstand komparatistischer Imagologie”. In: *Komparatistische Hefte* 1, Bayreuth, 1980.

⁷⁰ - Veja-se também: Tibi, B. - “Romantische Entwicklungsideologien in Afrika”. In: *Blätter für deutsche und internationale Politik*, 18, ano 1973. Veja-se também: S. Adotevi - *Négritude et négrologues*. Paris, 1972. Njoh-Motelle, E. - *Jalons*, Yaoundé, 1970 e, do mesmo autor, *Jalons II*, Yaoundé, 1975. Dignos de nota são, igualmente neste contexto, diversos trabalhos do filósofo e sociólogo da República dos Camarões, Marcien Towa.

Entremettes, pode-se dizer com certeza o seguinte: a pesquisa do *étranger tel qu'on le voit*, dentro da abordagem comparativa, que considera a “experiência com o estrangeiro, para além das fronteiras, uma condição *sine qua non* para a sua existência, prova ser, em um nível multinacional, e especificamente como pesquisa supranacional, não somente uma área genuína da ciência comparada, mas também *un domaine d'avenir*⁷¹, face às diversas possibilidades literárias, contidas na investigação das relações intelectuais”⁷².

Depois de uma correta avaliação dos valores oferecidos pela comparatística, tais como o galgar fronteiras e o do confronto com entidades “estrangeiras”, depois de se considerar que a imagologia literária trata, afinal, da análise da experiência com o estrangeiro, está na hora de refletirmos sobre o caráter especial (e, no fundo, sobre o *status* ontológico) das imagens como tal.

De fato, os frequentes erros cometidos (e ainda hoje se cometem) eram resultado de uma falsa avaliação do caráter e da natureza das imagens, já que se aceitava a investigação das representações de “outro país”, representações com as quais somos frequentemente confrontados na literatura europeia, como uma análise (ou busca) de “qualidades do caráter nacional”. Tal fato não passa, hoje, de um tanchão daquilo que, num passado menos glorioso da pesquisa das ciências humanas, casualmente se denominou “psicologia dos povos”.

Na realidade, praticamente não há pesquisa mais apropriada para modificar profundamente os conceitos irracionais da “essência dos povos”, da “alma das nações” ou do “caráter popular” marcado e transmitido pela “herança sanguínea”, do que a imagologia literária, que trabalha com material literário. Essa “desideologização”, aliás não se dá através da oposição entre uma “falsa” imagem de um país e uma “verdadeira”, mas ela se realiza através de uma *démystification*, que se aproxima da problemática envolvendo a existência de tais representações.

Não se trata, de maneira nenhuma, de uma investigação que, com a análise de testemunhos sobre povos estrangeiros, espera descobrir algo sobre o “grande segredo” do “caráter nacional”, ou seja, da “essência” dos povos em questão. Tampouco se trata, na análise das respectivas imagens, de saber algo sobre a “essência” e o “caráter” desse povo, cujos autores produziram as imagens. Trata-se muito mais de ver as imagens

⁷¹ - (campo futuro de pesquisa).

⁷² - Veja-se: M. F. Guyard, op. cit., p. 118.

como dados ou objetos determinados, e de analisar tanto a sua estrutura como descobrir que repercussão exercem em todos os campos possíveis da vida intelectual humana.

A verdade é que - independentemente da existência ou não de “caráteres nacionais” como grandezas definíveis - há, a nível internacional, uma estreita e às vezes complicada rede de conceitos não coincidentes do que sejam “povos” (ou nações”, países, comunidades linguísticas, tribos, etc.), conceitos que, para além do campo da literatura, têm uma inegável importância para o convívio dos diversos grupos, e que são marcados por tais fatores imagotípicos, os quais, quando não exclusivos, são preponderantes, tendo sido criados pela literatura e mesmo dentro dela (como também acontece na crítica literária e na ciência da literatura). E, se não foram criados, foram, pelo menos, por elas divulgados e ainda o serão.

Isso significa o seguinte: afora o fato de que, por si só, a crença na possível existência de “caráteres de povos” e coisas semelhantes possa ser considerada pura ideologia e de que, além disso, não seja possível oferecer uma definição exata e internacional do que, na realidade, seja um “povo”, existem as imagens ou as representações imagotípicas, e estas circulam em inúmeras variantes entre os seres humanos, tendo-se fixado quase todas na literatura.

Apesar da problemática em torno da verossimilhança de seu conteúdo, podemos investigar tanto seu funcionamento quanto suas influências sobre todos os campos de interesse da vida cultural. - E tudo isto é válido, embora seja produto da imaginação humana, aplicada a objetos que, em parte, apenas têm um significado relativo (até as “nações” e os “povos”, aos quais o Romantismo atribuiu uma enorme importância, na realidade, não passam de modelos de pensamento passageiros dentro do espaço histórico, se se olhar da perspectiva da duração e da vitalidade das fronteiras linguísticas, que podem ter um papel importante em sua constituição.

Em dois trabalhos recentemente publicados, o psicólogo social francês Edmond Marc Lipiansky tratou das imagens que os povos europeus desenvolveram uns dos outros, no sentido estruturalista, de acordo com a expressão *formation discursive* de Michel Foucault⁷³.

Igualmente justo e, em muitos casos até mais fecundo, parece-me o uso do sistema de conceitos de Karl Popper: as imagens mostram todas as características dos

⁷³ - Veja-se: Lipiansky, E. Marc - *L'âme française ou le National-Libéralisme. Analyse d'une représentation sociale*. Paris, 1979. Idem - “L'imagerie de l'identité: le couple France-Allemagne”. In: *Ethnopsychologie. Revue de Psychologie des Peuples*. Ano 43, 1979.

objetos do “mundo 3”; isto é, elas são produto do espírito humano, registradas em textos, livros., e não só exercem influência sobre a humanidade que as criou, mas, em parte, também possuem suas próprias leis, que podem produzir consequências involuntárias e imprevistas⁷⁴.

Trata-se de contextos e dimensões, cujas possibilidades abrangentes, neste momento, não precisamos considerar.

A conclusão à qual chegamos é a seguinte: as imagens e os sistemas imagotípicos existentes no âmbito da literatura internacional e, em parte, especificamente desenvolvidos em processos da história da literatura, devem ser vistos como coisas reais, que podem constituir o objeto de um ramo de pesquisa especializado, mas cujo significado não pode ser mais determinado pelos critérios de uma estética literária.

Visto deste modo, acabou por se tornar óbvio, que a imagologia literária trabalha com um determinado tipo de objetos, que também podem funcionar fora da literatura e do seu contexto. E, neste aspecto, a imagologia literária coloca-se, facilmente, num campo de pesquisa interdisciplinar maior, cujo sentido final ultrapassa claramente o literário e tanto pode consistir na investigação de problemas interculturais, como pode encontrar sua realização até em um exame geral da problemática das nacionalidades. Neste contexto, poder-se-ia indagar quanto ao futuro desenvolvimento desta disciplina interdisciplinar, se a problemática imagológica, no fundo já existente desde os primórdios da comparatística, poderia se desdobrar em um campo especial da disciplina acadêmica em franco crescimento chamada comparatística (também “literatura comparada” ou “literatura geral e comparada”), ou se ela - e essa é a alternativa que nós não desejamos - possivelmente continuaria como disciplina acadêmica de menor sucesso, independente de uma comparatística, num trabalho em conjunto com disciplinas sociopsicológicas, sociológicas e politológicas.

A resposta, todavia, é: de início não pode haver motivo para duvidar da possibilidade de uma filiação da imagologia literária às demais disciplinas da ciência da literatura. Devemos ainda estar conscientes do fato de que, dentro deste campo de pesquisa interdisciplinar a que, sem dúvida, a imagologia literária pertence e no qual ela deve definir uma posição, existem imagens produzidas no setor literário, para cuja pesquisa tem que haver comparatistas que trabalhem necessariamente no campo da

⁷⁴ - Veja-se: Popper, K. - *Objektive Erkenntnis*. Hamburg, 1973 (principalmente cap. IV). Idem - *Ausgangspunkte*. Hamburg, 1979 (principalmente cap. 38).

literatura. Há, aqui, tarefas que só podem ser realizadas por aqueles que apresentem os pré-requisitos necessários, aqueles que forem especialistas em história da literatura multinacional, aqueles que souberem operar com as categorias da história da literatura, a partir de um enfoque supranacional.

E este setor literário, no que se refere à produção de imagens, não foi destituído de significado, muito pelo contrário: na verdade, não houve, na história da problemática das nacionalidades, na Europa dos últimos séculos, muitos campos que tenham sido tão férteis na construção do pensamento nacional, das representações dos sentimentos nacionais (assim como das imagens), quanto a literatura; e isso também vale para as filologias nacionais correspondentes que, por seu lado, se transformaram em campos de atividade ou focos de um pensamento impregnado de imagens.

Atualmente, nem é mais original lembrarmos de como a literatura alemã e a germanística foram corresponsáveis pelo surgimento e disseminação (por exemplo, através das aulas em escolas) das auto e heteroimagens nacionais, que levaram ao entusiasmo patriota e à morte de multidões de jovens nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. E fato semelhante pode ser também demonstrado em diferentes graus de intensidade noutros países da Europa.

Tudo isso levanta mais problemas do que se costuma imaginar hoje em dia: não somente chegou a hora de se submeterem essas eficazes e bem sucedidas imagens nacionais a uma análise impiedosamente desideologizante, e não se deve investigar seu funcionamento somente com o objetivo de superá-las, mas devem-se questionar as necessidades especiais do *homo politicus* a que se encontram ligadas, e também devem se examinar as respostas dadas justamente pela estranha e estreita ligação existente entre os processos imagotípicos e a literatura *lato sensu*.

Em resumo, nós somos confrontados com diversos problemas importantes, que estão além de qualquer discussão sobre a prioridade da “imanência e da transcendência da obra”, mas que estão estreitamente ligados à literatura, ao seu surgimento e à sua difusão e que, tal como as questões estéticas, constituem igualmente objetos de pesquisa de uma ciência da literatura.

E quando, em parte, se considera que se trata, nesse contexto, de problemas para cujas investigações a ciência depende diretamente de conhecimentos de história da literatura e de métodos específicos da comparatística, então pode-se até falar de uma obrigação e de tarefas às quais a disciplina não pode mais subtrair-se. Isso tudo ocorre

não só sob a insígnia do *esprit européen*, de que trataram Mme de Staël, Joseph Texte⁷⁵ e outros comparatistas europeus, mas levando em conta a possibilidade de aproveitamento das experiências europeias fora do nosso continente⁷⁶.

⁷⁵ - O ensaio “Estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França”, de Joseph Texte, encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 26-43. Nota da revisora.

⁷⁶ - Considerando o caráter próprio das imagens, foi importante que tivéssemos atribuído um nome próprio - imagologia - à pesquisa especial da literatura comparada que delas se ocupa. E não há motivo para não se conservar este nome, mesmo que a sua etimologia semi-latina, semi-grega, não seja satisfatória e sua origem não seja tão pertinente à literatura. Que eu saiba, o termo “imagologia” foi utilizado, pela primeira vez no programa de Aachen, para designar o estudo das “imagens literárias de outro país” na terminologia da literatura alemã. Desde o ano letivo de 1967/68, eu a tenho usado e mandado usar nos eventos de programação didática, assim como nos trabalhos científicos realizados dentro do programa. É claro que o termo foi tomado por mim da terminologia da etnopsicologia francesa: aparece em destaque pela primeira vez em 1962, ano 17 da *Revue de Psychologie des Peuples* na “Note sur l’imagologie ethnique” de Oliver Brachfeld e, no ano 19, sai publicado não só num artigo introdutório de Abel Miroglio, referente aos trabalhos da cientista literária Sylvaine Marandon, como também na função de título para uma nova rubrica da revista. Aqueles que, ainda hoje, se deparam com o nome “imagologia”, podem ter certeza de que sua adoção, partindo de uma corrente de pesquisa sócio-psicológica praticada com grande empenho depois da Segunda Guerra Mundial na França (que, diga-se de passagem, não se compara à velha “psicologia dos povos”), resulta exclusivamente de sua eficiência, e até certo ponto também de uma forma de pensamento interdisciplinar.

IMAGOLOGIA LITERÁRIA

O alcance político de uma ciência europeia da literatura*

Tradução de Moriçá de Souza Torres

Como citar:

Dyserinck, Hugo. Imagologia literária. O alcance político de uma ciência europeia da literatura. Trad. Moriçá de Souza Torres. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book.

Um simpósio⁷⁷, que dá ênfase aos instrumentos da imagologia literária e que se pretende uma contribuição para o estudo do problema (e isso significa neste caso também uma contribuição para a apresentação e para o esclarecimento do caráter problemático) da autocompreensão nacional na Europa, necessita de imediato de alguns esclarecimentos, principalmente porque o tema mais melindroso da autocompreensão nacional por si só pode ser motivo suficiente para confusão e para mal-entendidos.

Primeiro, falemos da imagologia literária como tal:

Embora a imagologia literária, enquanto área especial criada pela escola de comparística francesa, que se ocupa com a pesquisa de imagens literárias (ou seja, com representações, estereótipos) de um outro país, e que surgiu na literatura comparada internacional apenas por volta de 1950 (para logo se tornar pivô de escândalo e mesmo contribuir para uma crise temporária na disciplina), a imagologia literária, para ser exato, encontra-se desde o início presente em todas as comparatísticas, sempre lhes foi inerente.

Desde muito cedo houve um nítido interesse pelas representações que os europeus faziam uns dos outros em suas literaturas - e, sobretudo, no âmbito da problemática envolvendo as interrelações entre as diversas literaturas. Como viam os autores franceses a cultura alemã? Como reagiam a ela? O que acontecia exatamente, quando eles, enquanto franceses, reagiam ao que era alemão na literatura e na cultura da outra língua? E de que forma expõem aos seus leitores franceses suas respectivas

* - Dyserinck, Hugo - *Komparatistische Imagologie. Zur politischen Tragweite einer europäischen Wissenschaft von der Literatur*. In: Dyserinck, Hugo & Syndram, K. U. (ed.) *Europa und das nationale Selbstverständnis. Imagologische Probleme in Literatur, Kunst und Kultur des 19. und 20. Jahrhunderts* Bonn, Bouvier, 1988, p.13-37. Trad. Moriçá Souza Torres, pesquisadora do grupo RELLIBRA - "Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de língua alemã". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

⁷⁷ - Trata-se de um simpósio sobre problemas imagológicos na arte e na cultura europeias, realizado no Centro Universitário de Luxemburgo em setembro de 1984, com a coordenação do Departamento de Comparatística da Universidade de Aachen.

experiências? E como se confrontavam simultaneamente face à cultura inglesa? E como avaliar o fato de que tenham ocorrido simultaneamente também interrelações análogas ou complementares entre os domínios do alemão e do inglês? E, sobretudo: que significado tiveram realmente estas representações desenvolvidas e veiculadas na literatura?

Estas e outras considerações semelhantes foram feitas no âmbito das reivindicações em favor do reconhecimento da comparatística como disciplina acadêmica, tendo em vista as possibilidades do seu desdobramento já em torno da virada do século. E, quando, depois da Primeira Guerra Mundial, a escola comparatística francesa começou, por fim, a alcançar de forma monopolizante prestígio internacional, o interesse por este tipo de pesquisa intensificou-se de tal forma, que ela afinal se tornou visível como a substituta adequada para a tradicional pesquisa de influências e veio a tornar-se um dos mais importantes campos de pesquisa da *littérature comparée*. Esta tendência haveria de encontrar seu declínio, poucos anos mais tarde, depois da Segunda Guerra Mundial, na conhecida pequena introdução de Marius-François Guyard, em que o problema do *l'étranger tel qu'on le voit*⁷⁸ foi detalhadamente apresentado como *domaine d'avenir*⁷⁹, e para o que também contribuiu Jean-Marie Carré em seu controvertido *Préface*, escrito mais tarde, em que corrobora o texto de seu discípulo.

O que ainda não foi suficientemente salientado é que o fato de que a imagem de outro país como resultado de uma experiência com o estrangeiro, colocada em debate na imagologia literária, estava no fundo pura e simplesmente ligada de maneira íntima aos interesses centrais da pesquisa comparatística. Somente através da existência de várias literaturas específicas (que, por sua vez, resultaram da existência de diversas línguas específicas) chegou-se à necessidade da criação de uma disciplina própria que se voltasse de modo próprio para a pesquisa dos problemas derivados da diversidade. Se, lado a lado com a germanística, com a romanística, a eslavística, a anglística, a hispanística, a italianística, etc, de fato fizesse sentido a existência de uma comparística como disciplina autônoma, essa existência só teria realmente sentido se essa disciplina, em primeiro lugar, se dedicasse a tarefas inconfundivelmente próprias e se, em segundo

⁷⁸ - (O estrangeiro tal como é visto). Existe tradução deste capítulo em: Guyard, Marius-François - *Literatura comparada*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1956. Nota da revisora.

⁷⁹ - (campo futuro de pesquisa).

lugar, essas tarefas próprias fossem empreendidas não só em relação aos próprios objetivos, se não que também em relação aos próprios meios (ou seja métodos).

Neste caso, os objetos de pesquisa seriam claramente provenientes da multinacionalidade da literatura europeia e das questões e dos problemas suscitados por essa multinacionalidade. Foram também desenvolvidos alguns métodos próprios para trabalhar os objetos de pesquisa fixados. Também estes provinham da própria natureza multinacional do fazer literário europeu. Mas, no fundo, tudo isto gira em torno do problema central existente na diversificação dessas literaturas, assim como da respectiva experiência com o estrangeiro nas diferentes entidades nacionais que geram literatura e, finalmente, isto também toca na problemática da experiência coletiva (nacional) com o próprio, ligada em última análise à experiência com o estrangeiro.

São justamente estas conjunturas que, no âmbito da escola francesa de comparatística, levaram às reflexões, na época da Segunda Guerra Mundial, que marcaram o início definitivo de uma imagologia literária como ramo mais avançado de uma *littérature comparée* que já vinha se desenvolvendo há mais de cem anos. Aliás já se tratava aqui de algo que, muitos anos depois, haveria de ser denominado como uma troca de paradigma de um modelo de pesquisa da produção para um modelo de pesquisa da recepção. E isto já desde antes da Primeira Guerra Mundial, quando principalmente Fernand Baldensperger se empenhava nesta outrora moderníssima perspectiva⁸⁰. Naturalmente, as fronteiras entre as literaturas específicas (literaturas nacionais) eram *conditio sine qua non* neste tipo de recepção. E todo o processo estava relacionado com a questão das diferenças e dos pontos em comum realmente existentes entre as diversas literaturas específicas (nacionais), começando pela diferença básica que permitia falar da multinacionalidade literária, isto é, da existência de literaturas específicas, distintas, marcadas por uma autonomia, quer dizer, por uma relativa autonomia. A comparatística partia efetivamente da real existência de literaturas específicas que se desenvolveram no solo de uma comunidade cultural europeia, mas, em virtude de sua ligação com línguas específicas, evoluíram como entidades próprias com tradições peculiares⁸¹. Da mesma forma veio à tona, neste processo, a questão já colocada das autênticas ou supostas diferenças nacionais entre as comunidades produtoras de literatura e, com isso, por fim também a problemática da entidade nacional como tal. No entanto, em todo este questionamento, a ênfase deveria recair no problema das representações que cada um

⁸⁰ - Consultem-se também os ensaios de Paul Hazard.

⁸¹ - Consulte-se: Dyserinck, Hugo - *Komparatistik*. Bonn, Bouvier, 1977.

tem do outro e de si mesmo. A clara demanda pela construção de uma imagologia literária ou, pelo menos, pela ênfase devida ao significado nuclear desse *domaine d'avenir* no prosseguimento da construção da comparatística em geral era, por volta de 1950, nada mais, nada menos, que um passo dado em direção à continuidade do programa de comparatística e, de certo modo, uma última consequência do próprio processo comparativo. Mas também foi um retrocesso no sentido de conscientização do real núcleo da comparatística: a experiência com a diversidade entre nossas literaturas europeias e seus domínios culturais e linguísticos, assim como com a experiência dessa diversidade literária em si.

Ora, como se sabe, o interesse pela experiência com o estrangeiro, consumada nas áreas linguísticas e culturais específicas e fixada na construção de imagens, deparou-se, nos anos 50, com a reação veemente dos representantes da mais tarde assim denominada escola comparatística americana, de orientação formalista, em que, em primeiro plano, René Wellek achava que os objetivos fixados pela escola de Paris não teriam nada a ver com a ciência da literatura, mas que seriam de índole política, sócio-cultural, ou inerentes à psicologia dos povos, etc., isto é, nada do que deveria ser uma ciência que deveria concentrar-se na *central issue of literature: aesthetics* (de acordo com Wellek).

Ora, os críticos da imagologia literária, que se orientavam pelo critério da imanência da obra, pensavam de modo errado; pensavam que a imagologia literária como tal, numa determinada dimensão que mal tinha a ver com as tarefas especificamente estéticas de um enfoque da literatura, entendida enquanto arte, ultrapassava as tarefas de um estudioso da literatura, ou seja, que nem poderia mais ser considerada como ciência literária. Da mesma maneira, estava errada a ideia de que a imagologia literária era, enfim, uma psicologia dos povos. Também estavam equivocados com a opinião de que uma pesquisa das imagens existentes na literatura e nos processos literários, que se colocasse conscientemente a serviço de objetivos extraliterários (como por exemplo, o entendimento e a compreensão entre os povos), devesse, por esse motivo, ser excluída da ciência da literatura. Muito mais decisivo deve ter sido, entretanto, o fato de a escola comparatística francesa cometer, na época, o erro de se deixar influenciar tanto pela crítica a seu programa, a ponto de não mais conseguir justificá-lo em termos teóricos e metodológicos e, ao invés de prosseguir na expansão da imagologia literária, deixar tudo ir por água abaixo. O sinal externo disso foi o destino do pequeno livro do próprio Guyard que deixou de lado o prefácio de Carré,

atrás referido, depois de poucas reimpressões, entre outras coisas, sob o pretexto de que *en prenant de l'âge, la littérature comparée [avait] progressé et évolué en France même*⁸².

No fundo, tratava-se de uma capitulação do esforço feito em prol de uma exposição mais clara e de uma defesa das dimensões políticas e do alcance da disciplina. Exatamente aqui não importava, do ponto de vista dos autores, o grande significado político da nova orientação da época, talvez não tão claramente reconhecido. E a falta de um reconhecimento definitivo dessa dimensão da comparatística deveria, justamente num contexto europeu, permanecer aguda até os dias de hoje.

Na realidade, a imagologia literária dá até hoje a mais importante e, principalmente, a mais auspiciosa contribuição que a velha disciplina da literatura comparada, hoje com 150 anos, poderia dar para a compreensão e solução dos problemas específicos que advêm da multinacionalidade europeia, e para os quais o literário, no mais amplo sentido da palavra, desempenha um papel. E, neste sentido, toda a contribuição para a imagologia literária é ainda hoje, querendo ou não, um fato político. Além disso, a imagologia é *last but not least* o melhor caminho para uma verdadeira ciência das diferenças e dos pontos em comum entre os povos europeus, realizada através de material literário.

Talvez não seja inoportuno lembrar aqui, novamente, que a comparatística não é uma disciplina inventada um dia para, através da apresentação de possibilidades de pesquisa capazes de transcender fronteiras, proporcionar aos especialistas das filologias específicas novas tarefas, porque os temas para outros trabalhos ameaçavam esgotar-se. Tampouco foi desenvolvida com o intuito de devolver a ciência da literatura à situação existente antes do desenvolvimento das filologias específicas, ou seja, ao estágio de um enfoque literário diletante que, dependendo dos conhecimentos linguísticos dos investigadores e, diríamos das inclinações e simpatias pessoais, seria levado em consideração isto ou aquilo. A ciência da literatura comparada surgiu muito mais a partir do conhecimento de que a multinacionalidade europeia, com todas as complicações e dificuldades que lhe são inerentes, tinha suas origens marcadamente nas diferenças linguísticas e culturais, e que isso criava problemas, para cujas soluções o enfoque comparativo estritamente europeu dos fenômenos literários, capaz de transcender fronteiras, assim como a investigação dos problemas resultantes das

⁸² - (levando-se em consideração a época, a literatura comparada [havia] progredido e evoluído na própria França).

relações entre tais fenômenos, podiam contribuir de modo decisivo. E, se este conhecimento, já no século XIX levava ao reclamo do necessário desenvolvimento de um pensamento europeu, hoje, na segunda metade do século XX, em que o desejo de reunificação de um continente difícil em sua multinacionalidade, se faz mais notado do que nunca, é mais do que justo lembrarmos da validade passada e presente deste conhecimento.

Se a comparatística de Aachen, juntamente com uma série de representantes de outras universidades e de outras disciplinas, de um modo ou de outro, a ela ligados, se apresentam à comunidade científica com o objetivo de fazer uma exposição sobre a imagologia literária e falar dos resultados obtidos até hoje nas pesquisas imagológicas básicas como possível contribuição ao entendimento das relações entre consciência europeia e consciência nacional, oportuno se faz expor a essa comunidade os conhecimentos da discussão imagológica desenvolvidos no Programa de Comparatística da Universidade de Aachen e, embora de modo esquemático, demonstrar de que maneira nossas concepções das possibilidades oferecidas pela imagologia literária foram trabalhadas.

Uma exposição sobre a origem, para não dizer sobre a legitimidade dos objetivos políticos deste tipo de pesquisa literária não se faz mais necessária. Já em 1892, Joseph Texte terminou sua aula inaugural como comparatista na Universidade de Lyon com uma referência à dimensão política da disciplina que ele, doravante, passava a representar e que, tomando de empréstimo de modo consciente um *terminus* de Mme Staël, via, entre outras coisas, como construção de um *esprit européen*⁸³. Poder-se-ia igualmente aludir a vários outros vultos perfilados na história de nossa disciplina que também tinham consciência da dimensão política da comparatística - expressamente no contexto de um pensamento europeu capaz de ultrapassar as fronteiras nacionais - enquanto componente essencial de seu campo de atuação. Nessa lista estariam de novo quase todas as figuras mais importantes da comparatística europeia da primeira metade do século XX até Paul Hazard, assim como alguns representantes marginais importantes que viram, justamente, nesse alcance político da literatura comparada sua legitimidade. Não é mais preciso voltar a esse aspecto da discussão imagológica, pois no fundo nunca houve necessidade de uma legitimação, muito menos ainda há motivos para um pedido de desculpas, quando uma disciplina das ciências humanas coloca os resultados de sua

⁸³ - (espírito europeu).

pesquisa a serviço da humanidade em desenvolvimento e, nesse caso concreto, se apresenta como contribuição para um melhor entendimento entre pessoas e povos.

Certamente deve importar ao interessado em comparatística geral ou no debate imagológico em particular, a maneira como, em certos contextos especificamente europeus (tendo justamente em vista a problemática europeia) surgiram, em nosso Programa de Aachen, determinadas noções da imagologia literária enquanto dimensão aplicada da comparatística.

Na origem havia, no âmbito da discussão em torno da assim chamada crise da comparatística nos anos 50, suscitada pela crítica à comparatística francesa, a tentativa tanto de contribuir para uma espécie de reconciliação entre as perspectivas francesa e americana, como também de demonstrar que, até mesmo no caso de se manter rigorosa concentração em assim chamados aspectos puramente literários, não seria mais possível a eliminação de enfoques imagológicos da comparatística.

Este último aspecto foi desenvolvido posteriormente num artigo⁸⁴ para a recém-fundada revista alemã de literatura comparada *Arcadia*, em que apresentei, de forma sucinta, a tese de que, tanto a existência de imagens enquanto componentes essenciais de obras de arte literárias, quanto o papel que elas desempenham na divulgação e na recepção internacionais da literatura, fornecem a prova irrevogável não só para a sua legitimação, mas também para a necessidade da pesquisa imagológica.

Naturalmente, com essa tentativa de legitimação, no âmbito do confronto com os representantes da chamada pesquisa imanente da obra, não se esgotaram nem de longe quer o significado quer o campo de atuação da imagologia literária. O chamado enfoque imanente da obra ou o modo de pesquisa científica que René Welleck definiu, em sua *Theory of Literature* como *the intrinsic study of literature* não foi de modo algum (e continua não sendo) pura e simplesmente a ciência da literatura; e, se essa noção já nos anos 50 e início dos 60 tinha um caráter de lugar comum, este tornou-se bem nítido ao final dos anos 60 a partir de determinadas mudanças de paradigma. De início já era claro que a tarefa científica com as heteroimagens nacionais desenvolvidas em obras literárias - assim como com as autoimagens a elas ligadas - também possuem um significado que tem um alcance maior que a simples compreensão mais profunda de obras de arte literárias. Outras interpretações destas primeiras contribuições

⁸⁴ - Dyserinck, Hugo - Zum Problem der *images* und *mirages* und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft. In: *Arcadia*. Zeitschrift für Vergleichende Literaturwissenschaft. 1966, vol. 1, p. 107-120. Trata-se do 1º ensaio traduzido nesta coletânea.

fundamentais do Programa de Aachen à metodologia da imagologia literária basearam-se em mal-entendidos⁸⁵. E, de modo completamente desvinculado da necessidade de explicações em relação aos procedimentos de Aachen, há que aludir, agora tanto quanto antes, a outras obscuridades, isto é, a outros mal-entendidos. Entre eles, por exemplo, a ideia sempre presente de que a imagologia literária poderia (ou deveria quando possível) contribuir para a investigação dos traços próprios do carácter dos povos, ou mesmo descrever algo como uma psicologia popular a partir de produtos literários. O Programa de Aachen também se esforçou sempre e de modo a não deixar dúvidas quanto ao esclarecimento de tais mal-entendidos, e foi possível mostrar que, no caso da imagologia literária, tratava-se de um processo que era o exato pólo oposto em relação às confusões existentes em torno de uma assim chamada psicologia dos povos que acreditava em alma popular, em carácter nacional e em coisas semelhantes e que, finalmente, acabou remetida ao reino da ideologia pela ciência do século XX⁸⁶.

Eu próprio, já no final dos anos 50, havia me ocupado com a imagem internacional da Flandres (a polaridade *sensualité-mysticisme*), trazida à tona pela literatura belga de língua francesa da geração de 1880) e, nesse contexto, realizei pesquisas imagológicas que se concentraram especialmente na recepção dos autores em pauta nas áreas linguísticas alemã e francesa. Tratava-se dos altos representantes da conhecida *Renouveau* da literatura belga do século XIX, isto é, de figuras como Verhaeren, Maeterlinck, Georges Rodenbach, Charles van Lerberghe, Georges Eekhoud, Max Elskamp, etc., sendo que o que se destacava nesse grupo era o fato de se tratar de autores flamengos que tanto poderiam ter escrito em flamengo, quanto em outra língua como o francês (holandês), se as relações políticas e sociais na Bélgica daquela época tivessem sido outras, mas que, através do veículo constituído pela língua francesa, alcançaram prestígio internacional, em que, principalmente, sua origem flamenga haveria de desempenhar um importante papel. Esses autores foram transformados, já pouco depois de 1880, em objeto de exposições histórico-literárias por todo o mundo e de análises críticas, nas quais se falava repetidamente de seu suposto jeito tipicamente germânico, assim como de um acentuado dinamismo supostamente

⁸⁵ - Jurt, J. - L'image de l'Afrique dans la littérature française. In: *Oeuvres et critiques III, 1978-79* e Grewe A. - *Das Ameikabild der französischen Schriftsteller zwischen den beiden Weltkriegen*. Heidelberg, 1985.

⁸⁶ - Consulte-se o capítulo dedicado a "Vergleichende Imagologie" em: Dyserinck, Hugo - *Komparatistik*. Bonn, Bouvier, 1977.

flamengo, que marcou seus trabalhos e os distinguiu do caráter estático, racionalista, ou comparativamente, anêmico da literatura contemporânea francesa, etc. etc.

Não foi difícil constatar que esses traços de caráter que, de acordo com o pensamento determinista do século XIX, foram apresentados como pertencentes à psicologia dos povos, eram em grande parte realmente desejados e, em parte, até sistematicamente orientados por antigas tradições históricas, (por exemplo, da pintura flamenga dos séculos XV, XVI e XVII), sendo que aos nossos autores - liderados por Emile Verhaeren e Maurice Maeterlinck - também não faltava uma tendência para fazer delineamentos nacionais e regionais, e até mais do que isso, pois não desconheciam que certos críticos e um certo público leitor apreciava tal imagem flamenga, provinda deste canto setentrional da Europa.

Nesse plano, o *mysticisme* de Georges Rodenbach, as descrições de Béguinage e a orientação Ruusbroec adotada por Maeterlinck, aliados à *sensualité* tal como destacada na obra de Verhaeren *Les Flamandes*, deixavam-se facilmente ligar a uma polaridade *sensualité/misticisme* que delineou, no mercado internacional da literatura, (entre outros também em favor da apresentação de uma nova literatura belga) um suposto traço típico da alma do povo flamengo, e até pôde atuar como sua promoção.

E *Bruges la Morte* de George Rodenbach não se tornou casualmente um sucesso internacional, mesmo sendo essa *Brügge*, com todos os seus novos planos de industrialização e de um porto internacional, à época de seu surgimento, algo bem diferente de um sonhado idílio, à semelhança de uma Veneza do Norte morta.

Só um método de desideologização que, basicamente, questionasse as declarações míticas sobre o caráter nacional desses autores, determinado por sua origem e por seu sangue, que procurasse as fontes das interpretações em pauta e, com isso, expusesse sua eventual contradição interna, para finalmente também demonstrar seu parentesco (tanto em relação às declarações, como também em relação aos métodos aí utilizados) com os mais nocivos tumores do pensamento racista da Europa no século XX, poderia preparar o terreno para uma compreensão das estruturas imagotípicas e dos modelos de pensamento em jogo, um método que merecesse a designação de científico no sentido de um pensamento crítico-racionalista, aqui mais do que em qualquer outro lugar. Acrescente-se a isso nosso trabalho com a problemática da recepção internacional da literatura de expressão neerlandesa da Flandres e - automaticamente - da Holanda, isto é, com a literatura de ambas as partes da área linguística dos Países Baixos que, desde 1830, se encontra novamente dividida pela fronteira entre os estados belga e

neerlandês. Pesquisas feitas sobre a divulgação em escala mundial da literatura da Flandres e da Holanda e sobre o grande sucesso que a literatura flamenga obteve, principalmente nas regiões de língua alemã, provaram que a imagem da polaridade *sensualité-mysticisme*, enquanto suposta característica principal de uma alma popular flamenga, mal teve um papel reconhecido aí. O sucesso constatado, sobretudo no âmbito alemão, da literatura da “terra natal”, que se movimentava entre uma nostálgica mística à Begin e uma alegria mundana à Timmermann, à Streuvel, etc., achava-se neste plano. E até o próprio vocábulo “Flandres” transformou-se num rótulo que se adequava bem ao mercado; chegou-se mesmo a aconselhar como designação para a língua original, a partir da qual as obras foram traduzidas para o alemão, para o francês, inglês, etc., não o termo “neerlandês”, mas, malgrado todas as regras da filologia, o termo “flamengo”. Numa dissertação sobre as traduções alemãs do autor flamengo Karel van de Woestijne, realizada no âmbito do Programa de Aachen, pôde ser mostrado que os vestígios de uma influência exercida por ideias imagotípicas eram demonstráveis até mesmo em certas nuances da tradução.

As conclusões que se puderam tirar de tais constatações acabaram, em primeiro lugar, na relativização dos chamados conceitos de nacionalidade, tão apreciados na vida literária internacional. Para os comparatistas isso não foi, contudo, uma surpresa, mas muito mais uma confirmação adicional da correção dos seus procedimentos que, na comparação além-fronteiras e na pesquisa das relações internacionais, partem basicamente da necessidade de se considerar as literaturas específicas a partir de um foco supranacional e, de qualquer forma, relativizante. E nada pôde ilustrar (iluminar) melhor o caráter essencialmente relativo dos modelos de pensamento nacionais do que o exame da natureza artificial das teorias literárias no que toca às características nacionais.

Justamente no contexto das relações linguísticas, literárias e culturais do espaço “Benelux”⁸⁷, ou em toda a área neerlandesa-belga, é possível apresentar facilmente quantos modelos populares e nacionais, entre si contraditórios, houve no curso da história em certas zonas europeias, ou, desconsiderando-se as ocorrências políticas posteriores, quantos ainda existem eventualmente até hoje nas áreas em questão: modelos nacionais que, no correr dos séculos, tomaram formas nacionais e estatais, para os quais os habitantes desenvolveram sentimentos patrióticos, tanto que muitas pessoas

⁸⁷ - Benelux é o nome dado ao espaço ocupado hoje pela Holanda, pela Bélgica e por Luxemburgo que, no passado já foi conhecido por Países Baixos, por Flandres, por Valônia, etc. Nota da revisora.

viveram por eles e por eles zelaram, algumas sofreram e outras por eles morreram em confrontos bélicos; modelos tão incompatíveis entre si que, no final, tiveram que se excluir. Todas essas “pátrias” e modelos de possíveis “pátrias” - para ficarmos apenas no espaço “Benelux” - quer se denominem “belga”, “neerlandesa”, “flamenga”, “holandesa”, “neerlandesa em geral” ou “borgonhesa”, tanto podiam entusiasmar determinados grupos de pessoas, como repelir outros. Só uma coisa era bastante nítida: como “pátrias” potenciais ou reais eram tudo menos “eternas”, tampouco “sagradas”, a não ser para aqueles que estavam preparados para laicizar o conceito de santidade e de divino a ponto de finalmente, o converterem em moeda prática e política.

Além disso, não é insignificante o fato de que as fronteiras que cercam as unidades nacionais, étnicas ou tribais possam ser de natureza vária. Na comparatística costuma-se partir do princípio de que uma literatura específica (ou nacional) - ou seja, a unidade da qual o filólogo nacional se ocupa, e que o comparatista apenas considera enquanto espaço de fornecimento de material para o seu objeto de pesquisa que é multinacional - é a literatura de uma área linguística, e que os povos produtores de literatura podem ser (algo no sentido de Herder), em primeiro lugar, facilmente definidos como comunidades de pessoas que falam a mesma língua (desde que se possa partir de circunstâncias dadas naturalmente).

Precisamente a observação mais pormenorizada dessas circunstâncias dadas naturalmente, como por exemplo o espaço “Benelux”, permite também a constatação que, dentro de uma mesma área linguística - tanto em relação à consciência nacional, quanto à mentalidade - pode ocorrer o desenvolvimento de diferenças coletivas, condicionadas de uma outra forma, de tal modo que, dentro e fora das fronteiras internas de uma mesma área linguística, vários grupos se desenvolvem e se veem, afinal, como povos distintos. Foi o que aconteceu, por exemplo, no espaço neerlandês, onde inúmeros holandeses e flamengos pensam que suas diferenças mútuas são fruto de diversidades entre duas comunidades étnicas autônomas, enquanto se trata apenas de habitantes de uma mesma área linguística que, há séculos, por causa de fenômenos históricos sobejamente conhecidos, foi dividida por uma fronteira que haveria de ser consolidada militarmente e ideologicamente alicerçada.

Já estava na hora de reconhecermos e de termos coragem de falar na Europa, em que medida nossas nações e nossos povos são, em essência, modelos de pensamento concretos e transitórios no espaço da história e, isso, deve ser considerado como um

primeiro resultado de toda a pesquisa comparatístico-imagológica feita nesse contexto e realizada de modo consequente.

Mas isso, naturalmente, não significa que o valor das diversas formas de realizações concretas desses modelos de pensamento nacionais deva ser visto como *quantité négligeable*⁸⁸. E, sobretudo, não significa que a manifestação e a função dos respectivos modelos de pensamento ligados a imagens e a estruturas imagotípicas - assim como, por exemplo, aparecem na literatura - devam ser consideradas relativamente fracas e sem significado. Muito pelo contrário: são precisamente certos processos, que andam de mãos dadas com a divulgação internacional da literatura, que ilustram de modo muito convincente o poder que deles emana. E isto diz respeito não somente ao poder das heteroimagens, como por exemplo, daquelas relacionadas com a Flandres e que foram produzidas e divulgadas no âmbito da recepção dos testemunhos literários provindos ou relacionados com a Flandres. Atinge também as já aludidas repercussões das heteroimagens em questão (no caminho da ação recíproca entre formação de hetero e autoimagens) na produção literária do respectivo país (no caso, a Flandres ou a Bélgica) e, portanto, as possíveis consequências para a formação da consciência nacional, que nada mais é que um certo modo de formação de autoimagem.

As constatações imagológicas em causa servem não só para uma melhor compreensão das obras dos autores que se orientam por uma imagem de seu país marcada no mundo. Elas também dizem respeito ao fenômeno de longo alcance em suas consequências, que alguns autores podem, em determinado momento, omitir, para acreditar na exatidão da imagem mencionada - ou para poder considerá-la possível, isto é, que neles e através deles pode-se realizar, dessa maneira, um processo de busca e de encontro da identidade nacional. E o que se pode constatar aqui sobre o campo das relações literárias internacionais tem igualmente seu significado para o campo maior da vida política.

O que também acaba expresso aqui é o poder dessas imagens, engendradas e criadas pelo espírito humano, e que - em consequência do fato de serem enformadas em formas comunicáveis e decodificáveis - podem a qualquer momento ser chamadas e reativadas. São como que objetos produzidos por pessoas, objetos esses que, de novo, podem atuar sobre a humanidade e onde, mais tarde, não é mais possível controlar sua repercussão a contento. Essas imagens e estruturas imagotípicas são, nesse sentido,

⁸⁸ - (quantidade negligenciável).

comparáveis aos objetos do “mundo 3” segundo a teoria de Karl Popper⁸⁹ ou têm o *status* desses objetos.

De resto, essas constatações encontram apoio na análise dos processos imagotípicos que ocorreram e que ainda ocorrem numa outra parte da Europa - mais centralizadora e dominadora. Aqui são consideradas as relações literárias e intelectuais anglo-franco-alemãs e, neste contexto, podemos considerar, por sua vez, em primeiro lugar o encontro cultural alemão-francês: as teorias de Madame de Staël, que ainda repercutem na relação norte-sul dentro da Europa, e tudo o que se desenvolveu em consequência da representação que forjou da Alemanha até o tratamento dado por comparatistas como Carré, Monchoux, Digeon, etc. constituem ainda hoje o núcleo de uma maior estrutura imagotípica multinacional, na qual ocorreram e ocorrem processos que só afirmam o que se apreende da pesquisa acima citada sobre as relações literárias no espaço “Benelux” e também a relatividade da imagotipia de cunho nacional e as abundantes provas das influências de grande alcance que podem partir das estruturas imagotípicas, tanto da vida literária e intelectual quanto do campo político.

O que, em sua época, Madame de Staël lançou ao mundo com nítida influência das relações políticas existentes (a imagem da romântica Germânia em contraposição à clássica România, o confronto do protestantismo com o catolicismo, o amor à liberdade, a dependência da autoridade) mostrou ser, durante quase dois séculos, tão forte, que até houve a possibilidade de se desenvolverem teorias contrárias com a mesma estrutura de polaridade, através da troca das tônicas avaliativas: como se sabe, a germanofilia manifestada na França antes das Guerras Mundiais, gostava muito de trabalhar com o modelo de Madame Staël, e a admiração pela Germânia e por seu sistema, tão positivamente avaliados, concretizou-se; mais tarde, entretanto, as reações nacionalistas, inclusive a *Action Française* utilizaram as mesmas estruturas ou as mesmas macroestruturas, construídas a partir de três pares de oposições principais, para exercer, daí em diante, com sinal invertido, a mais dura crítica ao âmbito alemão. O que para Madame Staël significava amor à liberdade era, para Maurice Barrés, pouca seriedade; o que para ela era romântico, com promessas de futuro, em oposição a uma França envelhecida, estática, incrustada em clássicas tradições, tornou-se para os “anti-românticos” uma manifestação doentia, surgida além do Reno e do Canal da Mancha, e que ameaçava a França. E o que, para um, significava dinâmica e movimento, parecia para o outro um perigo proveniente de uma inquietação doentia. Também neste

⁸⁹ - Popper, Karl - *Objektive Erkenntnis*. Hamburg, 1973.

contexto, a longevidade dos modelos de pensamento imagotípicos em pauta mostrou-se evidente. Também aqui mostraram uma tenaz capacidade de existência.

Naturalmente essa capacidade de persistir sob as mais duras provas não pode, por outro lado, ser explicada pelo fato de sempre haver pessoas prontas a acreditar em teorias e ideologias sedutoramente simplistas, mas (e essa é outra tese que gostaria de levantar aqui com base no tema das imagens e miragens) está, evidentemente, ligada a uma certa necessidade do ser humano em criar padrões de pensamento imagotípicos, que ainda não foi suficientemente pesquisada e que sempre se concretiza no campo literário de modo particular.

Não se deve esquecer que o nacionalismo e o pensamento nacional (gostaríamos de atenuar, neste contexto, a palavra nacionalismo, substituindo-o por patriotismo) não foram, no nosso passado europeu, utilizados só pela grande massa, mas a eles se dedicaram também figuras de proa - precisamente na poesia. O verso *Lebe droben, o Vaterland, und zähle nicht die Toten*⁹⁰ de Hölderlin não é apenas uma fórmula banal, apropriada ao uso de políticos e demagogos sem consciência para enviarem jovens aos campos de batalha da Europa e à morte. Em se tratando dos termos “pátria”, “torrão natal” , etc., há algo no poeta, e em tantos outros, que não pode ser identificado simplesmente com as guerras de libertação, autênticas ou fictícias, do final do nacionalismo, algo que toca numa necessidade humana mais profunda. Trata-se aqui de algo relacionado com o anseio por “pátria”, por “proteção”, etc., que não pode ser explicado exclusivamente pelo medo atávico do *homo sapiens* dos primórdios, dependente da horda diante do ataque.

Estas questões ainda obscuras - apesar dos inúmeros ensaios sobre problemas atinentes à consciência nacional, assim como ao pensamento nacional de modo genérico - mostram certas possibilidades e tarefas antropológicas da imagologia literária, devido ao elo existente entre a formação de hetero e autoimagens principalmente, porque, na Europa - como já foi suficientemente acentuado - a participação da literatura tanto no surgimento, como na manifestação e na repercussão do pensamento nacional sempre teve um significado nuclear.

Qual é a força inerente às estruturas imagotípicas, que capacidade de irradiação possuem, e de que maneira podem ser relevantes, num sentido universal, vê-se de resto no exemplo oferecido pela repercussão dos processos europeus em causa fora da Europa

⁹⁰ - (Vive, ó pátria, não contes os mortos).

- um fenômeno que merece ainda especial atenção dentro da longa discussão sobre o alcance da validade dos nossos métodos comparatistas europeus típicos.

É, de fato, legítimo e, por vários motivos adequado, constatar que os nossos modelos de trabalho imagológicos, desenvolvidos a partir de manifestações europeias, não devem limitar sua validade à Europa, mas podem encontrar emprego em outras partes, onde grupos humanos (tribos, povos, etc.) se encontrem semelhantemente em processos de confrontação intelectual, como em nosso caso aconteceu na história por quase 400 anos. Aqui temos em mente, por exemplo, uma manifestação extremamente importante do ponto de vista comparatista-imagológico, como a teoria da negritude, à qual dedicamos uma maior atenção desde o início do nosso Programa de Aachen, e que pode servir como grande exemplo para o alcance que as imagens e modelos de pensamento imagotípicos, surgidos neste continente, podem ter fora da Europa ou como prova inequívoca do significado internacional que a sua pesquisa ainda pode angariar.

Como se sabe, a utilização das teorias morfoculturais do etnólogo alemão Leo Frobenius por Leopold Sédar Senghor, por Aimé Césaire, etc. não foram nada mais que uma retomada das macroestruturas imagotípicas europeias, assentes em concepções de uma consciência nacional alemã em formação (em grande parte surgidas no mundo da literatura e da crítica literária) bem como em concepções próprias da consciência cultural dos séculos XVIII e XIX, que eram dirigidas contra a França. Esses intelectuais africanos que, mais tarde, vieram a exercer grande influência no processo de descolonização, conheceram, via Frobenius, as teorias sobre a diferença entre civilização e cultura, vigentes já desde a época pré-romântica alemã, e, tendo por base a *História cultural da África* deste autor, cuja tradução francesa leram nos anos 30 em Paris enquanto estudantes. Puderam, assim, desenvolver, à época, a particularmente influente “ideologia da negritude”. Em essência, não se tratava de nada mais além da adoção de certos modelos de pensamento, que se haviam desenvolvido no espaço europeu (principalmente na área de língua alemã) a partir de antigas noções imagotípicas sobre a relação anglo-franco-alemã, dessa vez aplicadas às relações euro-africanas e, em alguns estados africanos, temporariamente destacada como “filosofia da autenticidade africana”, e isso também significava que, em última análise, essa ideologia só poderia ser compreendida em toda a sua extensão através dos instrumentos da imagologia literária desenvolvida na Europa.

Em face de manifestações tais como o surgimento e a repercussão da teoria da negritude, é natural abordar, principalmente no contexto da dimensão política da

comparatística, a problemática inerente a um suposto perigo de eurocentrismo existente em nossa disciplina. Tal perigo também é problematizado amiúde (principalmente desde a “crise” da disciplina nos anos 50 e 60). Como se sabe, foi Etiemble⁹¹ quem ressaltou o fato com grandes escrúpulos: enquanto, por um lado, acusava seus colegas europeus de uma dose de provincianismo e de limitações, referindo-se à sua não disposição de incluir em seus programas comparatistas temas africanos, asiáticos ou da Oceania, etc., não hesitava, por outro, em censurar-lhes o eurocentrismo que, sem muitos rodeios, relacionava a reconhecidas tendências imperialistas e agressivas, bem como a atividades do passado europeu.

Para todo aquele que sabe tratar-se de um trabalho num campo de pesquisas multinacional (isto é poliglota), está claro que até para os comparatistas, em algum momento, devem ocorrer limitações: limitações a que toda a capacidade humana está sujeita, limitações levantadas pelos próprios pesquisadores, motivadas pela abrangência do assunto, pelo problema da eficiência e da racionalidade - e também pela recusa do diletantismo.

Por que não deveria uma comparatística, que trata dos problemas provenientes de uma multinacionalidade europeia, em face das necessidades e das possibilidades criadas por essas limitações, poder eleger o campo europeu (limitado) como principal área de ação, sem se deixar acometer por sentimentos de super-autoestima?

O que está em causa é a questão da legitimidade de se poder tirar conclusões científico-literárias “gerais” a partir de investigações realizadas só no âmbito da literatura europeia e de se querer supostamente criar teorias cientificamente fundamentadas, partindo da universal exigência de validade legal, com base em conclusões retiradas apenas de uma área cultural, sem levantar o problema da existência de possíveis diferenças em conclusões análogas em outras áreas culturais.

Neste interim, veio a tornar-se marcante a manifestação chamada de “ciência geral da literatura”, que começou a expandir-se em alguns países da Europa durante os anos 60 e que alcançou um certo (ainda que muito relativo) reconhecimento, em que pesquisadores isolados não quiseram dar-se ao esforço de um trabalho multinacional de cunho comparatista.

⁹¹ - O texto de Etiemble, “Crise da literatura comparada?”, encontra-se traduzido para o português em: Carvalhal & Coutinho - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p.191-198. Nota da revisora.

Mas por que não deveria haver um intento de pesquisa, dentro dos limites conscientemente reconhecidos e marcados pelas literaturas surgidas na Europa, ou na tradição linguística e cultural europeia que, em vez de se colocar como imperialismo, pretenda muito mais criar conhecimentos, partindo de análises do próprio âmbito (pequeno) europeu, e que, afinal, também pode ser de utilidade para além das fronteiras de nosso continente? Em outras palavras: por que um trabalho desenvolvido no âmbito europeu não poderia ser uma atividade realizada num laboratório intelectual, com procedimentos científicos normais, sem o compromisso de atingir validade universal, e cuja produção fica ao dispor de toda humanidade para uso próprio, sem que isso tenha necessariamente a ver com eurocentrismo, muito menos com imperialismo?

O campo de trabalho comparatista, tal como é tratado em nosso programa, é na realidade tudo menos aquele modelo de cunho ideológico ligado à ideia de uma “nação europeia” ou de uma nação enquanto grande-espaco-supranacional, a cujos serviços se colocariam os nossos pesquisadores, como por exemplo, no passado, aconteceu com uma certa germanística alemã, que considerava questão de honra estar a serviço do império alemão.

Certamente, não se pode negar que houve historiadores da literatura que se empenharam na unidade do pensamento europeu ao escreverem uma história da literatura e, por momentos, mantiveram afinidades com modelos imperialistas de pensamento. E era compreensível que espíritos universalistas como Etiemble achassem por bem advertir sobre o perigo do surgimento de um nacionalismo na grande área europeia, enraizado no pensamento eurocêntrico. Porém, impetrar este fato a uma comparatística centrada na Europa como uma mácula em potencial ou já existente, foi e é inoportuno.

Nossa conclusão, neste contexto, é a seguinte: não há “nação Europa”, mas “laboratório Europa” para a realização de uma ciência com alcance político que, no fundo, se desenvolve plenamente na imagologia literária, de orientação crítico-racionalista, e sem o pensamento voltado para o espírito do nacionalismo do século XIX ou para novas formas de pensamento nacionalista.

E o “laboratório Europa” também serve a uma pesquisa que, através de seus procedimentos crítico-racionalistas, bem como de seus fundamentos alicerçados em conhecimento multinacional histórico-crítico, acaba por ficar equipada da melhor maneira, não só para examinar os diversos modelos da consciência nacional na Europa, mas também as várias formas da própria consciência europeia. Pois a literatura teve uma

imensa participação não apenas no desenvolvimento do pensamento nacional; teve também interesse pelo desenvolvimento de uma mentalidade europeia, desejado e por ela fomentado, bem como por aqueles que dela se ocupavam. É, pois, - mas isso só deve ser citado à margem - também uma futura tarefa da comparatística europeia trabalhar, de forma sistemática, as representações da Europa, principalmente a partir do Romantismo, ou seja, do século XVIII; um trabalho de análise feito de distância crítico-racionalista que sabe manter o necessário distanciamento científico do seu objeto de pesquisa. Finalmente, isso haverá de tocar naquele *esprit européen*, que está além do espírito do nacionalismo europeu, atrelado à nossa disciplina por Madame de Staël, enquanto modelo condutor e representado com ênfase por especialistas como J. Texte, H. Meltzl, L. P. Betz, etc. Neste ponto, mostra-se de novo em toda a sua clareza a dimensão e o real significado políticos desta disciplina tão tipicamente europeia.

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA IMAGOLOGIA*

Tradução de Jael Glauce da Fonseca

Como citar:

Dyserinck, Hugo. Sobre o desenvolvimento da imagologia. Trad. Jael Glauce da Fonseca. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book.

Uma reflexão sobre o desenvolvimento da imagologia até o momento, que não pretenda ser apenas um levantamento de resultados de pesquisas, mas que também queira discutir suas outras possibilidades de expansão, fará bem em analisar de novo a sua posição e o seu *status*, tanto na área da literatura comparada como na das ciências humanas e, ao fazê-lo, levar em consideração as grandes dificuldades a que esta pesquisa comparativa especial se viu confrontada em seu desdobramento (e em seu paulatino reconhecimento), mesmo que estejamos aqui repetindo algo muito dito.

De fato, hoje não é mais necessário defender longamente a imagologia contra a acusação de não ser uma tarefa genuína da pesquisa literária, como tivemos que fazer a partir dos anos 50 e ainda nos anos 70, ao nos confrontarmos, por exemplo, com as afirmações de René Wellek - e de outros seus discípulos menos importantes - de que toda a problemática abordada pela imagologia pertencia às áreas da psicologia social, da psicologia nacional e da sociologia, etc. e não aos estudos literários, cuja tarefa central estaria no plano da estética. Já existe, entretanto, um consenso entre todos os participantes do debate sobre pesquisa literária, tanto na área da comparatística, como no contexto interdisciplinar, e também entre aqueles que consideram os estudos de literatura predominantemente como uma ciência da arte, e aqueles que a veem, sobretudo como uma ciência social: para todos, não há dúvidas sobre a importância e a utilidade da imagologia, de modo que, hoje, já é quase impossível encontrarem-se julgamentos que a depreciem em qualquer plano científico sério. Ao contrário, há algum tempo têm surgido no mercado até mesmo publicações, cujos autores parecem

* - Dyserinck, Hugo - Zur Entwicklung der Komparatischen Imagologie. In: *Colloquium Helvetium*. Sonderdruck, Frankfurt a. M., Peter Lang, 1988, p.19-42. Trad. **Jael Glauce da Fonseca**, pesquisadora do grupo RELLIBRA - "Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de língua alemã". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

considerar o termo imagologia como algo tão natural, que até deixam de mencionar a sua precedência e o originário caráter problemático do *terminus*.

Seria bem mais importante, entretanto, aproveitarmos o desenvolvimento alcançado e o estado atual da pesquisa imagológica, pensando no futuro.

Assim, não é de forma alguma supérfluo recordarmos que o interesse pela imagologia manifestou-se bem cedo na literatura comparada, mais precisamente quando a literatura comparada, isto é, a história da literatura comparada, se tornou disciplina acadêmica autônoma. Este interesse já se exteriorizava claramente na obra de Louis Paul Betz, entre outros, que em 1896 considerava como tarefas precípuas da nova área “pesquisar como as nações se olhavam, se elogiavam ou se repreendiam, se aceitavam ou se desprezavam, se imitavam ou se desmoralizavam, se entendiam ou não se entendiam, abriam ou fechavam os corações umas para as outras”. Nesta citação, Betz se reportava a Goethe. Também não se deveria esquecer que os primeiros passos dados pela escola francesa de comparatística, numa área de pesquisa, já manifestamente de perfil imagológico, aconteceram em 1905 e 1906, e isto foi feito por Baldensperger e Hazard, que já constituíam a geração dos mestres e dos mentores intelectuais, em relação aos comparatistas franceses pós-Segunda Guerra, defensores do programa imagológico, considerado, então, como novo e recomendado como tarefa primordial.

Esta presença precoce no âmago da nova disciplina não era de resto surpreendente, já que a imagologia, no fundo, tocava no problema axial e na causa primária de toda a comparatística, ou seja, na experiência da alteridade entre literaturas e culturas específicas. É assim que o discurso de defesa de Carré, publicado em 1951 no prefácio de *La littérature comparée* de Guyard, vai em favor da substituição da pesquisa de influências por uma pesquisa da recepção, isto é, um discurso de defesa que sinaliza a possível ruptura definitiva da orientação seguida até aquela data, em última instância, nada mais do que uma nova ênfase num problema essencial de toda a pesquisa comparatística sobre relações e repercussões. E, assim, não é de se espantar que as dificuldades decisivas, com que a imagologia se confrontou durante o seu processo de evolução, foram, em geral, as mesmas da literatura comparada.

Por isso, teve que percorrer um longo e difícil caminho, desde a sua inserção em uma história da literatura comparada - ainda bastante influenciada pelas ideias positivistas do século XIX - até conseguir perceber a necessidade de se ocupar com a seguinte questão: *comment nous voyons nous entre nous, Anglais et Français et*

Allemands, etc.?⁹² E este caminho não foi apenas marcado por dificuldades, relacionadas com o desligamento gradual em relação a um elo ainda de efeitos negativos com as filologias nacionais. Tratava-se, simultaneamente, da percepção, que lentamente se impunha, da necessidade de se empregar “uma perspectiva verdadeiramente supranacional”, com base em uma “neutralidade cultural”⁹³ em todo trabalho de comparação. E isso era um processo ligado essencialmente ao desenvolvimento da comparatística e, talvez, uma das tarefas metodológicas mais difíceis que a disciplina teve que solucionar. Na verdade, não foi fácil impor a ideia de que também a imagologia só poderia se tornar uma área de pesquisa científica totalmente responsável, autônoma, e tanto produtiva quanto necessária, se ela se libertasse dos objetivos específicos e dos métodos das filologias, independentemente de seu valor para as áreas literárias específicas.

As perguntas que deveriam ser feitas pela imagologia não eram estas: como nós, os franceses, vemos a cultura alemã, e o que podemos com ela aprender para aprimorar nossa compreensão da literatura e da história francesa? Ou, como nós, alemães, ingleses, espanhóis, etc., vemos as outras culturas, e como podemos aproveitá-las para uma melhor compreensão da estrutura e do desenvolvimento de nossas próprias culturas? As perguntas deveriam ser muito mais da seguinte ordem: como se vêem, por exemplo, os alemães, os franceses e os ingleses uns aos outros? E o que se pode aprender desta rede de imagens, mal-entendidos e limitações, etc. para uma melhor compreensão do mecanismo multinacional (por exemplo, dentro da Europa) de hetero e autoimagens nacionais? E também: como podem esses conhecimentos, adquiridos em uma base supranacional, ser empregados para melhorar a compreensão do papel e do significado desses processos para a humanidade?

Percebe-se claramente que nem sempre foi fácil alcançar o nível de compreensão necessário a tais esclarecimentos metodológicos. E isso pode ser verificado até mesmo no desenvolvimento da comparatística francesa, que tinha de apresentar, pelo menos, pressupostos os mais favoráveis para o trabalho imagológico. Em alguns aspectos, a comparatística internacional tem, ainda hoje, que combater as dificuldades citadas acima, e isto especialmente, em lugares nos quais os estudos acadêmicos de

⁹² - (como é que nos vemos entre nós, ingleses, franceses e alemães?)

⁹³ - No interesse de uma maior consolidação da citada “neutralidade cultural”, pressuposta pela comparatística desenvolvida a partir de uma perspectiva supranacional - e também pela imagologia - dever-se-ia levar em consideração o conceito de “neutralidade cultural” de Georges Devereux, que desempenha um papel fulcral em seus inúmeros trabalhos sobre o que ele mesmo denomina etnopsicanálise.

comparatística ainda se encontram ligados a programas de filologias nacionais, como por exemplo, em combinações que seguem o modelo “Alemão e Literatura Comparada” ou “Literatura Francesa e Comparada”.

Nestas dificuldades encontra-se, talvez, a razão pela qual alguns dos melhores comparatistas franceses do pós-2ª guerra preferiram, em última instância, empregar as ideias advindas da imagologia - e seu próprio interesse por elas - a serviço de outras linhas de pesquisa, que oferecessem melhores condições de investigação. Em outras palavras, até que ela, a imagologia, se libertasse de uma literatura comparada que não lhe garantisse um lugar conveniente. Um exemplo bem típico dessa situação é o modelo, desenvolvido por Robert Escarpit⁹⁴, de uma sociologia literária que, se notarmos bem, ainda em 1958 partiu da possibilidade de uma reorientação da pesquisa voltada para uma análise da recepção literária, de acordo com as concepções defendidas pela escola francesa de comparatística de Paris, e que tenha, assim, se antecipado em dez anos a Hans Robert Jauss, ao propor partes significativas de uma mudança de paradigma na ciência literária, mudança esta que, mais tarde, foi teoricamente detalhada e consolidada na teoria de Jauss. O relacionamento desta proposta com a imagologia pode ser lido claramente em Escarpit. Mas quem, naquela época, acharia fundamental a necessidade de uma difusão semelhante da imagologia nos programas de pesquisa e de ensino da comparatística e julgaria que, em geral, ela seria adequada não só para o espaço francôfono, mas também para toda a Europa? E quem pensaria, naquela época, só para citar mais um exemplo, no significado e no possível papel da pesquisa imagológica e da comparatística para a *histoire des mentalités*, então em desenvolvimento e hoje tão bem sucedida?

Tendo como pano de fundo as dores do nascimento e da evolução da comparatística, cuja descrição pormenorizada e cuja análise constituirão, quando escritas de novo, um dos capítulos mais interessantes das ciências humanas, se, então, indagarmos a respeito dos resultados concretos fundamentais e metodológicos provenientes da produção existente no campo da imagologia, poderemos mencionar alguns sucessos relevantes, destacando aí dois aspectos principais: primeiro e provavelmente por enquanto, entre os resultados mais importantes está, sem dúvida, o conhecimento crescente da relatividade e do caráter ideológico das imagens, o que está

⁹⁴ - Escarpit, R. - *Sociologie de la littérature*. Paris, 1958, p. 11. Deste autor, o ensaio “Os métodos da sociologia literária” encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p.149-156.

ligado, intimamente associado, ao distanciamento inerente a um trabalho com a imagem de um outro país (tanto no sentido de uma tematologia passada de moda, como no sentido de uma assim chamada psicologia dos povos, há muito superada), tanto assim, que se pode falar de um conhecimento crescente a respeito da relatividade de conceitos como o de povo e o de nação, com os quais as respectivas imagens estão relacionadas - ou pretendem estar, imagens estas que foram criadas e mantidas, em alguns casos, só por causa destes conceitos mesmos.

Isto é possível de ser mostrado através de determinadas conclusões, tiradas apenas das pesquisas de Carré e de seus discípulos sobre o processo de formação bilateral de imagens no plano francês-alemão. Podemos fazê-lo através de resultados de determinadas investigações sobre os diversos processos de formação de imagens, tanto no âmbito do encontro entre as culturas germânica e latina, quanto no plano do contato entre países europeus e não europeus, tal como nas pesquisas que foram efetuadas dentro do Programa da Escola Comparatística de Aachen, programa este que sucedeu ao Programa da Escola Comparatística Francesa (mesmo que ainda mantendo uma clara ligação com este).

Se alguma conclusão de grande alcance foi tirada de publicações como a de Jean-Marie Carré *Les écrivains français et le mirage allemand* (1947), a de André Monchoux *L'Allemagne devant les lettres français de 1814 a 1815* (1953), ou a de Claude Digeon *La crise allemande de la pensée française 1870-1914* (1959), foi a do reconhecimento da falta de conteúdo verídico genuíno e comprovável referente à imagem francesa da Alemanha, aliada à constatação de sua relatividade evidente, ou seja, apesar da consistência de sua estrutura básica, a imagem mostrou-se altamente dependente de diversas correntes filosóficas, políticas e econômicas atinentes aos respectivos períodos atravessados pelas relações franco-alemãs.

Só algo assim pode ser concluído de tais formações de imagens, que foram esboçadas e divulgadas por teóricos engajados, de acordo com o desenvolvimento de programas políticos que lhes convinham. Assim é o caso de um fenômeno como o da teoria da negritude que, inegavelmente, não passou de uma valorização de uma macroestrutura imagotípica (aliás, proveniente da Europa), cujas declarações sobre as chamadas características de povos, grupos e também raças nada tinham a ver com o registro de uma realidade etnopsicológica, sendo de uma natureza puramente ideológica.

No âmbito das investigações mais tarde realizadas no Programa de Aachen, partindo da análise do papel da formação de imagens na recepção internacional da

literatura em idioma francês da Bélgica e, especialmente, dos autores flamengos da geração de 1880 que escreviam em francês e, ainda mais especificamente, da literatura oriunda da Flandres - e este material mostrou-se absolutamente adequado à pesquisa - conseguimos perceber como, da relatividade das imagens e das estruturas imagotípicas, surge necessariamente uma relatividade dos modelos de pensamento nacionais. As circunstâncias em que as imagens se mantiveram - ocasionalmente graças aos próprios envolvidos - mostraram, de fato, como as ideias de pretensas características nacionais eram fictícias, contraditórias e totalmente ignorantes da realidade em que se baseavam (isto é, os relacionamentos existentes nas regiões envolvidas e entre suas populações); assim, por exemplo, na região superpovoada e industrializada de “todos os países baixos” (que hoje pode ser denominada, por comodidade, de “Benelux”). Estas pesquisas mostraram também que os conceitos de nacionalidade utilizados eram absolutamente fictícios em sua realidade histórica e, além disso, autocontraditórios, e que, em última instância, só podiam ser compreendidos como simples reflexos de modelos mentais, temporariamente verificados - ou não - na história. As imagens não são, de forma alguma, características de nações, de povos, etc., apesar de alguns poetas terem querido outorgar-lhes o título de “eternas”. O que significa, por exemplo, “a alma belga”? O que significa, afinal, “países baixos”, “holandês” e “flamengo”? Em que realidades étnicas e geográficas se baseiam esses conceitos? Que importância teria, na descrição de diferenças étnicas, nacionais e regionais aqui em questão, o fato da terminologia utilizada nos países baixos ter desenvolvido conceitos como “Nederlanden”, “Nederland”, “Vlaanderen”, “Holland” (e, respectivamente, adjetivos como “Nederlands”, “Hollands”, “Vlaams”, etc.), conceitos estes que não só são confusos e, dependendo do contexto, contraditórios, como não são adequadamente traduzíveis para outros idiomas?

Através da análise de tais complicações na área de literatura e adjacências, complicações estas que não seriam superadas, mesmo recorrendo a diferenças como, por exemplo, entre “cidadãos do estado” (Staatsvolk) e “cidadãos falantes do mesmo idioma” (Sprachvolk), a imagologia tem provado poder oferecer procedimentos capazes de questionar não só as características nacionais, difundidas por toda a parte na literatura e na crítica europeia, como também a própria concepção nacional europeia.

O segundo resultado relevante que se pode tirar talvez seja o conhecimento da necessidade urgente de uma pesquisa bem pormenorizada do poder das imagens e das estruturas imagotípicas, isto é, da repercussão característica que elas irradiam, tão difícil

de ser controlada e aparentemente impossível de ser dominada e que, hoje, é facilmente perceptível, não raro com consequências bastante negativas. Tendo em vista o atual estado da pesquisa e de certas possibilidades ampliadas do emprego da imagologia, este aspecto apresenta-se, pelo menos no momento, como o lado das tarefas possivelmente mais interessantes e plausíveis de serem executadas.

A questão sobre o *status* ontológico das imagens - que certamente não pode ser subestimado - não mais nos deveria colocar, neste contexto, diante de um problema difícil. Já chamei a atenção, em outra oportunidade, para o fato de que tal *status* pode ser bem definido por meio da descrição que Karl Popper faz dos objetos do assim chamado “mundo 3”⁹⁵. De fato, no caso das imagens e das estruturas imagotípicas, trata-se de acontecimentos produzidos pelos homens em formas comunicativas e decodificáveis (isto é, no âmbito de obras e de críticas literárias) que podem, a qualquer momento, ser consultadas e reativadas. São objetos produzidos pelos homens que podem, novamente, atuar sobre a humanidade, e possuem, até certo ponto “suas próprias leis autônomas”, produzindo também “consequências despropositadas e imprevisíveis”.

Se perguntarmos pelo poder e pela repercussão das imagens, seremos levados não apenas a seguir as diferentes formas de manifestação de sua existência no campo literário, como também a perguntar pelos seus efeitos nos diversos planos em que as imagens nacionais são, de alguma forma, relevantes.

Com isto, um outro aspecto bem distinto da discussão sobre o caráter literário-científico da imagologia (aqui tratado apenas de passagem) tornou-se obsoleto: a saber, a crítica, já mencionada acima e feita nos últimos tempos, sobre o nosso método de trabalho - e, desta vez, de uma maneira justamente oposta ao debate que se deu nos anos cinquenta e sessenta entre a “escola francesa” e a “americana”-, como um método que parece estar demasiadamente ligado a um “conceito literário restritivo, abrangendo apenas a ‘literatura imaginativa’ tal como preconizada por Wellek”. Se nós nos restringimos às imagens e às estruturas imagotípicas que aparecem na literatura, na crítica literária e nas histórias da literatura, tal restrição não está de forma alguma relacionada com a discussão sobre a sua pertinência ou não pertinência à *literariness*. Acreditamos, muito mais, que as imagens consideradas no nosso trabalho são elementos que aparecem, em grande parte, na literatura e suas adjacências, lá se manifestando de forma clara e, de lá, atuando sobre processos políticos e sociais. Em consequência, elas se oferecem como objetos que, por diversas razões, em conjunto com diversos

⁹⁵ - Popper, Karl - *Objektive Erkenntnis*. Hamburg, 1973.

objetivos, exigem uma pesquisa científica. Esta limitação não tem, por si só, relação alguma com uma definição do *status* ontológico da literatura, e não pressupõe qualquer definição como esta; em outras palavras, não nos empenhamos a favor de um determinado conceito literário, partindo de um ponto fulcral que concebe a *literariness*, e também não se trata, com certeza, de uma pesquisa literária baseada numa decisão a favor de um estudo intrínseco da literatura, no sentido de sua antítese - do então muito comentado - *extrinsic approach*. Em suma, trata-se, nada mais, nada menos, de uma especialização que escolhe conscientemente o seu material de pesquisa, sabendo que há séculos existe algo, no campo das possibilidades criativas da expressão humana, que foi criado e denominado “literatura”, e percebido e tratado como literatura, tanto pela crítica literária, como pela ciência literária, que sempre acompanharam a literatura. Que o próprio conceito de literatura é e tenha sido “oscilante” (a expressão foi empregada já em 1891 por Hermann Paul em seus *Prolegômenos*), que ele depende da época e, não raro, da moda, não se ficou sabendo apenas depois da Segunda Grande Guerra, e as diversas tentativas, determinadas pela história das ideias e das épocas, de compreender a literatura e o literário, dentro das diversas mutações da estética literária e de uma “teoria geral da literatura”. Por isso, a discussão em torno de uma definição de literatura fica em segundo plano para a imagologia e é, em última instância, irrelevante. Nós sabemos que sempre houve, e ainda há, imagens relacionadas a nações na área da literatura - não importa como entendida - e nas publicações críticas e científicas que se ocupam com ela. Nós sabemos, além disso, que as concepções nacionais, difundidas na Europa e em outros lugares, na área da literatura e através dela, receberam, no mínimo, uma grande dosagem de efeito emocional, com o que alcançaram uma grande abrangência. E nós estamos, em consequência disso, da mesma forma cientes do fato de que é uma tarefa altamente promissora ocupar-se com a literatura, por causa do papel que estas imagens desempenharam - e ainda desempenham - fora da literatura e de seu meio. Nossa vinculação à literatura e ao literário que, no passado foi positivamente acentuada por terceiros (ainda que nem sempre no sentido de nossas intenções)⁹⁶ e que, agora, para nossa surpresa, é censurada - é, em última instância, um problema de divisão de trabalho, tanto em relação à estrutura das ciências humanas, como também no sentido de uma verdadeira interdisciplinaridade, justamente para se evitar o diletantismo e, mais ainda, por levar em consideração o fato de que outras imagens, estereótipos, etc. existem, cujas análises podem e precisam se tornar tarefas de outras disciplinas.

⁹⁶ - Weisstein, U. - *Einführung in die Vergleichende Literaturwissenschaft*. Stuttgart, 1968.

Partindo dessas reflexões, somos de opinião de que, também no futuro, será de grande relevância dar ênfase à pesquisa de como certas imagens e estruturas imagotípicas se afirmaram no decorrer da história europeia e atuaram nos diferentes campos, isto é, não só na literatura e nos processos relacionados com a recepção da literatura, mas também nas áreas claramente não literárias da vida social, do pensamento e da ação políticos em geral.

Não é mais necessário chamar a atenção, de modo pormenorizado, para a repercussão das imagens na literatura e nem para a sua presença contínua até o presente momento nas belas-artes. Ela é evidente e mais do que pública. Todos conhecem aquelas obras francesas ou alemãs que ainda, na segunda metade do século XX, tematizam respectivamente o outro país, e sabem da sua persistente duração. Das obras atuais, citemos apenas *Le roi des Aulnes* de Michel Tournier ou *Le tilleuls de Lautenbach* de Jean Egen.

É igualmente dispensável uma exposição detalhada sobre o papel desempenhado por certas imagens nacionais na divulgação e na recepção da literatura, apesar de toda a desideologização da crítica e da ciência literárias. Nas pesquisas imagológicas, citadas acima, sobre o problema da recepção internacional da literatura da Flandres escrita em idioma francês e holandês dos séculos XIX e XX, pudemos verificar como a imagem da Flandres, em parte configurada artificialmente, mas bem aceita como sua característica (polaridade ‘sensualidade/misticismo’, etc.) foi levada a sério e até mesmo cultivada sem reservas por uma certa crítica literária, como uma marca típica da “peculiaridade do povo”, mesmo da “raça” flamenga, através de várias gerações. Ela é conhecida no idioma alemão desde Stefan Zweig, que elogiava Emile Verhaeren como típico representante da “raça belga”, passa por Johannes Schlaf, que interpretava a dedicação de Maeterlinck a Plotino, Ruysbroeck e Novalis como consequência de um “instinto racial”, chegando a um romanista como Kurt Glaser que disse, sobre os flamengos que escrevem em francês, que estes teriam haurido forças novas provenientes de fontes que “permanecem fechadas aos franceses” na índole nacional, onde vive ainda um resto de força vital e ascendência germânica. De fato, tratava-se de um número especial de críticos e de pesquisadores da literatura que estavam ofuscados por uma imagem da Flandres que se mantinha inabalável a qualquer confronto com a realidade, e que, além disso, só contribuíram de modo decisivo para a divulgação (grande para a época) e para a tradução, do flamengo para o alemão, de “literatura do solo pátrio” (Heimatliteratur)

de autores como Timmermans, Streuvels, Walschap, etc., influenciando até mesmo a recepção da nova literatura da Flandres.

De um outro tipo é a importância daqueles casos, nos quais os elementos imagotípicos, surgidos e desenvolvidos no campo literário, atuaram tanto na área da assim chamada visão de mundo, como também na da política ‘prática’. Somos, aqui, de novo automaticamente confrontados, em nosso contexto europeu, com o francês, o alemão e o inglês que, com frequência, constituem as dominantes decisivas, ou seja, com aquela tríade formada no decorrer do século XVIII, numa época em que o nacionalismo adquiria contornos definitivos, e que levou à formação da macroestrutura imagotípica no âmbito alemão, francês e inglês. Esta macroestrutura, por vezes ainda hoje, exerce influência nos pensadores (e não só nos interessados em literatura), tão logo o relacionamento de um destes países com o outro, ou com os outros dois, se torna problemático. Ocorre, então, o distanciamento alemão da esfera francesa, vista agora como racionalista e “apenas” civilizadora e, ao mesmo tempo, sua aproximação da esfera inglesa, cuja forma de pensamento passa a condizer mais com a forma alemã de pensar, justamente quando há uma relação tensa entre a França e a Inglaterra, onde repercute um sistema de ação e reação análogo. Este processo, iniciado na época de Lessing, é conhecido. Sabe-se de sua influência decisiva sobre o pensamento nacional, tanto na Alemanha quanto na França. Sabe-se também de algo a respeito de sua repercussão no plano político. Ainda hoje, porém, não temos conhecimento suficiente das reais dimensões de sua influência nas últimas décadas do século XIX, ou de que maneira ele foi atuante nos grandes acontecimentos políticos e sociais do século XX. Um exemplo clássico da repercussão e do poder das estruturas imagotípicas, isto é, do pensamento imagotípico internacional é a concepção do que é germânico. Isto, enquanto combinação de cultura germânica continental europeia e cultura anglo-saxônica, que lhe é “aparentada”, atua como circunstancial contrapeso “intelectual” e até mesmo “racial” em oposição à deficiência racionalista-românica de profundidade e de “cultura intelectual” (Seelenkultur); e isso penetra até os últimos recantos daquele pensamento “popular” do Romantismo, passando pela “literatura do solo pátrio” e, distanciando-se daquela literatura civilizadora do tempo imperial e da República de Weimar, chega até à ‘visão de mundo’ e, em última instância, à política do Terceiro Reich.

Da enorme repercussão dessas ideias, salientaremos à guisa de ilustração apenas um único caso de contornos precisos: o alsaciano Friedrich Lienhard (1856-1929) empregou, tanto na edição de 1905 e 1908, como na reedição, entre as duas guerras

mundiais, de sua obra de vários volumes *Wege nach Weimar* e também na revista *Der Türmer*, então por ele editada, o termo ‘Weimar’ como conceito-chave para uma cultura caracterizada pela “interiorização” da “cultura dos países do norte”, a que subjazia todo aquele repertório do modelo imagotípico, acima citado, sobre o relacionamento entre a Alemanha, a Inglaterra e a França.

Da perspectiva de Lienard há uma corrente contínua, crescente e intensiva de cultura que toca profundamente o coração (*Herzensvertiefung*), uma cultura do “enobrecimento da alma” (*Veredlung des eigenen Inneren*), etc., que vai de Lessing, o “libertador”, o “pioneiro”, que em conjunto com Klopstock contribuiu para superar a literatura francesa, onde “Voltaire e os enciclopedistas tinham dado o tom até então”, cultura essa que passa por Herder (“das terras do norte até a terra da alma”) e chega até Goethe. Ao mesmo tempo, faz-se frequentemente referência ao mundo anglo-saxão, visto como próximo: Shakespeare e Ossian, mais tarde Emerson e Carlyle, todos aparecem como representantes de um pensamento idealista, no qual o “mundo intelectual e moral” se desenvolverá corretamente.

Neste contexto, o jovem Goethe torna-se um caso exemplar; sua convivência com o mundo francês da Alsácia, a que ele tanto aspirou, leva-o a um “despertar da germanidade”, e isso ocorre paralelamente ao seu interesse pela poesia inglesa: “os ventos da natureza crepuscular de Ossian bafejaram-no; a intimidade singela com o ambiente campestre, própria do homem homérico, coadunou-se com as impressões de Sesenheim”. E, na obra *Dichtung und Wahrheit* são realçadas aquelas passagens, nas quais Goethe relaciona, de modo enfático, a sua “libertação” da influência francesa com a sua experiência shakesperiana. Para Lienard, estas ideias têm um alcance ainda maior. Não se trata apenas da ligação de Herder a Goethe, do interesse de Herder pela “mitologia nórdica”; abre-se um caminho coerente até Wagner, sim, “Richard Wagner é a plenitude de Herder”, e Wagner coloca-se de forma semelhante em todo o contexto de Bayreuth. Assim, as especulações sobre o “Norte” em *Wege nach Weimar* levam ao surgimento de diversos artigos em torno de Gobineu e sua teoria das raças, bem como sobre o prematuramente falecido professor de filosofia Heinrich von Stein, temporariamente preceptor de Siegfried Wagner, que participou da criação das famigeradas *Bayreuther Blätter*, publicadas por Hans von Wolzogen, que queriam transformar Bayreuth em um “refúgio da cultura germânica”. E, finalmente, esta é a bandeira de outro defensor do “estilo heróico de vida” germânico anglo-saxão, de cujos

Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts surge o pensamento racista do século XX: o alemão por opção Houston Stewart Chamberlain.

Entretanto, o caso Lienhard não é, de forma alguma, um fenômeno isolado ou excepcional. Na primeira metade do século XX há vários exemplos nas regiões de língua alemã (como aliás em outros lugares também), nos quais um grande número de concepções sobre o que é estrangeiro e o que é próprio vai despontar a partir do pensamento especificamente imagotípico - e com semelhante realce a respeito das relações Germânia-România - exemplos configurados, não raro, através de especulações bizarras e ingênuas, advindas do “espaço livre” da vida literária e que passaram a repercutir no âmbito ideológico e político. Não é preciso reportar-se a Ernst Bertram, Ludwig Klages e Alfred Schuler para se encontrar as marcas destas estruturas; elas estão presentes também em Thomas Mann, e não só em *Betrachtungen eines Unpolitischen* (Considerações de um apolítico).

O funcionamento destes modelos de pensamento não é difícil de ser acompanhado: os elementos centrais, isto é, as estruturas básicas surgidas num processo literário (como no caso de Lessing e de Gottsched) permanecem constantes. Com o tempo, e em conjunto com os correspondentes processos histórico-filosóficos desencadeados por literatos e teóricos, são abastecidas de novos ingredientes, em parte claramente aleatórios, e, depois, integradas a um sistema ideológico que passa, então, a estar ao dispor da formação ideológica e política, e também da *praxis*. Esse foi exatamente o caminho percorrido pelas ideias de Lessing e Kopstock sobre a França e a Inglaterra até chegarem a certos intérpretes de Gobineau, de Wagner e de Chamberlain, e até os fundamentos essenciais da ideologia nacional-socialista.

Além disso, casos como os tratados acima também mostram a importância dos processos imagotípicos - assim como também a importância de uma pesquisa específica apoiada em métodos comparatísticos - que tratem a questão do entendimento do que é nacional, isto é, do sentimento patriótico, mesmo porque a formação de cada heteroimagem é acompanhada pela formação de uma autoimagem⁹⁷. É evidente que, do ponto de vista imagológico, a questão da identidade nacional que, em última análise, trata da problemática da formação da autoimagem deve ser vista da mesma maneira e

⁹⁷ - No decorrer dos anos, tem sido discutida, de uma forma ainda não detalhada, a estreita relação entre a imagem de um país estrangeiro e a do próprio. Seria também de proveito para a imagologia, dentro deste contexto, considerar outras disciplinas como, por exemplo, a filosofia e a sociologia. Compare-se, por exemplo, o adendo de Edmund Husserl às suas *Cartesianische Meditationen* (Meditações cartesianas) (1931-32), onde, com o título “O nacional, o estrangeiro e o mundo”, se encontram algumas considerações importantes para a imagologia.

com a mesma relatividade em relação à formação da heteroimagem; é igualmente evidente que certos conceitos como sentimento nacional, consciência nacional, etc., aparecem através da imagologia em uma perspectiva diferente da usada até então.

Considerando tudo o que foi dito, há razões suficientes, mesmo constatando o lento progresso da imagologia dentro da evolução da comparatística, para se fazer um balanço positivo do conhecimento alcançado até hoje, e para se ter uma perspectiva promissora em relação ao futuro da imagologia, não só por causa das possibilidades de emprego do que se conseguiu até aqui, mas também porque a pesquisa progride a olhos vistos no âmbito da formação de imagens dentro da Europa, e se consolida em áreas realmente fecundas. Com base nisso, compreende-se cada vez mais claramente qual a importância que a imagologia pode ainda vir a ter no campo das ciências humanas, principalmente, no contexto interdisciplinar.

Por último, tem-se também o crescente interesse pelo papel que poderá vir a ser, de novo, desempenhado pela imagologia na “história das mentalidades”. E, para o futuro, tem-se também a possibilidade - evidente nos últimos tempos, mesmo que não reconhecida por todos - de inseri-la nos programas de “estudos europeus”, tanto na Europa como fora dela.

A cooperação com uma pesquisa independente que tenha por tema a Europa - especialmente se evoluir de modo adequado e não se tornar apenas uma disciplina secundária a serviço de modas políticas - é de fato mais bem provável. Pois se existe uma ciência que possa ser considerada tipicamente europeia é a comparatística, que nasceu da especificidade multinacional da Europa e surgiu em um continente que, como nenhum outro no mundo, é caracterizado por sua diversidade cultural e que, por outro lado, se concentra num espaço físico relativamente pequeno.

Além disso, de todas as disciplinas das ciências humanas desenvolvidas na Europa, a comparatística é aquela, cuja existência mais tem a agradecer à problemática específica dessa multinacionalidade. Entende-se por que, no início, se tenha falado em querer, através da comparatística, compreender o *esprit européen* e, se possível, preservá-lo. Aqueles que participaram da criação e do desenvolvimento da literatura comparada, entendida neste sentido europeu, conscientizaram-se, mais cedo ou mais tarde, do problema da alteridade que ocupava, no começo e desde então, um lugar central. E, assim, a imagologia, no princípio objeto de polêmica - uma vez que, na verdade, não tinha sua real importância plenamente reconhecida - precisou de se apresentar como uma subdisciplina da literatura comparada, cuja pesquisa específica,

dedicada a esta questão matricial, era a mais apropriada para trabalhar esses interesses nucleares da nova disciplina.

Por último, poderiam se inserir as seguintes observações num balanço, que não poderá deixar de fazer referência a perspectivas futuras:

Querer pesquisar a multinacionalidade europeia através de uma pesquisa literária, realizada especificamente a partir de uma perspectiva supranacional (e isto dentro de um *esprit européen* que, *ipso facto*, implica em uma certa neutralidade cultural frente aos âmbitos nacionais) significa, mais uma vez, também se concentrar com frequência em determinados focos de problemas europeus, onde o encontro e o confronto entre literaturas e culturas específicas se delineiam com mais clareza em toda a sua complexidade; e isso pode ser pensado tanto histórica quanto geograficamente. Assim, não é, de forma alguma, coincidência, se nos referimos durante nosso trabalho tantas vezes aos espaços das inserções e das fronteiras entre as grandes nações da Europa. Além disso, também não é coincidência terem as regiões de fronteira, bem como o “pequeno estado europeu” desempenhado um papel muito significativo enquanto áreas de contato entre as chamadas nacionalidades dominantes, já nos primórdios da literatura comparada. Aqui, nestas regiões de fronteiras movediças e conhecedoras do problema, assentadas entre os grandes espaços, delinearam-se e ainda se delineiam os resultados das experiências com o que é estrangeiro e com o que é próprio, não só de modo mais nítido e evidente do que em qualquer outro lugar, mas também aqui, por outro lado, se pôde desenvolver melhor do que em qualquer outra parte a referida *neutralité culturelle*, que deveria constituir *conditio sine qua non* para a realização de genuínos estudos comparativos das e entre as grandes literaturas nacionais de nosso continente.

Por isso, não é de admirar que os grandes representantes da escola comparatística francesa provenham frequentemente das regiões limítrofes entre a România e a Alemanha. Estas haveriam de se tornar, mesmo depois do fracasso das primeiras tentativas feitas na antiga monarquia do Danúbio, o berço da comparatística acadêmica europeia. Basta lembrar Baldensperger e sua origem alsaciana-lotaríngia ou Hazard e Van Tieghem⁹⁸ com a sua Flandres ao fundo, bem como o papel desempenhado por uma série de suíços para o progresso de nossa disciplina - de Louis

⁹⁸ - O ensaio “Crítica literária, história literária, literatura comparada”, de Paul Van Tieghem, encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 89-98.

Paul Betz e Fritz Ernst e Albert Béguin. Foram eles e seus discípulos que contribuíram de modo decisivo para a difusão e para a consolidação dos fundamentos do verdadeiro pensamento comparatístico, e ninguém contribuiu mais do que eles, no âmbito da literatura comparada do passado, para a criação dos pressupostos de que a imagologia precisava, pressupostos estes ainda necessários no futuro para o seu desenvolvimento, enquanto uma forma de concretização da quintessência da comparatística. Não é de forma alguma uma reverência a um *genius loci*, se, mais uma vez, aqui e neste contexto, nos lembrarmos enfaticamente deste conjunto de coisas e, com isso, ainda alimentarmos esperanças a respeito do desenvolvimento de nossa disciplina.

A PROBLEMÁTICA DA NACIONALIDADE VISTA DA PERSPECTIVA DA LITERATURA COMPARADA*

Tradução de Fábio Chiqueto Barbosa

Como citar:

Dyserinck, Hugo. A problemática da nacionalidade vista da perspectiva da literatura comparada. Trad. Fábio Chiqueto Barbosa. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org. e apresentação). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. E-book.

Seria realmente desnecessário recordar aqui, em detalhe, que as ciências humanas sempre tiveram, em nossa tradição universitária europeia, uma abrangência política. Pelo contrário, seria atualmente um pouco menos banal mostrar que isso não apenas é válido para uma disciplina como a história, que se confronta em seu trabalho *ipso facto* com acontecimentos políticos enquanto objeto de estudo e pesquisa, mas também para disciplinas como a arte, a linguística e a literatura, cujo significado na sociedade, hoje, visto da perspectiva da vida cotidiana e, naturalmente, também da política, é facilmente encarado como luxo. E nada pode evidenciar isso melhor do que o papel que determinadas teorias filológicas específicas, teorias linguístico-filosóficas e até mesmo as de história da literatura, tiveram no desenvolvimento do pensamento nacional no âmbito europeu. Quando se encara, atualmente, como normal e, por assim dizer, natural que os habitantes da Europa sejam uma comunidade de diferentes povos, ou quando, de modo geral, se tende a ver esses povos como coletividades, diferentes umas das outras, porque falam línguas diferentes, e quando se encara como normal o fato de que um povo, que se distingue através de uma língua própria, constitua uma nação, possivelmente também com caráter próprio, para, por fim, viver, de preferência, em um estado próprio, temos aí, então, concepções, cuja evolução se prende à literatura, desdobrada nos ramos da história da literatura, da crítica literária, da teoria da literatura, etc., que frequentemente teve seu papel desvalorizado.

* - Dyserinck, Hugo - Die Problematik der Nationalität aus der Sicht der Vergleichenden Literaturwissenschaft. In: *Entstehung und Bewahrung einer Nation - ein Thema der Gesellschaftsgeschichte?* Tagung des Landesverbandes nordrhein-westfälischer Geschichtslehrer in Zusammenarbeit mit der Landeszentrale für politische Bildung Nordrhein-Westfalen vom 27. bis 29. Juni 1988 im Gustav-Stresemann-Institut e. V. in Bonn. Paderborn, Ferdinand Schöningh, 1989, p. 61-72. **Trad. Fábio Chiqueto Barbosa**, pesquisador do grupo RELLIBRA - "Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de língua alemã". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

Sobre a formação do conceito “povo” nas teorias linguística e literária

Os conceitos em pauta não foram, de modo nenhum, aceitos sempre da mesma maneira, com a mesma validade universal de hoje e, há alguns séculos, os modelos de pensamento nacional, hoje considerados normais e naturais (isto é, modelos de nações e de povos), eram tudo menos óbvios. Na Europa, têm sua origem, a rigor, na baixa Idade Média e, de fato, só foram desenvolvidos e, de modo geral, aceitos em seu significado atual, no decorrer do século XVIII. E não foram os estetas, os teóricos literários e até mesmo os poetólogos os últimos a lhes darem, de maneira peculiar, o tom no contexto da transição do Iluminismo e do Romantismo. Foram os especialistas da área da pesquisa linguística e literária (que não eram de modo algum alheios aos elos então existentes) os que apontaram, no decorrer dos séculos XVIII e XIX em diversos países europeus, para a identidade específica que, pretensamente, existia em cada povo, para a necessidade de se observar de novo esse fenômeno, sobretudo em oposição a concepções assim chamadas “niveladoras” dos homens do século XVIII, o século do Iluminismo, com sua pretensa imagem do homem demasiadamente abstrata. E, frequentemente, foram também filólogos e historiadores da literatura que lançaram, em um mesmo contexto, até mesmo os fundamentos ideológicos de certos estados nacionais específicos como, por exemplo, aconteceu logo depois da Primeira Guerra Mundial, com o desmembramento da estrutura multinacional do antigo império austro-húngaro em novas configurações políticas. O que, então, em muitos casos, se manifestou muito concretamente não foi, de modo algum, o resultado das reflexões de uma série de teóricos que começava com figuras alemãs como Herder, Grimm e Humboldt os quais, por sua vez, haviam recorrido a fontes europeias mais antigas, quer francesas, quer de outro lugar na Europa, como por exemplo, Montesquieu e Vico. Tudo isso, naturalmente, só foi possível, porque, além da língua como tal, também a literatura, enquanto uma forma de arte essencialmente ligada à língua, permitiu a manifestação da variedade multinacional da cultura humana, manteve-a viva e, muitas vezes, a estimulou.

As ideias e concepções pré-românticas e românticas sobre a multinacionalidade europeia vieram à tona na literatura: poetas escreveram textos de grande sucesso com o objetivo de ensinar as gerações futuras a amar a sua pátria acima de todas as coisas; autores de romances históricos nacionais ensinaram o (seu) povo a ler; apareceram hinos arrebatados sobre o amor sagrado devido ao torrão natal, capazes de pôr em

marcha as massas; outros autores conclamaram a entidade nacional a, mais ou menos claramente, dominar os sete mares; surgiram, igualmente, certos hinos nacionais em que as comunidades referidas foram caracterizadas através do “sangue” comum.

Todos esses fenômenos são exemplos claros daquele elemento singular, difícil de definir, mas frequentemente grave que, na época, começou a ser idealizado, e ainda hoje é em grande parte idealizado, como “sentimento nacional” na Europa, mais ou menos dividida por fronteiras artificiais. Mal dá para contar o número de novos especialistas (germanistas, romanistas, eslavistas, etc.) nos países da Europa que, no decorrer do século XIX, e ainda pelo século XX adentro, consideraram o estudo da história da língua e da literatura de territórios nacionais específicos como uma contribuição significativa para a intensificação da “consciência nacional”, para a estabilização de sentimentos nacionais e, finalmente, para a consolidação da glória da nação, tendo suas atividades acompanhado o desenvolvimento do sentimento nacional nas belas artes.

Mme de Staël e o começo de uma literatura comparada

Muito menos conhecido deveria ser, no entanto, o fato de que - igualmente em consonância com o estudo de culturas e de literaturas específicas do nosso velho continente - há cerca de 150 anos surgiu uma disciplina que, a partir da ideia de uma unificação europeia e de um cosmopolitismo declarado, desenvolveu muito cedo (isto é, assim que começaram a delinear-se com clareza as novas dimensões nacionais na variedade cultural da Europa), a ambição de construir um contrapeso para o pensamento nacional e de, finalmente, superar seus aspectos negativos através de novas formas de pensamento universalista. Seu nome, de acordo com os diversos idiomas: *littérature comparée*, *Vergleichende Literaturwissenschaft*, *comparative literature*, *literatura comparada*, *vergelijkende letterkunde*, etc. Trata-se de designações que - entendidas literalmente - nem sempre acham total correspondência entre si; no entanto, todas expressam uma função bastante específica e um objetivo: a análise das semelhanças e diferenças que existem entre as várias literaturas nacionais, bem como o estudo das relações interferentes entre essas literaturas. Resumindo ao essencial, seria *l'étude des relations spirituelles internationales*, tal como formulado pelo comparatista francês Jean Marie Carré ainda em 1951 e, na verdade, com o intuito de conduzir a disciplina em questão ao primeiro plano, com a ajuda da literatura e dos eventos da vida literária,

bem como de outras ciências humanas que, de alguma maneira, partilham o fenômeno literário ou com ele mantêm alguma relação.

Observado de modo superficial, isso poderia parecer naturalmente um campo de pesquisa e de aprendizado geral da história da literatura, a que dificilmente se poderiam apontar as últimas fronteiras. Numa observação mais detalhada, revelar-se-ia como especialização, abrangendo apenas algumas competências bem demarcadas e que, além disso, poderiam ser limitadas geograficamente. Assim, na comparatística europeia, a concentração peculiar ao nosso espaço cultural ocidental, também conhecido como especificamente europeu, deu origem a um campo de trabalho conscientemente escolhido e delimitado, onde o mecanismo de ação e reação entre culturas nacionais pode ser investigado, e isso funcionou, então, como uma espécie de laboratório. Tudo isto, porém, já começara com a escritora francesa, de origem suíça, Mme de Staël (1776-1817), que coordenou a própria antipatia pelos salões culturais parisienses do século XVIII, juntamente com a oposição germânica a qualquer influência francesa sobre a cultura alemã, que havia se tornado sempre mais intensa a partir do século XVII e que, finalmente, havia se tornado aos olhos de muitos críticos e literatos alemães uma espécie de domínio, do qual a pátria deveria se libertar.

Mme de Staël viu tudo isso como uma problemática da nacionalidade, com dimensões culturais e até mesmo culturais-antropológicas claras, como uma problemática que teria de ser resolvida, no sentido da criação de um equilíbrio e de um pensamento geral europeu. Em sua obra *De la littérature* (1800) e *De l'Allemagne* (1810), desenvolveu o que seria mais tarde conhecido como a teoria das diferenças entre as *littératures du nord* e as *littératures du midi* e, através de uma insinuante simpatia para com o norte romântico, bem como para com as interpretações das diferenças entre este pedaço do norte da Europa, de um lado, e de um sul clássico e racionalista, de outro, inaugurou uma discussão sobre as assim chamadas diferenças essenciais entre a França e a Alemanha, discussão que haveria de subsistir até o século XX e que, de fato, ainda hoje expõe inequívocas consequências. Contudo, Mme de Staël combina tudo isto na criação de uma defesa em prol de uma nova postura europeia a que ela chama concretamente de *esprit européen*.

“Literatura comparada” como disciplina acadêmica

Entretanto, a atuação de Mme de Staël, enquanto escritora e crítica, ainda ocorre do lado de fora dos muros acadêmicos. E esta situação perdurou, digamos - depois de

algumas tentativas de eruditos como Abel-François Villemain, Jean-Jacques Ampère e Sainte-Beuve na França, os irmãos Schlegel e Hermann Hettner na Alemanha, bem como alguns outros pioneiros em outros países europeus - ainda até o fim do século XIX. Só mais tarde, os novos métodos comparatísticos adotaram formas científicas mais consistentes e, só mais tarde, foram criados nas universidades europeias os primeiros programas especializados, e foram fundados cadeiras e institutos para a nova disciplina, e tudo isso também haveria de acontecer em circunstâncias hesitantes e modestas.

Assim, apenas em 1892, com a organização da primeira cadeira de *littérature comparée* da Universidade de Lyon, ocorre a ruptura decisiva: a literatura comparada, na verdade, uma disciplina pequena, basicamente originária da maioria das filologias nacionais, não valorizada de forma especial, torna-se para os mais sagazes uma disciplina autônoma e, desde o começo, em inúmeros aspectos, muito mais promissora. A convocação feita pela universidade de Lyon a Joseph Texte, o filho de um pai francês e de uma mãe suíça, que, por ocasião da posse deixou claro o entusiasmo que nutria pelo *esprit européen*, criado por Mme de Staël, considerando-o como um dos seus mais importantes objetivos e, acima de tudo, o fato de que - um pouco em oposição à Alemanha - a nova disciplina acadêmica na França, a partir desse momento, poderia registrar um desenvolvimento ininterrupto, constituem as razões pelas quais veio a se dizer, mais tarde, que a França foi o berço da literatura comparada. De fato, já em 1910 era fundado um Instituto de Comparatística na Sorbonne e, em 1921, fundada a *Revue de littérature comparée* francesa e, depois, da organização de outras cadeiras francesas, no período entre as duas guerras mundiais, a França tornou-se, nos anos 50, um país no qual praticamente todas as universidades dispunham de um programa de comparatística em suas faculdades de filosofia.

Pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, por assim dizer, como desdobramento secundário, também se faz sentir na América uma forte influência da comparatística parisiense, de modo que, depois de 1945, a comparatística estava definitivamente estabelecida nos EUA. Além disso, o desenvolvimento da disciplina não se limitou, de modo nenhum, ao mundo ocidental. Quase que emendado no fim da era stalinista, iniciou-se igualmente no bloco oriental - primeiro com cautela, depois mais intensamente - o desenvolvimento de linhas de estudo comparatístico. Logo se percebeu que, nos assim chamados estados satélites do sul da Europa, se havia desenvolvido uma nova e muito próspera atividade comparatística. Desde então, as universidades e academias da Hungria, da Romênia e da Tchecoslováquia - sobretudo

no campo da pesquisa - desempenham um papel importante no âmbito da comparatística internacional que, em nada, fica a dever aos trabalhos de países como a França e os EUA. E, por fim, também entraram em cena os países asiáticos com iniciativas comparatísticas: Índia e Japão nos anos 60 e, há bem pouco tempo, mas de maneira que salta aos olhos, já que aconteceu de novo num contexto político de distensão, a República Popular da China, onde, em 1984, não apenas se fundou uma associação de estudos comparatísticos, mas onde também se começou imediatamente a publicar duas novas revistas especializadas. Era claro: onde a comunicação entre os povos parecia oportuna e era ou se tornara de novo viável, surgia a comparatística.

A pesquisa da problemática da nacionalidade em obras literárias

Os motivos para a formação da disciplina foram claros: partindo do fato de que agora existiam diferentes literaturas e culturas específicas, relativamente independentes, que conseguiam manter sua independência desde há séculos, começou-se a perguntar pelos traços característicos dessas literaturas específicas, surgidas como entidades associadas a uma só língua, que as distinguiu umas das outras, e começou-se também a perguntar em que medida elas apresentavam traços comuns. Para isso, passou-se a investigar (na verdade, a partir de um determinado momento, até com grande entusiasmo) as relações existentes para além fronteiras. Assim, iniciou-se o estudo das influências mútuas e dos processos de recepção recíprocos. Tudo isso com a ajuda de material literário, se bem que se pensasse, desde o começo, em algo mais do que em “apenas literatura”: tratava-se, afinal, da pesquisa das assim chamadas “individualidades nacionais”, tal como podiam ser encontradas em cada cultura e em cada comunidade étnica, e tratava-se, sobretudo, da questão de como cada comunidade via esta individualidade refletida nas outras, ou como cada comunidade acreditava torná-la evidente para si mesma. Finalmente, tratava-se da pesquisa da problemática da nacionalidade vista a partir de obras e processos literários e, aqui, já estava de antemão presente o pensamento de que isso não apenas poderia conduzir ao fato de que os povos da Europa - e também outros - poderiam afinal aprender a se entenderem melhor uns aos outros, mas também de que a ideia de supostas diferenças essenciais entre os âmbitos nacionais poderiam ser relativizadas através desses estudos.

Para tratar destes problemas precisava-se, porém, de novos métodos de trabalho e, sobretudo, de uma posição intelectual bastante definida que, diante de seu objeto de

estudo, fosse livre de todas as ligações condicionadas por filologias nacionais unilaterais. Uma das características mais importantes de todas as concepções comparatísticas, que surgiram depois de Mme de Staël, e de todas as pesquisas puramente comparatísticas, baseava-se, por isso, em um único princípio: o desenvolvimento e a utilização de uma nova postura científica, (se comparada com a das filologias específicas), em conjunto com uma perspectiva particularmente europeia supra-nacional e, em decorrência, de uma certa neutralidade perante as diferentes facetas “nacionais” do campo de trabalho multinacional que, frente às referidas filologias (germanística, romanística, eslavística, etc.) também representasse algo de muito novo.

Tanto a utilização por Joseph Texte do conceito *esprit européen*, forjado por Mme de Staël, como também o programa de Ferdinand Brunetière de uma *littérature européenne*, foram marcantes no começo deste século para esta tomada de posição. E mesmo antes, dispomos de um claro exemplo no experimento de Meltzl de Lomnitz com a sua *Acta comparationis litterarum universarum* - a primeira revista de comparatística europeia que, de mais a mais, estava repleta das ideias de Goethe acerca de uma literatura universal. Também a obra do dinamarquês Georg Brand se situava nessa linha. E há igualmente a considerar outros testemunhos, sobretudo, dois vultos que representaram o ápice e a coroação do desenvolvimento da comparatística francesa entre as duas guerras mundiais: Paul Hazard (1878-1944) que, em 1935, com sua *Crise de la conscience européenne* publicou o trabalho comparatístico que mais sensação causou naquele ano, e Paul Van Tieghem (1871-1948) que desenvolveu um modelo supranacional de pesquisa literária que, ainda hoje, tem a sua validade, e que reuniu numa convincente síntese tudo o que a comparatística poderia realizar.

Paul Hazard/ Paul Van Tieghem e o princípio de supranacionalidade

Também o fato de que, apesar dos trabalhos já realizados e apesar das esperanças depositadas em maiores proporções na comparatística fora da Europa, a disciplina, que haveria de experimentar durante tanto tempo uma existência dificultosa, e ainda experimenta, em alguns países do nosso velho continente (entre os quais também há que contar, lamentavelmente, os territórios de língua alemã) - seja porque ela até hoje encontra resistências, seja porque seus representantes ainda não sabem apresentar de modo suficientemente claro os próprios objetivos e métodos - estava e

ainda está amarrada à dificuldade de empregar e de reconhecer este princípio de supranacionalidade. Na verdade, era muito mais do que apenas uma falta de reconhecimento ou uma falta de boa vontade em renovar certas linhas de pesquisa e certos métodos antigos e consolidados. A história da literatura comparada (ou melhor, dos ensaios para criar esta disciplina, bem como das violentas oposições, com que sempre se defrontou) representa, na vida intelectual da Europa, muito mais do que um dos mais emocionantes capítulos da crônica das tentativas para se trabalhar a problemática de nossa fragmentação em nacionalidades, quer dizer, do que se convencionou chamar de nacionalidades. Naturalmente, a nova disciplina também foi colocada em comparação com outras: seria, por exemplo, o campo de estudo que ultrapassaria o alcance de um único especialista, isto é, o seu material seria tão extenso que, muito facilmente, desandaria em diletantismo. Na verdade, tratava-se sempre do mesmo problema: havia que se exigir, incondicionalmente, dos comparatistas, de hoje e do futuro, a disposição e a capacidade de se libertarem, em um plano científico, de um tipo muito particular de pensamento marcado pelo nacionalismo.

Para isso, o comparatista deveria estar disposto e ser capaz de ver a cultura de outros países com “outros olhos”, diferentes daqueles, com os quais costumava ver os acontecimentos do próprio país e da própria tradição (em circunstâncias análogas). Deveria ele também conseguir chegar ao entendimento a partir de outras perspectivas nacionais, diferentes da sua. E mais ainda: deveria estar disposto e ser capaz, se necessário, de colocar-se sob o ponto de vista nacional do outro, bem como captar e introjetar emocionalmente, a partir daí, os acontecimentos intelectuais de outros países, tendo como pano de fundo o passado cultural-literário e a tradição cultural-literária desses outros países. Além disso, deveria, entre outras coisas, ser capaz de avaliar a sua própria tradição cultural, do ponto de vista de outras nacionalidades. Mas quem estava disposto a isto? E quem estava apto para tal?

Paul Hazard foi um daqueles comparatistas que, mais claramente, mostrou esta nova perspectiva supranacional (ou “europeia”, se se quiser). Também Paul Van Tieghem o fez à sua maneira, assim como também, mais tarde, Ernst Robert Curtius que, em seus últimos trabalhos, reivindicou a necessidade de se entenderem os domínios da literatura europeia a partir de alguns anos de vivência em cada uma de suas províncias. E esta perspectiva supranacional (em que cada novo objeto de estudo da matéria multinacional reunida deveria ser examinado um a um) era o elemento que constituía a real essência dessa atitude, à primeira vista, difícil. Nada mais, nada menos.

Não se tratava, aqui, tanto de se tomar distância do sentimento “patriótico”, muito menos do amor a um determinado país ou a uma determinada região, onde se nasceu, e onde era possível sentir-se em casa ou até mesmo seguro. No estudo dos testemunhos culturais produzidos pelas pessoas de uma determinada região, ou de um determinado país, (isto é, na língua da região em tela), o importante era ir em frente com uma posição desprovida de influências do sentimento patriótico, próprio da região em pauta, e sem compromissos com categorias históricas de valores ou com classificações válidas apenas para a citada região. Em outras palavras: a perspectiva supranacional, aqui discutida, era pura e simplesmente uma outra perspectiva, diferente da nacional-filológica que, por seu lado, de fato, implica evidentemente numa combinação do pensamento literário com o histórico-cultural nas categorias da “própria” tradição.

O que dificultou tudo isso não foi tanto o conhecimento dos fatos, manifesto em várias línguas, que frequentemente se apresentava em extensão muito maior do que a exigida pelas pesquisas de história das literaturas nacionais, pesquisadas por especialistas na maioria dos países europeus. Também não foi o problema da delimitação do material multinacional a ser trabalhado que, afinal, também estava à disposição de outras disciplinas, como por exemplo, a filosofia.

Tratava-se, principalmente, no âmbito do trabalho literário, da disposição e da capacidade para o abandono completo de determinados modelos de pensamento tradicionais e nacionais. E isto não deveria apenas ser aprendido e mil vezes praticado, mas baseava-se igualmente em princípios próprios, capazes de oferecerem um perfil peculiar para campos específicos das ciências do homem.

*Le sentiment des différences nationales: qui l'abolira?*⁹⁹ Perguntou Paul Hazard em sua *Crise de la conscience européenne* (1935). E com isto, não quis apenas dizer que entre inúmeros europeus se estabelecera a convicção de que havia algo como “caráter nacional”, ou seja, inúmeros europeus acreditavam que haveria um “caráter popular” ou uma “alma do povo” e, conseqüentemente, também uma “psicologia do povo”. Hazard também pensava que esta convicção e esta crença eram, ao mesmo tempo, para inúmeros europeus, mais do que apenas uma opinião, pensava que muitos procuravam e encontravam nesta crença uma espécie de apoio, e que muitos mesmo sentiam-se enraizados na “própria nação”, e que, da mesma forma, inúmeros europeus auriam forças nesse sentimento de arraigamento, bem como na crença em um “caráter nacional”, em uma “alma do povo”, etc., dos quais podiam viver e que, *mutatis*

⁹⁹ - (o sentimento das diferenças nacionais: quem o abolirá?)

mutandis, muitos se recusavam a ver esses sentimentos problematizados, mesmo que só no contexto científico. Por isso, não haveria uma disciplina, que analisava criticamente os traços do “caráter nacional” dessas nações e desses povos, uma disciplina que, não raro, relativizava o próprio conceito de nacionalidade, de representar um perigo? Neste passo, isto é, neste plano ideológico (onde temos que considerar ideologia em seu significado pleno de falsa consciência), assim como neste contexto emocional, aninhava-se, de fato, o motivo da aversão e da antipatia que, desde o começo, açoitaram a comparatística adequadamente desenvolvida e aplicada.

Analogia entre a literatura comparada e as ciências da religião

Para esclarecer as dificuldades tão especialmente colocadas, é de grande ajuda, lançar mão da comparação com outras disciplinas comparatísticas que, semelhantemente à literatura comparada, também desenvolveram um perfil próprio no decorrer do século XIX: assim, por exemplo, a ciência das religiões comparadas. As analogias são claras: ao lado das teologias tradicionais, que instruíam seus “especialistas” sobre os seus próprios dogmas, a fim de formar peritos e representantes de uma crença específica, surgiu a nova especialização, que colocava diferentes confissões lado a lado, e as estudava de um ponto de vista supra-confessional, isto é, comparava-as umas às outras, bem como examinava o que uma confissão devia à outra, ou seja, que relações mútuas existiam, realmente, entre elas. Tudo isto aconteceu dentro da convicção de que, em cada uma delas, se escondiam valores que deveriam ser respeitados, e cuja relevância científica, isto é, cujo significado não poderia ser posto em dúvida, a fim de contribuir para um melhor entendimento dos homens. Obviamente, isto implicou, simultaneamente, numa relativização de certos elos confessionais por parte dos cientistas da religião que trabalhavam comparatisticamente; também era evidente que isto, desde o começo, haveria de despertar antipatias e, certamente, não apenas naqueles que cultivavam a crença de que a salvação só poderia ser encontrada numa única religião. A luta que especialistas, como Ernest Renan e Alfred Loisy, tiveram que travar no mundo católico, mas também personalidades, como David Friedrich Strauss, Rudolf Otto, Friedrich Heiler e muitos outros em países protestantes, demonstra isso suficientemente.

A comparatística entre as Guerras Mundiais

É inútil continuar a dizer que a comparatística, enquanto ciência da literatura e da cultura comparadas e enquanto disciplina particularmente livre de ideologias, que se concentra na problemática das nacionalidades europeias e de suas relações mútuas, dispõe, mais do que qualquer outra ciência humana, de possibilidades especiais de contribuir para uma verdadeira melhora mundial das relações políticas entre os homens no nosso “planeta cada vez menor”.

Por isso, não é de admirar que, logo depois da Primeira Guerra Mundial, tenha surgido a ideia de ligar esta nova disciplina à concreta política de paz entre os povos que, no espírito do *plus jamais de guerre!*¹⁰⁰ deveria colaborar para a construção de um futuro mundo melhor. Foi a época em que a *Revue de littérature comparée* publicou com regularidade artigos sobre *la littérature comparée et la Société des Nations et les relations intellectuelles*, *Société des Nations et coopération intellectuelle*¹⁰¹, etc. etc. Também foi a época em que Léon Bourgeois, a pedido da Liga das Nações, endereçou uma carta ao comparatista parisiense Fernand Baldensperger, na qual falava sobre *(la) parenté entre l'oeuvre générale de la Société des Nations et l'oeuvre particulière que vous poursuivez*¹⁰².

Estes planos chegaram ao fim junto com a velha Liga das Nações e, agora, nós entendemos melhor por quê. Tudo isso padecia, evidentemente, de uma superficialidade, só mais tarde reconhecida: o idealismo que ligava os povos pesquisados não ousava abranger o problema central de toda a nossa problemática envolvendo a questão da nacionalidade, nem ousava analisá-lo livre de ideologias. Ao invés de se perguntar diretamente o que deveria ser entendido em conceitos como “povo”, “nação”, etc., e ao invés de se colocar a própria consciência de nacionalidade em discussão, a fim de problematizar a própria existência de nossas nações europeias, simplesmente passava-se por cima destas perguntas fulcrais.

O desenvolvimento que a comparatística francesa conheceu por volta do período final da Segunda Grande Guerra, no sentido da elaboração teórica de certos pontos necessários aos programas, abriu novos caminhos. Pensamos, naturalmente, na imagologia literária que, partindo da ideia fundamental de toda a comparatística (isto é,

¹⁰⁰ - (guerra nunca mais!)

¹⁰¹ - (a literatura comparada e a Sociedade das Nações e as relações intelectuais, Sociedade das Nações e cooperação intelectual).

¹⁰² - (o parentesco entre a obra geral da Sociedade das Nações e a obra particular que perseguiu.)

da experiência da alteridade no âmbito de comunidades multinacionais), não apenas pôde relativizar a imagem de outros países, como também mostrou talvez o único caminho possível para a análise das formas essenciais de uma *conscience nationale*, isto é, de uma consciência nacional: estamos falando da possibilidade de descobrir e reconhecer em seu significado e alcance totais tanto heteroimagens quanto autoimagens, que têm um papel importante nesse mecanismo internacional - na verdade, com o objetivo de relativizar o conceito de nacionalidade, no passado, tão frequentemente perturbador - a fim de, realmente, superar certas fronteiras, através da pesquisa da ideia que uma cultura tem da outra em sua literatura (e também de si mesma em relação a outras).

Marius-François Guyard denominou esta imagologia de *domaine d'avenir*¹⁰³ em sua *Littérature Comparée* do ano de 1951. Apoiava-se em estudos como os de seu professor Jean-Marie Carré sobre *Les écrivains français et le mirage allemand* (1947), onde eram apresentadas, de modo convincente, as relações intelectuais franco-alemãs (e indiretamente também políticas) desde o Romantismo até a eclosão da Segunda Grande Guerra, e onde era mostrado como estas relações tinham ficado, à época, sob a influência de Mme de Staël ou, pelo menos, de ficções baseadas nas ideias de uma Alemanha “romântica” e de uma França “clássica”.

Através de Carré compreendeu-se melhor, tanto a simpatia nutrida em relação à Alemanha por personalidades como Romain Rolland e Jean Giraudoux, quanto a hostilidade de um Maurice Barrés.

E um movimento como a *Action Française* que, ao lado de toda a aversão anti-romântica para com tudo o que provinha do “oriente”, alimentava afinal estruturas de pensamento autoritário que se assemelhavam, de uma maneira quase grotesca, aos modelos ditatoriais do odioso território germânico, movimento este que aparecia, aqui, com toda a clareza como consequência dos debates, sempre carregados de imagens já criadas ou em formação, ocorridos na França durante gerações, debates que discutiam os lados positivos e negativos do movimento romântico na Europa, visto como essencialmente germânico ou anglo-germânico.

Sobretudo foi possível apontar o verdadeiro significado que a formação de imagens no campo da literatura, durante o processo de consolidação das noções de “nação”, “povo”, etc. tinha tido na Europa - especialmente desde o período do assim

¹⁰³ - (campo futuro de pesquisa).

chamado Pré-Romantismo - assim como foi possível apontar o papel, há muito desvalorizado, que determinados processos, durante muito tempo tidos como puramente literários, desempenharam nesse desenvolvimento. E isto implicava numa relativização unívoca dos modelos de pensamento nacional, surgidos com estes processos.

Os espaços fronteiriços enquanto espaço privilegiado da comparatística

Está claro que, para a pesquisa de tais relações, prestam-se especialmente aqueles territórios da Europa, em que diversos blocos nacionais mantêm contato ou se entrecortam. E não é por acaso que os impulsos para o desenvolvimento da comparatística europeia tenham surgido a partir de tais regiões. Uma olhada no desenvolvimento da disciplina mostra-nos até mesmo que muitos dos seus até agora mais importantes representantes, ou provêm de tais regiões fronteiriças, ou com elas entraram em contato pelas circunstâncias da vida. O espaço “Benelux”: coloca-se igualmente aqui, e constitui-se mesmo num caso ideal para a problematização do próprio conceito de nacionalidade. Salta muito facilmente aos olhos que, aqui, também a literatura ou a vida literária não desempenham um papel pouco importante, que se trata de uma imagem espelhada do papel da literatura no desdobramento do nacionalismo dos blocos maiores. Os primeiros pontos de partida já se oferecem em designações obscuras ou duplas como “Flandres”, “Holanda”, “Países Baixos”, etc. que podem evocar associações extremamente divergentes, não só nas traduções para outras línguas (juntamente com a divulgação internacional de suas literaturas), mas também nos seus originais em língua neerlandesa ou francesa. Além disso, acrescenta-se a evolução das ideias de nacionalidade que obrigam, por fim, a exclusões mútuas, de modo que só a designação da proveniência “nacional-literária” dos autores já leva a notáveis complicações; e tudo isto ligado a ideologias e a anseios que, em processos da vida literária, conheceram não apenas abafamento, mas estímulo e, muito frequentemente, até mesmo suas origens.

Recordemo-nos, por exemplo, do modo como certos autores belgas, depois de 1830, ambicionaram expressar, através do seu trabalho, uma *âme belge*¹⁰⁴ que deveria consolidar a estrutura do estado belga, surgida há pouco, no sentido do pensamento nacional, e de como, em especial, os escritores da geração de 1880, que escreviam em francês, tentaram, através da valorização de aspectos específicos e de métodos eficazes

¹⁰⁴ - (alma belga).

da mundialmente conhecida pintura flamenga do passado, criar uma *littérature nationale* belga, que deveria igualmente fomentar uma consciência nacional belga. O que foi fomentado desta maneira foi, na verdade, a construção de uma autoimagem que se ajustava a uma heteroimagem, desenvolvida em países como a França e a Alemanha em relação à Flandres e que, em consequência, contribuiu diretamente para o sucesso internacional de autores flamengos que escreviam em francês, como De Coster, Verhaeren, Maeterlinck, Rodenbach, etc. e de escritores do território belga que escreviam em flamengo (ou neerlandês). Também se tornou significativa a maneira como - mesmo desde o Pré-Romantismo europeu - podiam ser produzidos os modelos nacionais de pensamento. Além do mais, o modelo aqui apresentado encontrava-se em inequívoca oposição ao outro modelo, oficialmente instaurado nem bem 100 anos mais tarde, de duas comunidades culturais autônomas dentro de uma estrutura de estado belga, isto é, de uma Flandres de língua neerlandesa e de uma Valônia de língua francesa. E isto coloca-se também em oposição direta à imagem de uma unidade cultural “natural” (porque se trata de comunidades linguísticas apoiadas no neerlandês) da Flandres e da Holanda, também conhecidas em uma terminologia rica em divergências, como Países Baixos do sul e do norte, que deveriam aparecer no exterior como uma entidade monolíngue e com uma vida literária igualmente monolíngue. Portanto, da lista dos diferentes modelos de cultura nacional desenvolvidos no correr dos últimos séculos - cada um por si - que encontraram uma lógica interna e, conseqüentemente, fomentadores e partidários, há 3 que, em solo comum, se excluíram mutuamente com toda a nitidez. Será que a região “Benelux”: (sem considerar as implicações daí advindas para as relações especiais com o atual Grão-Ducado de Luxemburgo) não constitui um modelo possível de território que se presta muito especialmente a demonstrar a relatividade destes modelos nacionais? A pergunta está bem longe de ser despropositada!

Além disso, deveria bastar uma observação mais aguda das diferentes entidades e modelos nacionais, formados em tais “regiões fronteiriças” no correr dos séculos, em associação com movimentos literários, para supor que o que designamos por “nação”, e até mesmo o que chamamos de “povo” tem, possivelmente, sua origem, não tanto na outricidade (*Anders-Sein*) dessas comunidades, mas muito mais no sentir-se outro (*Sich-Anders-Fühlen*) de um grupo num determinado momento histórico bastante específico. E talvez seja o fator essencialmente decisivo, até mesmo uma consciência de alteridade ativa entre os “povos”, resultante de traços de mentalidade passageiros e de condições

intelectuais e emocionais correspondentes, que fazem emergir estruturas imagotípicas as quais, desde o período do assim chamado Pré-Romantismo na Europa, designamos de elementos componentes de um “pensamento nacional”, que conduziram à problemática da nacionalidade; estruturas, caracterizadas tanto através de heteroimagens, como através de autoimagens, onde, em último caso, também se pode falar em “consciência nacional”, quando a autoimagem permanece viva e suficientemente aceita pela assim chamada comunidade nacional. Portanto, “nações” e “povos” não passam de meros modelos de pensamento, de caráter mais ou menos temporário, concretizados no espaço da história.

A dimensão política da comparatística atual

Já é tempo desta dimensão da comparatística, orientada no espírito do racionalismo crítico, ser finalmente reconhecida sem hesitações. Não se trata de uma comparatística feita para progredir através da análise comparada das características essenciais de literaturas europeias específicas - como muitos diletantes muito frequentemente a imaginaram, e como até mesmo ocasionalmente chegou a ser pensado dentro da própria disciplina (especialmente no período entre as duas guerras mundiais), a fim de se chegar ao conhecimento da “essência” diferencial das nações da Europa; trata-se, exatamente ao contrário, de uma disciplina que, em sua ambição para além fronteiras, e através de sua orientação supranacional, persegue o caráter genuíno, ou seja, no fundo, o caráter fictício da maioria das concepções europeias de “nação”, “povo”, etc., no que também se vê confrontada, então, de acordo com o grau de desideologização dessas ficções (e na verdade possivelmente até mesmo melhor do que outras ciências humanas) com a possibilidade de contribuir de modo substancial para o esclarecimento do verdadeiro significado de uma certa “solidariedade” regional das pessoas (ou seja, para o significado do verdadeiro alcance da carência de determinados sentimentos de proteção num determinado grupo). Também já é tempo do saber angariado em torno dessas possibilidades reprimidas da comparatística que, até então, se restringiam, e de modo periférico, às ciências que apenas tratavam da literatura, atingir um público bem mais amplo na Europa. Assim como também é tempo de encontrar veículos adequados para transmitir nas escolas os resultados já alcançados por esta comparatística de cunho científico, esta comparatística que fomenta o *esprit européen*, que os adultos de amanhã ainda não puderam ter a contento, e de que nós precisamos

tão urgentemente. E também já é tempo deste tipo de comparatística, consciente de suas dimensões e possibilidades políticas, integrar certas linhas de pesquisa multinacionais já existentes, a fim de não se perderem mais, pelos anos afora, em nosso próprio continente, em nosso próprio “laboratório-Europa”, as possibilidades desta valiosa (importante não só para a Europa) contribuição para o desenvolvimento de nossa multinacionalidade.

FIM